

ALFRED RUSSEL WALLACE

O ASPECTO CIENTÍFICO DO SOBRENATURAL

BIBLIOTECA DE CIÊNCIA E ESPIRITISMO



publicações
LACHAÛRE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Alfred Russel Wallace

O Aspecto Científico Sobrenatural

Traduzido do inglês
The Scientific Aspect of Supernatural
1866

Conteúdo resumido

The Scientific Aspect of Supernatural é o título original desta obra, cuja a primeira edição é de 1866. A publicação foi recebida com frieza pela comunidade científica, que tinha por ‘posição oficial’ considerar indignos de sua atenção os fenômenos mediúnicos. Esta é uma das razões que levou Wallace a condenar de forma tão repetida, no texto, a atitude dos críticos que descartavam a priori os fenômenos espirituais sem sequer conhecê-lo com clareza.

Sumário

Apresentação

I – Introdução / **8**

II - Milagres e a ciência moderna / **11**

III - Os milagres modernos vistos como fenômenos naturais / **22**

IV - Força-ódica, magnetismo animal e clarividência / **30**

V - A evidência da realidade das aparições / **49**

A Velha Mansão de Kent

Distúrbios em Cideville, França

VI - Espiritualismo Moderno: evidência dos homens de ciência / **61**

VII - Evidências de literatos e profissionais para os fatos do "Espiritualismo Moderno" / **73**

VIII - A teoria espiritualista / **88**

IX - Os ensinamentos morais do espiritualismo / **97**

X - Notas de evidências pessoais / **110**

1 - Fenômenos durante o transe magnético

2 - Fenômenos durante o estado de vigília

3 - Experiências e testes dos fenômenos espirituais

Quem foi Alfred Russel Wallace? / **131**

Referências Bibliográficas / **143**

Apresentação

Jader dos Reis Sampaio

Este é o primeiro livro de Alfred Russell Wallace sobre o espiritualismo, escrito originalmente na Inglaterra do século XIX. A primeira coisa que ocorreu ao tradutor, enquanto realizava o seu trabalho, foi a necessidade de apresentá-lo ao público brasileiro do século XXI. Em nosso país, nos dias de hoje, quem conhece Wallace deve espantar-se muito ao saber que ele era um defensor das idéias espíritas, e quem conhece o espiritismo talvez tenha ouvido falar de Alfred R. Wallace como um sábio do século XIX, mas possivelmente ignora que ele é o co-autor da teoria da evolução das espécies a partir da seleção natural, com ninguém menos que Charles Darwin.

Por que desconhecemos Wallace, enquanto qualquer estudante conhece Darwin nos dias de hoje? Como surgiu e se desenvolveu o chamado espiritualismo moderno na Europa? Foi tentando responder a estas questões que traduzimos este pequeno livro.

Conseguir um exemplar do livro Milagres e o espiritualismo moderno na língua inglesa consumiu cerca de um ano de procura, consultas pela Internet as principais livrarias do ramo, consultas aos acervos de bibliotecas brasileiras e uma solicitação aos fóruns espíritas que acontecem na rede, como e o caso do boletim do Grupo de Estudos Avançados Espíritas (GEAE). Quando já desistíamos da empreitada, uma livraria norte-americana conseguiu localizar uma coletânea de Wallace, que havia

tido republicada na década de 1970, em uma coleção de estudos psíquicos da Arpo Press.

Uma vez com o texto em mãos e o compromisso de um editor corajoso em publicá-lo, iniciamos a procura de dados biográficos mais detalhados, que nos permitiriam conhecer o homem e sua obra em sua época. Assim, o recém-lançado *Alfred Russel Wallace: A Life* (2001), escrito por Peter Raby, tornou-se uma importante fonte, mas ainda não conseguimos a esgotada autobiografia de Wallace - *My life*. Por outro lado tivemos a felicidade de poder contar com um site, muito bem construído pelo professor Charles Smith com cronologia, extensa revisão do que foi publicado por e sobre Wallace, extratos de artigos e entrevistas importantes, fotos e muitas outras informações.

The scientific aspect of supernatural é o título original deste ensaio cuja primeira edição é de 1866, algum tempo após o retorno de uma longa viagem de pesquisa (oito anos) que o naturalista realizou pelo arquipélago Malaio. A publicação foi recebida com frieza pela intelligentsia vitoriana, que tinha por ‘posição oficial’ considerar indignos de sua atenção os fenômenos mediúnicos. Esta é uma das razões que levou Wallace a condenar de forma tão repetida, no texto, a atitude dos críticos que descartavam a priori os fenômenos espirituais sem sequer conhecê-los com clareza.

No seu ensaio, Wallace fez uma síntese dos precursores do movimento espiritualista inglês: c) mesmerismo, a frenologia, (1) o sonambulismo provocado (clarividência) e o owenismo.(2) Ele mesmo fez experimentos com pessoas em estados alterados de consciência, como os seus jovens alunos ingleses, os índios que encontrou sua viagem pelo rio Amazonas e os diversos médiuns com quem teve contato.

Ele oferece ao leitor um apanhado dos principais livros sobre o tema e serviam de base ao conhecimento espiritualista, além de apresentar os médiuns, adeptos e simpatizantes do espiritualismo anteriores aos trabalhos de William Crookes e da fundação da Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Assim, as páginas de Wallace encerram os principais pontos da filosofia e dos ensinamentos morais do espiritualismo. Como conclusão, ele relata os fenômenos que testemunhou, sempre munido de suas qualidades de naturalista, atento aos detalhes e em constante debate com as propostas teóricas alternativas às que esposava.

(1) - Nota do tradutor: Escola de pensamento médico do século XIX que propunha o estudo do caráter e das funções intelectuais do homem com base na associação entre a conformação do cérebro e caixa craniana.

(2) – Nota do tradutor: Doutrina, proposta pelo reformador social Robert Owen que visava, entre outras coisas, a melhoria das condições de vida da população trabalhadora.

Como este livro se destina em parte ao público espírita, é fundamental explicar por que Wallace emprega tão amiúde as expressões ‘espiritualismo’ e ‘espiritualismo moderno’, uma vez que Kardec as considera imprecisas, proferindo a ‘espíritismo’, criada por ele e empregada desde a primeira edição de O livro dos espíritos. A expressão ‘espiritualismo moderno’, ou ‘novo espiritualismo’ foi empregada nos Estados Unidos da América, após os fenômenos de Hydesville e a publicação dos trabalhos de Andrew Jackson Davis, para designar o movimento que se formou com o objetivo de difundir os fenômenos e comunicações espirituais. Em 1852, os espiritualistas norte-americanos decidiram enviar médiuns de efeitos físicos para divulgar o movimento na Europa. Esta viagem deu destaque aos fenômenos e médiuns que já existiam no antigo continente, mas eram percebidos mais como uma forma de diversão do

que como algo digno de estudo e explicação por parte de cientistas e filósofos. (3) Apesar deste espírito de época, núcleos de espiritualistas se organizaram em diversos países europeus e talvez a Inglaterra seja a nação que melhor acolheu o movimento na Europa. Um dos convertidos ao espiritualismo foi o reformador social Robert Owen, fundador da Sociedade dos Religiosos Racionais.

(3) – Nota do tradutor: Zêus Wantuil escreveu um dos mais densos trabalhos sobre este período já publicado em nossa língua: *As mesas girantes e o espiritismo*.

Na França, o professor Rivail se interessou pelos fenômenos em virtude deste esforço dos espiritualistas, apesar de haver uma tradição local de swendenborguismo, magnetismo animal e sonambulismo clarividente, como se pode apreender da leitura da obra de Balzac. Rivail, entretanto, passada a curiosidade inicial, considerou o fenômeno como digno de estudos sérios e sistemáticos: após ter aceitado que inteligências incorpóreas influenciam as mesas girantes, começou a dialogar com tais inteligências e desta forma estabeleceu o principal fundamento dos trabalhos que, sob o pseudônimo Allan Kardec, desenvolveu até 1869, quando veio a falecer. Em um esforço de precisão e com o claro intento de separar o fruto de seu trabalho dessa mentalidade de diversão que envolvia o espiritualismo moderno na Europa, ele cunhou o termo ‘espiritismo’. O desenrolar da história acabou por dar centralidade ao trabalho de Kardec nos países de língua latina, mas os países de língua inglesa continuaram adotando a expressão ‘espiritualismo moderno’ como denominação do seu movimento. Hoje, existem mais de 400 sociedades espiritualistas nos Estados Unidos da América e mais de 500 nas ilhas britânicas.

A breve exposição de Wallace para a filosofia e o pensamento ético do espiritualismo moderno fez-nos perceber que há muitas semelhanças com o pensamento espírita kardequiano, algumas tão notáveis que o leitor desavisado poderia acreditar que se trata de algum excerto da obra da codificação kardequiana.

Por estas primeiras informações já podemos perceber que este pequeno livro nos permite recuperar esquecidos aspectos da trajetória do movimento espírita europeu.

Também por isso fomos levados a traduzir a presente obra para a língua portuguesa e voltar a publicá-la no início do século XXI. Deixo o leitor com uma breve narrativa datada de dezembro de 1886 e aposta ao exemplar oferecido por Alfred a sua irmã Fanny, mais tarde encontrado por Peter Raby:

Este livro foi escrito pelo meu irmão Wallace e, com 24 outros, encontrava-se sobre a minha mesa, onde havia estado durante quatro dias, e eu não tive tempo de doá-los. Uma manhã, eu estava sentada à minha mesa, escrevendo, deixei a sala por alguns minutos e, quando retornei, a embalagem de papel estava aberta e os livros estavam sobre as mesas e cadeiras em todas as direções. Imediatamente minha amiga médium e contei-lhe o acontecido, e foi-nos dito para escrever qual é o significado disto, então eu supus que eles deviam ser distribuídos e não ficarem aqui sem uso. Sim, sim, três pancadas, (4) e então foi ditada esta sentença: "Um para a rainha irmã Frances, eu o marquei." (5) Após isto, eu abri um dos livros e olhei pelas folhas e brevemente encontrei marcas com o creiom vermelho que eu tinha sobre a minha mesa. Então perguntei se ele podia fazer uma coisa enquanto o livro estava fechado: escrever meu nome sobre o

livro que estava sobre a mão, enquanto ai ele estivesse. Em alguns minutos eu abri o livro e encontrei Frances Wallace escrito. Eu disse agora: “querido espírito, escreva meu nome de casa”. Fechei o livro e em dois minutos abri-o novamente e o segundo nome era Frances Sims.

(4) - A comunicação parece ter sido por meio de raps e escrita direta.

(5) - Nota do tradutor: Naquela época, dois dos irmãos de Frances e Alfred já haviam desencarnado. Talvez se trate de Herbert que faleceu de febre amarela no Pará, em 1851.

Dezembro de 1866

I

Introdução

Nas páginas seguintes, apresento alguns poucos exemplos de evidências de fatos usualmente considerados milagrosos ou sobrenaturais e, por conseqüência, inacreditáveis. Antepus a essas evidências algumas considerações gerais sobre a natureza dos milagres e a possibilidade de que muito do que foi desacreditado como tal não é realmente milagroso, no sentido de implicar alguma alteração das leis naturais. Assim, eu repudiaria os milagres tão vigorosamente como o mais cético dos cétricos. Pode-se perguntar se eu vi pessoalmente qualquer das maravilhas narradas nas próximas páginas. Testemunhei fatos similares a algumas delas e satisfiz-me quanto à sua autenticidade, com o que não tenho o direito de rejeitar a evidência de fatos ainda mais maravilhosos testemunhados por outros.’(6)

(6) - No conhecido trabalho do falecido doutor Carpenter sobre ‘Fisiologia mental (p. 627), ele refere-se a mim, nominalmente como um dos que tem se

empenhado na proposição extraordinária de que, se admitimos a realidade dos fenômenos inferiores (Classe I, definidos como “aqueles que são conformáveis aos nossos conhecimentos prévio”), o testemunho que nós aceitamos como bom para estes deve nos convencer dos superiores (Classes II e III, definidos como “aquele que estão em direta contradição ao nosso conhecimento existente” etc.) Como ele se refere a passagem acima e as oito linhas que se seguem, meus leitores terão oportunidades de julgar a precisão da afirmação imprecisa do doutor Carpenter que diz que eu me refiro a diferentes classes de fatos, quando minhas palavras são “fatos similares”, mas os outros observados, a quem eu citei, testemunharam fatos muito mais notáveis da mesma classe, os quais eu, portanto, me sinto levado a aceitar com base em seu testemunho. Isto o doutor Carpenter distorce afirmando ser uma “proposição extraordinária”

Freqüentemente, um fato simples, novo e estranho é, em seu primeiro anúncio, tratado como milagre e nele não se acredita porque é contrário à ordem da natureza observada até o momento. Meia dúzia de tais fatos, no entanto, constitui, em si mesma, uma pequena "ordem da natureza". Eles podem não ser nem um pouco mais compreendidos que antes, mas deixam de ser considerados como milagres. Assim se dá com muitos milhares de fatos dos quais aqui selecionei alguns exemplos. Se apenas um ou dois forem considerados reais, todos os argumentos que se baseiam na "impossibilidade" e na "inversão das leis naturais" caem por terra. Eu pediria a qualquer homem desejoso de conhecer a verdade para ler os próximos cinco trabalhos cuidadosamente e, então, dizer se pode acreditar que a totalidade dos fatos descritos pode ser explicada pela fraude ou pela auto-ilusão. E que ele se recorde de que se apenas um ou dois são verdadeiros, deixa de haver qualquer presunção forte contra a verdade dos demais. Estes trabalhos são os seguintes:

- 1 - As pesquisas de Reichenbach sobre o magnetismo, eletricidade, calor, luz., em suas relações com a força vital;
- 2 - As cartas do doutor Gregory sobre o magnetismo animal;

3 - Footfalls on the boundary of another, (7) de R. Dale Owen;

NT - Passos na Fronteira de um novo mundo

4 - Experimental investigation of the spirit manifestations,(8) de Hare;

NT - Investigação experimental sobre as manifestações espirituais

5 - Incidents of my life, (9) de Home.

NT - Incidentes da minha vida

Todos estes livros são facilmente obtidos, exceto o quarto, que deve, contudo, ser encontrado na maioria das coleções de literatura sobre o ocultismo.

Acrescento uma lista de pessoas, cujos nomes menciono nas páginas seguintes, como tendo sido convencidas da verdade e realidade da maioria destes fenômenos. Suponho que se poderá admitir que sejam homens honestos. Se, então, estes fatos, que a maioria deles declara haver repetidamente testemunhado, nunca aconteceram, devo deixar a meus leitores a explicação do indubitável fato de estes homens acreditarem na realidade da melhor forma que se pode crer. Eu só posso fazê-lo supondo que estes homens bem conhecidos tenham sido feitos de tolos ou loucos, o que me é mais difícil que acreditar que são homens saudáveis, capazes de observar e de saber com certeza se foram ou não iludidos pelos fatos. Um homem sensato não irá declarar nem de leve, como muitos destes o fazem, não apenas que testemunhou o que outras pessoas consideram absurdo e incrível como também se sente moralmente certo de que não foi enganado sobre o que viu.

Lista

1. professor A. de Morgan, matemático e lógico;

2. professor Challis, astrônomo;
3. professor Wm. Gregory, doutor em medicina e químico;
4. professor Robert Hare, doutor em medicina e químico;
5. professor Herbert Mayo, doutor em medicina, membro da Sociedade Real de Ciências e Fisiologia;
6. senhor Rutter, químico;
7. doutor Elliotson, fisiologista;
8. doutor Haddock, médico;
9. doutor Gully, médico;
10. juiz Edmonds, advogado;
11. Lorde Lyndhurst, advogado;
12. Charles Bray, escritor de temas filosóficos
13. arcebispo Whately, clérigo;
14. reverendo W. Kerr, mestre em artes e clérigo;
15. Hon. Col. E.B. Wilbraham, militar;
16. SIR Richard Burton, explorador, lingüista e escritor;
17. Nassau E. Sênior, economista político;
18. W.W. Tchackeray, escritor;
19. T.A. Trollope, escritor;
20. R.D. Owen, escritor e diplomata;
21. W. Howitt, escritor;
22. S.C. Hall, escritor.

II

Milagres e a ciência moderna

Um milagre é geralmente definido como uma violação ou suspensão de uma lei da natureza, e como as leis da natureza são a mais completa expressão das experiências acumuladas pela espécie humana, Hume era de opinião que nenhum testemunho humano poderia provar um milagre. Strauss baseia todo o argumento de seu elaborado trabalho sobre a mesma base, a de que nenhum testemunho que venha até nós por meio do conhecimento de 18 séculos pode provar que estas leis foram alguma vez subvertidas, que a experiência unânime dos homens mostra agora ser invariável. A ciência moderna colocou este argumento em uma base mais ampla, demonstrando a interdependência de todas estas leis e considerando inconcebível que a força e o movimento, ou nada mais do que a matéria, possam ser absolutamente criados ou destruídos professor Tyndall em seu artigo sobre "A constituição do universo", publicado no *Forthnighly Review*, diz:

Um milagre é estritamente definido como uma invasão da lei da conservação da energia. (10) Criar ou aniquilar a matéria pressupõe, de todas as formas, um milagre: a criação ou aniquilação da energia seria igualmente um milagre para aqueles que compreendem o princípio da conservação.

(10) - Esta suposta definição de um milagre é uma pura suposição. Milagres não implicam qualquer "invasão da lei de conservação de energia", mas meramente na existência de seres inteligentes invisíveis a nós, capazes ainda de atuar sobre a matéria, como foi explicado anteriormente.

O senhor Lecky, em seu grande trabalho sobre o "Racionalismo", mostra-nos que durante os últimos dois ou três séculos houve uma disposição continuamente maior de se adotar pontos de vista seculares mais que teológicos, em história, política e ciência. As grandes descobertas da física na última metade do século empurraram esse movimento

com ainda maior rapidez e levaram a uma firme convicção, nas mentes da maioria dos homens instruídos, de que o universo é governado por leis amplas e imutáveis, às quais subordinam-se todos os fenômenos que possam ser classificados e contra as quais nenhum fato natural pode se opor. Se, contudo, definirmos milagre como uma contravenção a qualquer uma destas leis, deve ser admitido que a ciência moderna não tem lugar para ele; e nós não podemos ser surpreendidos com as muitas e variadas tentativas de escritores de opiniões amplamente opostas de dar a razão de ou explicar todos os fatos que, registrados na história ou religião, só poderiam ter acontecido supondo um agente miraculoso ou sobrenatural. Esta tarefa não tem sido fácil, de forma alguma. A quantidade de testemunho direto era favor dos milagres em todos os tempos é muito grande. A crença nos milagres foi, até uma época relativamente recente, quase universal, e de modo geral é seguramente possível se certificar de que, das pessoas que estão mais firmemente convencidas da impossibilidade dos eventos considerados miraculosos, poucas pesquisaram ampla e honestamente a natureza e quantidade das evidências de que aqueles eventos realmente aconteceram, se é que alguma o fez. Sobre este tema, contudo, eu não desejo tratar agora. Parece-me que toda a base da questão foi de alguma forma mal colocada e mal compreendida, e que, em cada caso autêntico de um suposto milagre, pode ser encontrada uma solução que remove muitas de nossas dificuldades.

Uma falácia comum parece-me presente em todos os argumentos contra os fatos considerados miraculosos, quando se assegura que eles violam, ou invadem, ou subvertem as leis da natureza. Isto é realmente presumir mais

do que pode ser decidido, já que, se o fato em discussão realmente aconteceu, ele só poderia estar de acordo com as leis da natureza, já que, por definição, ‘lei da natureza’ é aquela que regula todos os fenômenos. A própria palavra ‘sobrenatural’, quando aplicada a um fato, é um absurdo; e a palavra ‘milagre’, se assim mantida, exige uma definição mais precisa do que a que tem sido dada dele. Recusar-se a admitir o que em outras situações seria evidência conclusiva de um fato, porque não pode ser explicado por aquelas leis da natureza com as quais estamos familiarizados, é na verdade sustentar que temos um completo conhecimento destas leis e que podemos determinar de antemão o que é ou não possível. Toda a história do progresso do conhecimento humano nos mostra que o controverso prodígio de uma era se transforma em fenômeno natural aceito na próxima e que muitos aparentes milagres eram decorrentes de leis da natureza subsequente descobertas.

Muitos fenômenos da mais simples feição pareceriam sobrenaturais aos homens que possuem conhecimento limitado. O gelo e a neve poderiam facilmente parecerem como tal aos habitantes dos trópicos. A subida de um balão pareceria sobrenatural a pessoas que nada conhecessem sobre as causas do seu movimento de ascensão; e nós poderíamos bem aceitar que, não há gás inflamável senão o ar atmosférico como sempre foi entendido, e se nas mentes de todos (filósofos e químicos incluídos) o ar fosse indissolúvelmente ligado à idéia de uma forma mais leve da matéria terrestre, o testemunho daqueles que viram um balão ascender seria desacreditado, sob as bases de que a lei da natureza seria suspensa se qualquer coisa pudesse ascender

livremente para a atmosfera, em direta contravenção à lei da gravidade.

Há um século, um telegrama a três milhas de distância ou uma foto tirada em uma fração de segundo não seriam considerados possíveis, e não se acreditaria em qualquer testemunho, exceto pelo ignorante e supersticioso que acreditasse em milagres. Há cinco séculos, os efeitos produzidos pelo moderno telescópio e pelo microscópio seriam considerados miraculosos e, se fossem apenas relatados por viajantes como existentes na China ou no Japão, seriam certamente desacreditados. O poder de mergulhar a mão em metais derretidos sem machucar-se é um caso notável de efeito de leis naturais que parece contrapor-se a uma outra lei natural; e é um caso que certamente deve ter sido, e provavelmente foi, considerado como um milagre, e o fato foi acreditado ou não, não importa a qualidade ou quantidade dos testemunhos sobre ele, mas de acordo com a credulidade ou o conhecimento supostamente superior do ouvinte. Há cerca de 50 anos, o fato de operações cirúrgicas poderem ser realizadas em pacientes em transe mesmérico sem que eles tivessem consciência da dor foi extremamente condenado pela maioria dos cientistas e médicos neste país, e os pacientes, e em algumas vezes os cirurgiões, foram denunciados como impostores. O fenômeno em questão foi considerado contrário às leis da natureza. Agora, provavelmente todo homem inteligente acredita nos fatos, e que deve haver alguma coisa como uma lei desconhecida da qual eles são uma consequência. Quando Castellet informou Réaumur de que havia cultivado bichos-da-seda a partir dos ovos postos por uma mariposa virgem, a resposta foi *Ex nihilo nihil fit*

(11) e o fato foi desacreditado. Era contrário a uma das mais amplas e mais bem estabelecidas leis da natureza; agora ele é universalmente considerado verdadeiro e a suposta lei deixou de ser universal. Estas poucas citações irão permitir-nos entender como milagres conhecidos devem ter acontecido em virtude de leis da natureza ainda desconhecidas. Nós sabemos tão pouco sobre o que as forças da vida realmente são, como elas agem ou podem agir e em que grau está a sua capacidade de transmissão de um ser para outro, que seria realmente temerário afirmar que sob nenhuma condição excepcional poderiam acontecer fenômenos, tais como as curas aparentemente miraculosas de muitas doenças ou a percepção de outros canais além dos sentidos ordinários.

(11) - Nota do Tradutor: “Do nada, nada foi feito”

Para ilustrar o quão gradualmente o natural envolve o miraculoso e o quão facilmente nossas crenças são determinadas por idéias preconcebidas, mais que por evidências, considerem-se alguns casos.

Há 40 anos apareceu no London Medical Times o relato de um experimento sobre quatro russos que foram condenados à morte. Fizeram-nos dormir, sem que o soubessem, em um leito onde pessoas morreram de cólera epidêmica, mas nenhum deles ficou doente. Depois disso, foi-lhes dito que eles deveriam dormir em camas de pacientes de cólera, mas foram colocados em camas perfeitamente limpas e saudáveis. Então, três deles infectaram-se com a doença em sua forma maligna e morreram em um período de quadro horas.

Cerca de 200 anos atrás, Valentine Greatrak curou pessoas de diversas doenças tocando-as com suas mãos. O

reverendo doutor R. Dean, em um relato de suas observações pessoais, informa:

- Estive três semanas junto com ele em meu Lord Conway (12) e o vi pousar suas mãos sobre (creio eu) mil pessoas: e realmente há algo nele mais que o comum, mas estou convencido de que não era miraculoso. Eu vi a surdez ser curada por seu toque, feridas dolorosas de muitos meses cicatrizarem-se em alguns dias, obstruções, e constipações serem removidas, e nódulos cancerosos no peito serem dissolvidos.

(12) - Nota do tradutor: jardim irlandês de interesse histórico.

Esmagadoras são as evidências destas curas, detalhadas por testemunhas oculares de grande caráter e capacidade, mas não podem ser apresentadas aqui.

Destes dois casos, o primeiro será geralmente acreditado e o segundo, desacreditado. O primeiro é supostamente um efeito natural da "imaginação", o segundo é geralmente tomado como sendo de natureza milagrosa. Para se atribuir qualquer efeito físico definido à imaginação, basta apresentar os fatos e ocultar a nossa completa ignorância das causas ou leis que os governam. E, para sustentar que é possível não haver nenhum poder curativo no contato repetido com um ser humano constituído de forma peculiar -, quando a analogia dos fatos admitidos do mesmerismo prova quão poderosos e curiosos são os efeitos de um ser humano sobre o outro -, parece haver um grande grau de presunção em nossa atual e quase completa ignorância da relação da mente com o corpo.

Mas será objetado que é apenas a classe menos importante dos milagres que pode ser possivelmente explicada desta maneira. Em muitos casos diz-se ter sido a

matéria morta dotada com força e movimento, ou ter sido subitamente aumentada imensamente em peso e volume; diz-se que coisas não terrestres apareceram na terra e que o progresso ordenado dos grandes fenômenos da natureza foi subitamente interrompido. Uma característica da maioria dos milagres desta classe reputada é que eles parecera implicar a ação de outro poder e inteligência que os dos indivíduos aos quais tal poder miraculoso é vulgarmente atribuído. Um dos mais comuns e bem atestados destes fenômenos é o movimento de vários corpos sólidos na presença de muitas testemunhas, sem qualquer causa descoberta. Ao lerem-se os relatos destas ocorrências por testemunhas oculares, um pequeno detalhe pontual freqüentemente ocorre: um objeto parece ser atirado ou cair subitamente, ou ainda cai suavemente e sem barulho. Este ponto curioso é encontrado em antigos julgamentos de feitiçaria, assim como nos mais modernos fenômenos de casas assombradas ou do espiritualismo, e é notavelmente sugestivo que os objetos estão sendo carregados por um agente invisível. Para submeter tais coisas inteligíveis ou possíveis para o ponto de vista da ciência moderna, nós precisamos, contudo, poder valer-nos da suposição de que seres inteligentes possam existir, serem capazes de agir na matéria, embora eles mesmos sejam diretamente incognoscíveis pelos nossos sentidos.

Que seres inteligentes possam existir ao nosso redor, imperceptíveis, durante toda a nossa vida, e ainda serem capazes de fazer conhecida sua presença atuando na matéria sob certas condições, será inconcebível para alguns e posto em dúvida por muitos mais. Mas nos aventuramos a dizer que nenhuma especulação da ciência moderna irá condenar a

sua possibilidade. A dificuldade que esta concepção apresenta será de natureza completamente diversa daquela que obstrui nossa crença na possibilidade dos milagres, quando definidos como uma contravenção daquelas grandes leis naturais que a moderna ciência tende a declarar imutáveis e absolutas. (13) A existência de seres sencientes incognoscíveis pelos nossos sentidos não irá violar estas leis mais que a descoberta da natureza real dos Protozoa, aqueles organismos gelatinosos e sem estrutura que exibem muitos dos fenômenos superiores da vida animal sem qualquer diferenciação de partes ou especialização de órgãos que as funções necessárias a vida animal parecem requerer. A existência de tais intelectos que vão além do humano, se provada, iria apenas adicionar uma outra e mais notável ilustração de quão pequena é a porção do grande cosmo que os nossos sentidos nos permitem conhecer. Provavelmente, mesmo os céticos sobre o assunto do sobrenatural, como Hume ou Strauss, não iriam condenar a concepção de tais inteligências ou a possibilidade abstrata de sua existência. Eles iriam talvez dizer: - Nós não temos suficientes provas do fato; a dificuldade de conceber seu modo de existência é grande; o homem mais inteligente passa sua vida inteira em total ignorância de qualquer dessas inteligências invisíveis: esta é a crença que prevalece entre os ignorantes e supersticiosos. Como filósofos, não podemos condenar a possibilidade do que você postula, mas precisamos ter a mais clara e satisfatória prova antes que possamos considerá-la como um fato.

(13) - Nota do Tradutor: Esta opinião acerca da ciência comum no século XIX não é mais partilhada em nosso século em função das descobertas da microfísica, que mostra limites às leis de Newton. Mesmo os epistemólogos que argumentam em defesa da unicidade da ciência aceitam o argumento de que o conhecimento científico é falível ante a mostra de evidências contrárias.

Mas pode-se argumentar que, ainda que tais seres existam, eles podem ser constituídos apenas de formas mais difusas e sutis da matéria. Como, então, eles poderiam atuar sobre corpos ponderáveis, como produziriam efeitos em tudo comparáveis àqueles que constituem os milagres tão conhecidos? As pessoas que assim objetam devem ser lembradas de que todas as mais poderosas e universais forças da natureza são agora atribuídas a insignificantes vibrações de uma forma de matéria quase que infinitamente atenuada e que, por meio das maiores generalizações da ciência moderna, os mais variados fenômenos naturais foram trazidos para estas forças recônditas. Luz, calor, eletricidade, magnetismo, e provavelmente vitalidade e gravitação, são considerados são mais que "modos de movimento" de um espaço preenchido pelo éter; e não há uma simples manifestação de força ou desenvolvimento da beleza que não seja derivado de um ou outro deles. Toda a superfície do globo foi modelada e remodelada, montanhas foram transformadas em planícies e planícies foram sulcadas e enrugadas em montanhas e vales, tudo isto por meio do poder das vibrações de calor etéreo colocadas em provimento pelo sol. Veios metálicos e cristais rutilantes incandesceram sob milhas de rocha e montanhas foram formadas por um conjunto distinto de forças desenvolvidas por vibrações do mesmo éter. Toda erva e flor que resplandecem na superfície da terra devem o seu poder de crescimento e vida àquelas vibrações que chamamos de calor e luz, enquanto em animais e no homem os poderes daquele maravilhoso telégrafo, cuja bateria é o cérebro e cujos fios são os nervos, são provavelmente devidos à manifestação de um ainda totalmente distinto "modo de movimento" no

mesmo éter difuso em todas as coisas. Em alguns casos podemos perceber os efeitos destas forças recônditas ainda mais diretamente. Vemos um ímã, sem contato ou impacto de qualquer matéria concebível pela nossa imaginação, como capaz de exercer força, superando a gravidade e a inércia, elevando e movendo corpos sólidos. Observamos a eletricidade na forma de uma luz que passa pelas fendas do carvalho sólido, irradiando-se do alto de torres e campanários elevados ou destruindo homens e feras, algumas vezes sem um corte. E estas manifestações de força são produzidas por uma forma de matéria tão impalpável que apenas por seus efeitos ela nos é conhecida. Com tais fenômenos em todos os lugares à nossa volta, nós devemos admitir que, se inteligências feitas do que podemos denominar uma natureza etérea existem realmente, não temos razão para negar que elas utilizem essas forças etéreas que são a fonte inesgotável que origina toda a força, todo o movimento e toda a vida na Terra. Nossos limitados sentidos e intelecto nos permitem receber impressões delas e traçar algumas das variadas manifestações do movimento etéreo sob fases tão distintas como a luz, o calor, a eletricidade e a gravidade; mas nenhum pensador ira por um instante sequer, afirmar que não são factíveis outros possíveis modos de ação deste elemento primordial. Para uma raça de cegos, o quão completamente inconcebível seria a faculdade da visão, o quão absolutamente desconhecido é a existência da luz e sua miríade de manifestações de forma, cor e beleza. Sem este único sentido, nosso conhecimento da natureza e do universo não seria uma milésima parte do que é. Por sua ausência, nosso intelecto se tornaria diminuto, nós não poderíamos dizer até onde se conhece; e nós deveríamos crer

que nossa natureza moral não poderia nunca ser amplamente desenvolvida sem ele e que dificilmente teríamos atingido a dignidade e a supremacia do ser humano. Ainda é possível, e talvez provável, que haja modos de sensação superiores aos nossos, como a visão o é ao toque e ao ouvido. No próximo capítulo, consideraremos o assunto das mais recentes descobertas do assim chamado sobrenaturalismo, baseados neste ponto de vista.

III

Os milagres modernos vistos como fenômenos naturais

Um argumento contra os milagres muito poderoso entre os homens de inteligência (e especialmente entre aqueles que se acostumaram com o amplo escopo das revelações da ciência moderna), é derivado do pressuposto prevalente de que, se reais, eles são atos diretos da divindade. Frequentemente, a natureza destes atos é tal que nenhuma mente educada pode por um momento imputá-los a um ser infinito e supremo. Poucos, se algum, dos famosos milagres nos parecem ser dignos de Deus; e é o próprio homem de ciência quem está melhor capacitado a formar uma concepção própria da distância e da dificuldade para aproximar-se de uma natureza dos atributos que devem pertencer à mente suprema do universo. Contudo, é estranho dizer que, na maioria dos casos, o homem de ciência é ilógico o suficiente para considerar as dificuldades desta pressuposição como um argumento válido contra a

existência dos fatos em questão, em lugar de ser apenas um argumento contra o modo de interpretá-los. Ele ainda toma esta objeção além, pelo igualmente infundado pressuposto de que quaisquer seres que possivelmente consigam produzir os fenômenos alegados devam ser de uma ordem mental superior e, portanto, se os fenômenos não estão de acordo com suas idéias da dignidade das inteligências superiores, ele simplesmente condena os fatos sem examiná-los. Ainda muitos dos que objetam admitem que a mente do homem provavelmente não é aniquilada com a morte e que, conseqüentemente, incontáveis milhões de seres estão constantemente passando para outro modo de existência e que, a menos que o milagre da transformação mental aconteça, eles devem continuar sendo muito inferiores. Portanto, qualquer argumento contra certos fenômenos terem sido produzidos por inteligências sobre-humanas, considerando a natureza trivial ou inútil de tais fenômenos, não traz qualquer real suporte lógico para a questão. A pressuposição de que todas as inteligências sobre-humanas são mais inteligentes que a média da humanidade é completamente gratuita e impotente para refutar fatos, da mesma forma que os oponentes de Galileu, quando afirmaram que os planetas não podiam exceder ao numero perfeito, sete, e que, portanto, os satélites de Júpiter não podiam existir. Vamos voltar às considerações da natureza provável e dos poderes destas inteligências sobre-humanas, cuja possível existência é meu objeto a ser sustentado no presente.

Eu tenho razões para supor que podem haver, e provavelmente há, outras (e talvez infinitamente variáveis) formas de matéria e modos de movimento etéreo além

daquele que os nossos sentidos nos permitem reconhecer, com base na primeira parte deste artigo. Nós precisamos então admitir que devem haver, e possivelmente há, organizações adaptadas para agir sobre e a receber impressões destas formas de matéria. No universo infinito devem haver possibilidades infinitas de sensações, cada uma tanto distinta das demais como a visão o é do paladar ou da audição, e tão capaz de estender a esfera de conhecimento e o desenvolvimento do intelecto daquele que a possui como o sentido da visão ao ser adicionado aos demais sentidos que possuímos. Seres de uma ordem etérea, se existirem, provavelmente possuem um ou mais sentidos da natureza acima indicada, o que lhes permite uma compreensão maior da constituição do universo e uma inteligência proporcionalmente ampliada a guiar e dirigir para fins especiais aqueles novos modos de movimento etéreo com os quais eles estariam aptos a lidar. Cada faculdade que eles possuem deve proporcionar os modos de ação no éter. Eles devem ter uma capacidade de movimento tão rápida quanto a luz ou a corrente elétrica. Devem ter uma capacidade de visão tão aguda quanto a dos nossos mais poderosos telescópio e microscópios. Devem ter um sentido de alguma forma análogo aos poderes de um dos últimos triunfos da ciência, o espectroscópio, e por meio dele são capazes de perceber instantaneamente a constituição íntima da matéria em cada uma de suas formas, seja em seres organizados ou em estrelas e nebulosas. Tais existências, possuidoras de poderes inconcebíveis para nós, não seriam sobrenaturais, a não ser em um sentido muito limitado e incorreto do termo. É se tais poderes são postos em ação de uma maneira a serem percebidos por nós, o resultado não seria um milagre,

no sentido em que o termo é empregado por Hume ou Tyndall. Não haveria qualquer "violação de uma lei da natureza", nenhuma violação da "lei de conservação da energia". Nenhuma matéria ou força seria criada ou aniquilada, mesmo que assim nos parecesse. Em um universo infinito, o grande reservatório de matéria e de força deve ser infinito; e o fato de um ser etéreo ser capaz de exercer força-extraída talvez do éter sem fronteiras, talvez das energias vitais dos seres humanos - e fazer seus efeitos visíveis a nós como uma aparente 'criação' seria um milagre tão real quanto o perpétuo crescimento de milhões de toneladas de água do oceano, ou o perpétuo exercício de força animal sobre a Terra, os quais nós apenas recentemente ligamos ao sol, e talvez de forma remota o sejam a outras e variadas fontes perdidas na imensidade do universo. Tudo continua sendo natural. As grandes leis da natureza ainda manteriam sua inviolável supremacia. Nós devemos apenas confessar, como um moderno homem de ciência, que "nossos cinco sentidos são nada mais que instrumentos toscos para investigar o imponderável", e deveríamos ver um novo e mais profundo significado nas muito citadas mas pequenas palavras cuidadosas do grande poeta, quando ele nos lembra que "há mais coisas no céu e na Terra que supõe a nossa filosofia". (14)

(14) - Nota do tradutor: Shakespeare, em Hamlet.

Pareceria então que, se meu argumento possui algum peso, que nada é contraditório nem absolutamente inconcebível na idéia de haver inteligências incognoscíveis de forma direta por nossos sentidos e capazes de agir mais ou menos poderosamente sobre a matéria. Para algumas mentes, sobre a existência de tais seres há apenas uma alta

improbabilidade, baseada na suposta ausência total de provas. Vindo provas diretas, parece que não haverá razão para que a maioria dos filósofos céticos se recuse a admitir sua existência. Seria apenas um assunto a ser investigado e testado como qualquer outra questão de ciência. As evidências teriam que ser colhidas e examinadas. Os resultados das pesquisas de diferentes observadores teriam que ser comparados. O caráter dos observadores quanto a conhecimento, exatidão e honestidade seriam ponderados e, no mínimo, alguns dos fatos confiáveis teriam de ser novamente observados. Apenas desta maneira todas as fontes de erro seriam eliminadas e uma doutrina de extraordinária importância seria considerada verdadeira. Eu proponho agora que se questione se tais provas foram dadas e se a evidência pode ser obtida por qualquer um que deseje investigar o assunto da única forma que a verdade pode ser alcançada: pela observação direta e pela experimentação.

Eis o primeiro fato. Durante os últimos 40 anos, enquanto as ciências físicas progrediram a passos largos e o crescente espírito de nacionalismo nos levou a questionar de forma geral todos os fatos de um caráter supostamente miraculoso ou sobrenatural, um número continuamente maior de pessoas mantém sua crença na existência daqueles seres da natureza que até agora nós temos postulado como uma simples possibilidade. Todas estas pessoas declaram que elas receberam diretas e repetidas provas da existência de tais seres. Muitas nos dizem que foram convencidas do contrário de suas idéias e pressuposições anteriores. Muitas destas pessoas eram materialistas, não acreditando na existência de quaisquer inteligências desconectadas de uma forma visível e tangível, nem na continuidade da existência

do homem após a morte. No presente momento, há provavelmente três milhões de pessoas nos Estados Unidos da América que receberam satisfatórias provas da existência de inteligências invisíveis; e, na Inglaterra, há muitos milhares que declarara a mesma coisa. Um grande número destas mesmas pessoas continuamente recebe novas provas na privacidade de suas casas, e tanto interesse desperta o assunto que quatro periódicos são publicados neste país, diversos no continente, (15) e um grande número na América, todos exclusivamente devotados a disseminar informações relacionadas à existência destas inteligências invisíveis e dos meios para se comunicar com elas. Uma pequena revisão na literatura especializada, que já é bastante extensa, revela o fato surpreendente de que esta revivescência do tão conhecido sobrenaturalismo não está confinada aos ignorantes ou supersticiosos, ou as classes mais baixas da sociedade. Ao contrário, é nas classes média e alta que a maior proporção de seus adeptos, é encontrada; e, entre os que se declaram convencidos da realidade dos fatos que tem sido classificados como milagre, há numerosos literatos, cientistas e profissionais qualificados que sempre mantiveram um caráter ilibado, estão acima de qualquer imputação de falsidade ou mistificação e nunca manifestaram qualquer traço de insanidade. Esta crença também não se acha confinada a qualquer seita ou partido. Pelo contrário, homens de todas as religiões e sem nenhuma religião são normalmente encontrados nas fileiras dos que acreditam; e, como já foi dito, muitos completamente cétricos à existência de quaisquer inteligências supernaturais no universo declararam que, pela força da evidência direta, eles

foram, apesar de sua vontade, compelidos a acreditar que tais inteligências realmente existem.

(15) - Nota do tradutor: No continente europeu.

Aqui está, com certeza, um fenômeno absolutamente único na história do pensamento humano. Ao examinar as evidências de prodígios similares ocorridos em épocas passadas, temos que fazer muitas concessões à educação primária e à quase universal crença pré-existente na possibilidade e freqüente ocorrência de milagres e aparições sobrenaturais. Nos dias de hoje, é um fato notório que, entre as classes instruídas - e especialmente entre estudantes de medicina e ciência -, o ceticismo para com tais assuntos é quase universal. Mas o fato mais extraordinário, absolutamente inconsistente com qualquer teoria de fraude, falsidade ou auto-ilusão, é que, durante os 47 anos que se passaram desde o renascimento, na América, de uma crença no sobrenatural, não houve um único indivíduo que tenha cuidadosamente estudado o assunto e ficado sem aceitar a realidade dos fenômenos, e conquanto milhares tenham sido convertidos à crença, nenhum de seus adeptos foi reconvertido à descrença. Enquanto os indivíduos peculiarmente constituídos, que são os médiuns (16) dos fenômenos, possam ser contados aos milhares, nenhum deles, em nenhum momento rejeitou a falsidade, se falsidade havia. E dos poucos que recebem pagamento para dar seu tempo aqueles que desejam testemunhar as manifestações, é de se notar que nenhum tenha ainda tentado ser o primeiro no mercado com uma história cheia de aparatos maravilhosamente engenhosos e extraordinária habilidade que tivesse sido utilizada para fazer de tolos os muitos milhões de pessoas, e para estabelecer uma nova literatura e

uma nova religião. Eles devem ser muito cegos para não verem que tal trabalho seria a mais rentável especulação.

(16) - Nota do tradutor: O autor usou o termo latino *media*, em lugar da palavra *médiuns*, cunhado por Kardec.

Se há uma coisa que a filosofia moderna ensina mais consistentemente que qualquer outra é que não há conhecimento a priori dos fenômenos naturais ou das leis naturais. Mas declarar que quaisquer fatos, testemunhados independentemente por diversas pessoas, sejam impossíveis, e agir de acordo com esta declaração a ponto de se recusar a examinar estes fatos quando a oportunidade se dá, é considerar certo este conhecimento a priori da natureza que já foi universalmente descartado. Um de nossos mais célebres homens de ciência cometeu este erro quando fez a afirmação infeliz de que, "antes de fazer algo para considerar qualquer questão envolvendo princípios físicos, precisamos estabelecer idéias claras sobre o que é naturalmente possível e impossível". Nenhum homem pode estar certo sobre estas idéias do possível, não importa o quão "claras" elas possam ser. Era "claramente impossível" às mentes dos filósofos em Pisa que um peso grande e um outro pequeno pudessem cair do topo de uma torre alta ao mesmo tempo; e, se este princípio possui qualquer utilidade, eles estariam corretos em descrever na evidência dos seus sentidos, que asseguravam a eles que isto aconteceu; e Galileu, que aceitou esta evidência, seria "não apenas ignorante com relação à formação de um julgamento, mas ignorante de sua ignorância", se usássemos as mesmas palavras desta autoridade eminente. Homens que repetidamente, e sobre condições que não deixam qualquer dúvida, testemunharam fatos evidentes que seus professores declaram não serem reais, mas recusam-se a provarem ser falsos pelo único meio

possível, que é o de um amplo e imparcial exame, podem ser desculpados por pensarem que o seu caso é semelhante ao de Galileu e seus oponentes.

A fim de que meus leitores possam julgar por si mesmos se a ilusão ou a fraude seria a melhor explicação para estes fatos, ou se realmente fizemos uma descoberta mais importante e mais extraordinária que qualquer outra que tenha honrado o século XIX, eu proponho que se tragam algumas testemunhas, cujas evidências é bom que se ouça antes que se faça um julgamento apressado. Eu trarei pessoas de destaque ligadas a ciência, à arte ou à literatura e cuja inteligência e integridade ao narrarem suas próprias observações estão acima de qualquer suspeita. Insistiria particularmente que nenhuma objeção geral tem qualquer peso contra a evidência direta de fato, especiais, muitos dos quais são de tal natureza que absolutamente não há escolha entre acreditar que eles aconteceram em ter que imputar a todos os que declaram tê-los testemunhado uma voluntária e proposital falsidade.

IV

Força-ódica, magnetismo animal e clarividência

Antes de começar a comentar sobre a evidência dessas pessoas que testemunharam fenômenos que, se forem reais, só podem ser atribuídos a inteligências sobre-humanas, é bom tomar nota de uma série de curiosas observações sobre os seres humanos que provam que certos indivíduos são

dotado de capacidades de percepção incomuns, algumas vezes por meio dos sentidos comuns que levam à descoberta de novas forças da natureza, algumas vezes de forma a não ser possível atribuí-las a nenhum poder anormal dos sentidos comuns, mas que implicam na existência de faculdades mentais de maneira análoga àquelas que são denominadas sobrenaturais e são atribuídas à ação de inteligências incorpóreas. Veremos que somos naturalmente levados a fenômenos superiores, e somos habilitados, de alguma forma, a atravessar o grande golfo entre o chamado natural e o sobrenatural.

Eu desejo inicialmente chamar a atenção do meu leitor para as pesquisas do barão von Reichenbach, como foram detalhadas na tradução do doutor Gregory para o seu elaborado trabalho. Ele observou que pessoas em uma condição nervosa peculiar experimentavam sensações bem definidas e demarcadas ao se exporem a ímãs e cristais, e na total escuridão viam emanações luminosas desses objetos. Depois, ele descobriu que numerosas pessoas em perfeita saúde e dotadas de intelecto superior podiam perceber os mesmos fenômenos. Por exemplo, posso afirmar que entre as numerosas pessoas examinadas pelo barão von Reichenbach estavam:

- o doutor Endlicher, professor de botânica e diretor do Jardim Botânico de Viena;
- o doutor Nied, médico de Viena, com extensa prática, muito ativo e saudável;
- o senhor Wilhelm Hochstetter, filho do professor Hochstetter, de Esslingen;

- o senhor Theodore Kotschy, clérigo, botânico, conhecido viajante na África e na Pérsia, homem forte, vigoroso e perfeitamente saudável;
- o doutor Huss, professor de clínica médica, em Estocolmo e médico do rei da Suécia;
- o doutor Ragsky, professor de química na Academia Joseph de Medicina e Cirurgia de Viena;
- o senhor Constantin Delhez, filólogo francês, residente em Viena;
- o senhor Ernest Pauer, consultor eclesiástico em Viena;
- o senhor Gustav Auschnetz, artista em Viena; e
- o barão Von Oberlaender, superintendente de florestas da Morávia.

Todos eles viram as luzes e as chamas em ímãs e descreveram os variados detalhes de seu tamanho, forma e cor, sua magnitude relativa nos focos positivo e negativo, e sua aparência sob várias condições, tais como as combinações de diversos ímãs, imagens formadas por lentes etc., e sua evidência confirmou exatamente as descrições já dadas por pacientes ‘sensitivos’ de uma classe inferior, cujo testemunho não foi aceito quando as observações foram inicialmente publicadas.

Além desses, o doutor Diesing, curador na Academia Imperial de História Natural em Viena, e o cavaleiro Humbert von Rainer, promotor de Klagenfurt, não viram os fenômenos luminosos, mas eram altamente sensíveis às várias impressões causadas por ímãs e cristais. Cerca de 50 outras pessoas em todas as condições de vida, de todas as idades e ambos os sexos, viram e sentiram os mesmos fenômenos. Em uma elaborada análise do trabalho de Reichenbach, no *British and Foreign Médico-Chirurgical*

Review, as evidências destes 19 cavalheiros, homens de posição e ciência, e três deles médicos, são completamente ignoradas, e é mais de uma vez afirmado que os fenômenos são subjetivos ou puramente imaginários. O único ponto do argumento a sustentar esta opinião é que um paciente mesmérico foi levado, por meio de sugestão, a ver luzes, com ou sem a presença do ímã. Parece-me que seria razoável dizer a Gordon Cumming ou ao doutor Livingstone que eles nunca viram um leão de verdade, porque, por sugestão, um certo número de pacientes mesméricos foi levado a crer que viu leões em uma sala de leitura. A menos que possa ser provado que Reichenbach e estes 12 cavalheiros não possuíssem nenhum senso suficiente para aplicarem testes simples (e o detalhamento dos experimentos mostra, todavia, que tais testes foram aplicados diversas vezes), eu não veja como as objeções genéricas feitas no artigo supramencionado, de que Reichenbach não é um fisiologista e que não aplicou testes suficientes, possam ter o mais leve peso contra a massa de evidências que ele citou. Não se pode creditar a ciência moderna que estas investigações elaboradas devam ser rejeitadas sem uma partícula de prova em contrário; e nós apenas podemos imputá-los ao caráter de mau gosto de alguns dos maiores fenômenos produzidos, e ao fato de que continua sendo costume dos professores de ciências médicas ignorá-los sem exame. Também fui advertido de que provou-se a Falsidade da teoria de Reichenbach com o uso de um eletroímã, e que o paciente não conseguiu dizer se a corrente estava ligada ou desligada. Mas o detalhamento deste experimento está publicado, e com que freqüência ele foi confirmado, e sob que condições? E se for verdadeiro em um caso, como ele afeta a questão

quando testes similares forem aplicados nos pacientes de Reichenbach, e como isto se aplica a fatos como este, que Reichenbach fornece literalmente as centenas? "O professor Endlicher viu, nos pólos de um eletroímã, chamas com a altura de 40 polegadas, trêmulas, exibindo um rico jogo de cores e terminando em uma fumaça luminosa, que subiu até o teto e o iluminou. (17) O mínimo que os negadores dos fatos podem fazer é solicitar a estes indivíduos bem conhecidos que forneceram suas evidências a Reichenbach para repetirem os experimentos novamente sob condições exatamente similares, e não há dúvida de que é no interesse da ciência que eles aceitariam fazê-lo. Se então, por sugestão, eles todos fossem levados a descrever imagens igualmente bem definidas e variadas quando apenas falsos ímãs fossem usados, as chamas ódicas e outros fenômenos seriam considerados completamente duvidosos. Mas, à medida que apenas falsas afirmações são feitas e o corpo dos fatos - testemunhados por homens pelo menos iguais aos seus oponentes em experiência científica - é deixado intacto, nenhum preconceito individual pode impedir o reconhecimento das pesquisas que Reichenbach realizou sobre a existência de uma vasta e conexa série de novos e importantes fenômenos naturais. Na Inglaterra, doutores Gregory e Ashburner afirmaram terem repetido diversos dos experimentos de Reichenbach sob condições de teste e os consideraram bastante precisos.

(17) - Tradução de Gregory, p.342.

O falecido senhor Rutter, de Brighton, fez, de forma independente um certo número de experimentos curiosos que ele detalhou em seu pequeno trabalho sobre "Correntes Magnetizadas e o Magnetoscópio" e foram observados por

centenas de médicos e cientistas. Rutter mostrou que, nos vários metais e em outras substâncias, o contato de uma mão masculina ou feminina, ou até de uma carta escrita por um homem ou uma mulher, produzia efeitos distintos no magnetoscópio. E uma simples gota d'água de um vidro no qual um glóbulo homeopático tivesse sido dissolvido causava um movimento característico no instrumento quando pingada sobre a mão do operador, até mesmo quando ele desconhecesse a substância empregada. O doutor King corroborou estes experimentos e afirma ter visto um decilionésimo de um grão de sílex e um bilionésimo de um grão de quinino causarem movimento neste aparelho. Todo cuidado foi tomado na condução dos experimentos, que eram igualmente bem-sucedidos quando um terceiro era colocado entre o senhor R. e o magnetoscópio. Ímãs e cristais também produziram efeitos poderosos, como foi indicado por Reichenbach. Ainda assim, os experimentos do senhor Rutter, como os de Reichenbach, são ignorados por nossos cientistas, embora, durante muitos anos, eles tenham oferecido acesso às suas investigações.(18)

(18) - O doutor Carpenter (*Fisiologia mental*, p. 287) afirma que os experimentos do senhor Rutter foram considerados falácias pelo dr. Madden, que pensa que, a menos que eles conhecessem a substancia empregada, nenhuma indicação definitiva deveria ser feita. Mas isto apenas prova que diferentes operações possuem diferentes graus de capacidade. E o doutor Carpenter muito desonestamente omite três classes de testes feitas pelo senhor Rutter. Em uma, um cristal é colocado em um pedestal totalmente isolado do instrumento ou da mesa na qual ela está. Ainda assim, quando é tocado, ele coloca o pendulo em movimento; e a direção do movimento muda da mesma forma em que a direção do eixo do cristal é mudada (*Eletricidade humana de Rutter*, p. 151). Novamente, quando o pendulo adquiriu o seu impulso (momentum) máximo, seja ele rotatório ou oscilatório, leva de sete a dez minutos para voltar a um estado de descanso. Mas se qualquer peça de osso ou outro material de animal morto é colocado na mão do operador, o pendulo para de oscilar bruscamente em cinco ou 20 segundos; uma proeza que não pode ser realizada voluntariamente por qualquer quantidade de “atenção expectante” (op. cit. p. 147). Novamente, o conhecimento da substancia aplicada nele é necessário para todos os operadores a fim de produzir resultados corretos e definitivos. O que pensar de um escritor que se apresenta como

um mestre para ensinar ao público e estabelece diante dele uma análise parcial, tecendo considerações sobre apenas parte das evidências?

O caso de Jacques Aymar, cujas capacidades foram por ele mesmo e por outras pessoas a uma varinha mágica, mas que eram evidentemente pessoais, é um dos melhores registros comprovados e prova indiscutivelmente que ele possuía um novo sentido em algum grau, assemelhando-se a muitos outros clarividentes. O senhor Baring-Gould, em seus Mitos da Idade Média, fornece-nos um completo relato do caso com uma referência as autoridades originais. Elas são o senhor Chauvin, doutor em medicina que foi testemunha ocular e publicou sua narrativa, o senhor Pauthot, deão da Faculdade de Medicina em Lyon e os autos do procurador do rei. Vamos ao resumo dos fatos. A 5 de julho de 1692, um comerciante de vinhos e sua esposa foram assassinados e os corpos encontrados no porão de sua casa, em Lyon. Seu dinheiro havia sido levado. Uma machadinha ensangüentada foi encontrada ao lado dos corpos, mas nenhum sinal dos assassinos foi descoberto. Os oficiais de justiça estavam completamente perdidos quando foram informado sobre um homem, chamado Jacques Aymar, que em Grenoble, há quatro anos, havia descoberto um ladrão inteiramente insuspeito do crime. O homem foi conduzido ao porão, onde sua varinha foi violentamente agitada e seu pulso se alterou, como se ele estivesse com febre. Então ele saiu da casa e começou a andar pelas ruas como um cão, farejando uma pista. Cruzou o pátio do palácio do arcebispo e desceu junto ao portão do Ródano, quando, já sendo noite, a procura foi abandonada. No dia seguinte, acompanhado por três policiais, seguiu a trilha abaixo do rio até a cabana de um jardineiro. Declarou que havia seguido três assassinos, mas que apenas dois haviam entrada na cabana, onde, segundo

sua declaração, eles haviam sentado em uma mesa e beberam vinho de uma certa garrafa. O proprietário declarou positivamente que ninguém havia estado lá, mas Aymar, ao testar cada indivíduo na casa, encontrou duas crianças que haviam estado em contato com os assassinos. Relutantemente, elas confessaram que, na manhã de domingo, quando estavam sozinhas, dois homens entraram subitamente, assentaram-se e tomaram vinho da dita garrafa. Então Aymar continuou descendo o rio e descobriu os lugares onde eles dormiram e as cadeiras ou bancos que usaram. Após algum tempo, ele alcançou o campo militar de Sablon e finalmente chegou a Beaucaire, onde os assassinos separaram-se, mas ele seguiu um deles até a prisão e, entre 14 ou 15 prisioneiros indicou um corcunda (que havia estado apenas uma hora na prisão) como o assassino. Ele protestou sua inocência, mas, ao ser levado de volta pela estrada, foi reconhecido em todas as residências que Aymar havia previamente indicado. Isto o confundiu de tal forma que ele confessou o assassinato e foi executado.

Durante este experimento maravilhoso, que durou diversos dias, Aymar foi sujeito a diversos testes pelo procurador-geral. A machadinha com a qual o assassinato foi praticado, com três outras exatamente iguais a ela, foram secretamente enterradas em diferentes lugares de um jardim. O adivinho foi trazido e sua vara indicou onde a arma ensangüentada estava enterrada, mas não mostrou qualquer sinal de onde estavam enterradas as outras. Novamente, elas foram totalmente desenterradas e enterradas mais uma vez, e o promotor da província pessoalmente cobriu os olhos de Aymar e o conduziu ao jardim, com o mesmo resultado. Os dois outros assassinos foram seguidos posteriormente, mas

eles haviam fugido da França. Pierre Garnier, médico da Faculdade de Medicina de Montpellier, também apresentou um relatório contendo vários testes aos quais Aymar se submeteu, realizados por ele mesmo, pelo general e por dois outros cavalheiros, para detectar impostura, mas eles falharam ao tentarem descobrir qualquer sinal de fraude, e ele seguiu a trajetória de um homem que havia roubado o general há alguns meses, apontando o lado exato de uma cama na qual ele havia dormido com outro homem.

Aqui está um caso que se pode considerar demonstrado: a investigação foi conduzida sob os olhos de magistrados, policiais e médicos, e resultou na descoberta de um assassino e do caminho percorrido por ele, com muito mais precisão do que qualquer cão de caça seguindo um escravo fugitivo. Ainda assim, o senhor Baring-Gould chama o homem de impostor e fala de seu comprometimento e queda. E em que bases tais termos tão duros são usados? Simplesmente porque, em um período posterior, quando trazido a Paris para satisfazer a curiosidade por seus feitos, seus poderes o abandonaram e ele parece ter sofrido falsas impressões ou ter dito mentiras para sustentar o seu desejo de poder. Mas como isto afeta esta questão? O fato de ele ter falhado em Paris, ou de não possuir nenhum poder extraordinário iria certamente provar que não podia haver qualquer impostura no caso anterior, quando ele passou por todos os testes e, em vez de falhar, acertou. Ele só pode ser considerado um impostor no caso antecedente se provar-se que todas as testemunhas são também impostores, ou demonstrar-se que não houve qualquer crime ou elucidação. Isto, contudo, nem o senhor Baring-Gould ou ninguém mais tentou fazê-lo, e nós devemos concluir que o assassino foi realmente

descoberto por Jacques Aymar da forma descrita, e que ele, sem dúvida, possuía o equivalente a um novo sentido, de muitas formas semelhante aos poderes de alguns clarividentes modernos.

O assunto do magnetismo animal continua controvertido entre os homens de ciência e muitos dos fenômenos considerados associados a ele beiram muito proximamente, se não alcançam, e que é chamados de sobrenatural. Assim, desejo dar algumas ilustrações dos fatos pelos quais eles são sustentados. Irei citar inicialmente a prova do doutor William Gregory, antigo professor de química da Universidade de Edimburgo, que por muitos anos realizou pesquisas pessoais sobre este assunto e registrou-as em suas Cartas sobre o magnetismo animal, publicadas em 1851. Os fenômenos mais simples, usualmente chamados de hipnotismo e eletrobiologia, são agora universalmente considerados reais, embora nunca se deva esquecer de que eles também tiveram que encontrar o seu caminho por entre as mesmas acusações, negações e imputações que agora são feitas contra a clarividência e o frenomesmerismo. Os mesmos homens que advogaram, testaram e estabeleceram a verdade de fatos mais simples afirmam que tiveram que fazer o mesmo pelos fenômenos superiores; a mesma classe de homens de ciência e medicina, que uma vez condenaram os primeiros, agora condenam os últimos. Vamos ver, então, se as evidências de uns são tão boas como as dos outros.

O doutor Gregory define diversos estágios de clarividência, algumas vezes existentes no mesmo paciente, algumas vezes em diversos. A divisão principal, contudo está em 1 - simpatia ou leitura de pensamento, e 2 - clarividência real. A obviedade da primeira é tão manifesta, é encontrada

em quase todo lugar e é admitida de forma tão geral que eu não ocuparei espaço dando exemplos, embora ela ainda continue, creio eu, condenada pela maioria dos fisiologistas materialistas. Nós iremos, contudo, deter nossa atenção em várias fases da clarividência verdadeira.

O doutor Haddock, residente em Bolton, possui uma muito notável clarividente (E.) notável sob seus cuidados. O doutor Gregory diz que, "depois que voltei a Edimburgo, tive comunicações freqüentes com o doutor H. e tentei muitos experimentos com este sujeito notável, enviando espécimes de escrita, mechas de cabelos e outros objetos, que sabia serem totalmente desconhecidos ao dr. H., e em cada caso, sem exceção, E viu e descreveu com precisão as pessoas a quem se referiam" (p. 403).

O baronete sir Walter C. Trevelyan recebeu carta de uma dama em Londres que mencionava a perda de um relógio de ouro. Ele enviou a carta ao doutor H. para ver se E. podia localizar o relógio. Ela descreveu a dama detalhadamente, sua casa e mobília com precisão, descreveu o relógio, a corrente e a pessoa que o tinha - que, ela disse, não era um ladrão habitual - e disse posteriormente que podia ver sua caligrafia. A dama para quem este relato foi enviado reconheceu sua exatidão, mas disse que a descrição do ladrão se ajustava a uma de suas empregadas, da qual ela não suspeitava. Então, ela enviou diversas peças caligráficas, incluindo as de suas duas empregadas. A clarividente imediatamente selecionou a da pessoa que ela descreveu e disse: "ela estava pensando em restituir o relógio, dizendo que ela o encontrou". Sir Walter registrou esta informação, mas uma carta da dama antecipou-o dizendo que a moça

mencionada pela clarividente havia "devolvido o relógio e dito que o havia encontrado" (p. 405).

Sir Walter comunicou ao doutor Gregory outro experimento que havia feito. Ele solicitou ao secretário da Sociedade Geográfica para enviar-lhe manuscritos de diversas pessoas do exterior, desconhecidas por ele, e sem os seus nomes. Três foram enviados. E descobriu em cada caso de onde elas eram; em dois deles, descreveu as pessoas detalhadamente; em todos os três casos, descreveu as cidades e os países de onde eram, de forma a poderem ser facilmente reconhecidos, e distinguiu o horário, pelos relógios, de forma a ser possível identificar o lugar por meio da diferença de longitude (p. 407).

Muitos outros casos, igualmente bem testados, foram apresentados em detalhes pelo doutor Gregory; e numerosos casos foram mostrados a partir dos testes daquilo que é chamado de clarividência simples direta. Por exemplo, pessoas que planejam ver os fenômenos compram em qualquer loja que desejem algumas dúzias de frases impressas, cobertas por cascas de nozes. Elas são colocadas em um saco e a clarividente retira uma noz e lê a frase. A concha é então aberta e examinada, e centenas de frases foram, então, lidas corretamente. Uma frase lida continha 98 palavras. Diversos testes igualmente meticulosos foram apresentados pelo doutor Gregory, planejados e realizados por ele mesmo e por outras pessoas bem conhecidas.

Agora, acreditar-se-á que no bem elaborado artigo na *British and Foreign Medical and Surgical Review*, já citada no trabalho do doutor Gregory e em outros trabalhos de mesma natureza, nenhum experimento deste tipo seja mencionado ou aludido? Há uma grande objeção geral ao ponto de vista

do doutor Gregory, porque ele era um químico e não um especialista em fisiologia (esquecendo-se que os doutores Elliotson e Mayo, que testemunharam fatos similares, eram ambos especializados em fisiologia), e apenas umas poucas citações de natureza geral são feitas, de tal forma que nenhum leitor poderia imaginar que o trabalho criticado fosse resultado de observação e experimento. Este caso é uma completa ilustração de cegueira de julgamento. Os oponentes não ousam imputar o desejo de fraude ao doutor Gregory, doutor Mayo, doutor Haddock, sir Walter Trevelyan, sir T. Willshire e outros cavalheiros que afirmam estes fatos. E os fatos são de uma tão inequívoca natureza que, sem imputar-se o desejo de fraude, eles não podem ser explicados. Eles são, portanto, silenciosamente ignorados ou, mais provavelmente, os registros de tais fatos nunca foram lidos. Mas o silêncio ou desrespeito dos nossos homens de ciência modernos não pode mais cegar o mundo dos grandiosos e misteriosos fenômenos da mente, a pesquisa que nos leva ao conhecimento do que realmente somos.

O doutor Herbert Mayo, membro da Sociedade Real, antigo professor de anatomia e fisiologia da Faculdade Real e de anatomia comparativa na Faculdade Real de Cirurgiões, também deu seu testemunho pessoal de fatos de natureza similar.

Em suas em seu Cartas sobre as verdades contidas nas superstições populares (2^o edição, p. 178), ele diz:

De Boppard, onde eu estava residindo nos anos 1845-46, enviei para um cavalheiro americano em Paris uma mecha de cabelo, que o coronel C., um inválido que estava à época sob os meus cuidados, havia cortado da sua própria cabeça e embrulhado em papel de carta de sua própria escrivania. O

coronel C. não era conhecido nem pelo nome por este cavalheiro americano, que não tinha qualquer pista de onde ou como identificar o dono do cabelo. E tudo o que ele fez foi colocar o papel nas mãos de uma sonâmbula (19) parisiense. Ela afirmou, na sua opinião sobre o caso, que o coronel C. possuía uma paralisia parcial dos quadris e pernas, e que por causa de outra enfermidade ele usava habitualmente um instrumento cirúrgico. O paciente gargalhou gostosamente da idéia de uma sonâmbula distante tê-lo conhecido tão bem.

(19) - Nota do tradutor: o termo 'sonâmbula' não possui a acepção atual e significativa uma pessoa capaz de entrar em transe, em um estado semelhante ao sono. Um estudo completo a este respeito pode ser lido em *O Espiritismo perante a ciência*, de Gabriel Delanne, editado pela Feb.

O doutor Mayo também anuncia sua conversão à verdade da frenologia e do frenomesmerismo e o doutor Gregory da abundantes detalhes dos experimentos nos quais foi tomado um cuidado especial para evitar todas as supostas fontes de fraude do frenomesmerismo. Embora o doutor Mayo esteja incluído na crítica já citada, nenhum dos fatos que ele testemunhou ou nenhuma de suas opiniões foi mencionada sequer uma vez.

O doutor Joseph Haddock, já mencionado médico que mora e atua na cidade de Bolton, publicou um trabalho, intitulado *Somnolism and Psycheism*,(20) no qual se esforça por classificar os fatos do mesmerismo e da clarividência, e procura explicá-los a partir de princípios psicológicos e fisiológicos. É obra de leitura proveitosa e o meu propósito aqui é trazer um ou dois fatos apresentados em apêndice a esse trabalho. Nada é mais comum entre aqueles que condenam a realidade da clarividência que perguntar, de forma contumaz, "se é verdade, porque não se usa isto para

descobrir uma propriedade perdida, ou para obter notícias do exterior" Para tal comentário segue uma narrativa, da qual posso apenas fazer um resumo.

(20) - Nota do tradutor: Os termos são neologismo, possivelmente criados pelo autor. A Tradução deste título seria algo como "Sonoísmo e Psiqueísmo".

Na noite de quarta-feira, 20 de dezembro de 1848, o senhor Wood, merceiro de Cheapside, Boston, teve o seu cofre, com o respectivo conteúdo, roubado do seu escritório de contabilidade. Ele recorreu à polícia, mas não obteve nenhuma pista, embora suspeitasse de uma pessoa. Então ele se dirigiu ao doutor Haddock para ver se a moça, Emma, podia descobrir o ladrão de seus bens. Quando colocado em contato com Emma, ela havia perguntado sobre o cofre perdido e, após alguns instantes, começou a falar como para alguém que não estivesse presente, descrevendo onde o cofre estava, o seu conteúdo, como a pessoa o pegou, onde o escondeu inicialmente e então descreveu a pessoa, roupas e coisas associadas ao ladrão de forma tão vívida que o senhor Wood reconheceu alguém de quem não suspeitava nem um pouco. O senhor Wood imediatamente procurou a pessoa e deu-lhe a opção de ir imediatamente à presença do doutor Haddock ou da polícia. Ele escolheu a primeira possibilidade e, quando entrou na sala onde Emma estava, ela lhe disse que era um homem mau e que não estava com as mesmas roupas de quando havia roubado o cofre. Ele a princípio negou o conhecimento do roubo, mas, após algum tempo, reconheceu que o havia tirado na exata forma descrita por Emma e o restituiu.

Como os nomes, lugar e data desta ocorrência são dados, e é narrada por um médico inglês, dificilmente pode-se negá-la sem primeiro ser feito algum inquérito no local onde se diz que aconteceu.

O próximo exemplo é de clarividência a uma distância muito grande. Inesperadamente, um jovem navegou de Liverpool a Nova York. Seus pais imediatamente remeteram-lhe algum dinheiro pelo vapor, mas ficaram sabendo, após algum tempo, que ele nunca o havia pedido. A mãe viajou 30 quilômetros até Bolton para ver se, por meio das faculdades de Emma, podia saber alguma coisa a respeito dele. Após alguns instantes, Emma encontrou-o, descreveu sua aparência corretamente e entrou era diversos detalhes para levar a mãe do jovem a confiar em suas afirmativas e para solicitar ao doutor Haddock que fizesse perguntas em intervalos de aproximadamente 15 dias. Ele o fez, seguiu o jovem por meio das faculdades dela e a informação obtida foi enviada aos pais. Pouco tempo depois, o doutor Haddock foi informado pelo pai que havia chegado uma carta do filho, e que "foi a mais extraordinária confirmação do testemunho de Emma, do começo ao fim".

O doutor Edwin Lee, em seu trabalho sobre o magnetismo animal, relata 14 sessões em Brighton, em casas particulares, com Alexis Didier, o famoso clarividente. Em cada uma destas ocasiões, ele jogava cartas de olhos vendados, com freqüência identificando as cartas do seu adversário bem como as suas, lia os números de cartas escritos pelos visitantes e guardados em envelopes, lia qualquer linha solicitada de qualquer livro, oito ou dez páginas à frente da página aberta, e descrevia o conteúdo de caixas, caixas de baralhos e outros invólucros. O doutor Lee também relata a entrevista do célebre Robert Houdini com Alexis, quando testes similares foram realizados pelo grande mágico, que levou suas própria, cartas consigo e utilizou-as ele próprio, e ainda assim Alexis identificou imediatamente

cada carta em ambas as mãos sem virá-las. Houdini pegou um livro de seu bolso e, abrindo-o, pediu a Alexis para ler uma linha em particular, oito páginas adiante. O clarividente fincou um alfinete para marcar a linha e leu quatro palavras que se encontravam na linha correspondente, nove páginas adiante. Houdini considerou este fato "estupendo" e, no dia seguinte, assinou a seguinte declaração: "Eu não posso deixar de afirmar que os fatos acima descritos são escrupulosamente exatos, e quanto mais eu reflito sobre eles, mais impossível para mim é classificá-los entre os truques que são objetos da minha arte."

Quinze dias depois, ele enviou uma carta para o senhor de Mirville (que o tinha apresentado a Alexis), fazendo um relato de uma segunda seção, na qual os mesmos resultados foram repetidos, e concluindo: "Eu então voltei desta sessão tão atônito quanto qualquer pessoa pode ficar, e bastante convencido de que seria totalmente impossível para qualquer um produzir tais efeitos surpreendentes apenas por mera habilidade."

O falecido senhor H. G. Atkinson, membro da Sociedade Geográfica, mostrou-me um dos testes de clarividência tomados por Adolphe Didier, irmão de Alexis, que ele viu pessoalmente ser feito em uma residência particular de Londres. Um nobre bem conhecido escreveu uma palavra ao pé de um pedaço de papel que ele dobrou repetidamente de forma a ficar coberto por cinco ou seis camadas de papel. Isto foi dado a Adolphe, que estava cercado por um círculo de observadores enquanto ele escreveu com um lápis do lado de fora o que estava escrito dentro. O ponto curioso é que ele fez diversas tentativas e riscou-as, mas, no final, escreveu a palavra exata as outras eram aproximações dela. Isto é muito

curioso e indica a existência de um novo sentido, um tipo de percepção rudimentar, que pode apenas atingir a verdade exata passando por diferentes graus e corresponde notavelmente com a forma na qual os clarividentes geralmente descrevem os objetos. Eles não dizem de uma vez, "isto é uma medalha", mas "é de metal", "é redondo e chato", "tem algo escrito nele" etc.

Agora, quando temos a evidência de dos doutores Gregory, Mayo, Lee, Haddock e de centenas de centros igualmente honestos, se não de homens igualmente capazes que testemunharam fatos semelhantes, não é uma solução insatisfatória do problema que todas estas pessoas, em todos os casos, fossem vítimas de impostura? Médicos não são facilmente enganados, especialmente em assuntos onde eles podem observar e testar repetidamente; e quando nós cremos que um famoso professor de prestidigitação como Houdini não apenas não detectasse impostura, mas declarasse o fenômeno como impossível de ser produzido como efeito de habilidade ou truque, temos uma resposta completa a todos os que, sem investigação, proclamam que tudo não passa de embuste. Neste caso, é muito claro que não há espaço para auto-ilusão. Ou cada um dos casos de clarividência já relatados (e eles certamente se contam aos milhares) é o resultado de uma fraude, ou nós temos uma ampla prova de que certos indivíduos possuem um novo sentido do qual é provável que nós tenhamos rudimentos. Se a visão comum fosse tão rara como a clarividência, seria tão difícil provar sua realidade como agora é estabelecer a realidade deste poder maravilhoso. A evidência em seu favor é absolutamente conclusiva para qualquer um que a examine e

que não esteja iludido por qualquer dogma a priori de que ele sabe a priori o que é possível e o que é impossível.

Num artigo do doutor T. Edwards Clark, de Nova York, sobre a fisiologia do transe, que apareceu no *Quarterly Journal of Psychological Medicine*, afirma-se que uma paciente cataléptica estava sob os cuidados do senhor Despine, falecido inspetor de águas minerais de Aix, na Savóia, que disse que ela:

Não, apenas podia ouvir através das palmas de suas mãos, mas nós a temos visto ler sem auxílio dos olhos, apenas passando rapidamente as pontas dos dedos sobre a página que ela deseja ler. Outras vezes temos visto ela copiar uma carta, palavra por palavra, lendo-a com seu cotovelo esquerdo, enquanto ela escrevia com sua mão direita. Durante estes procedimentos, um grosso quadro de escrever interceptava completamente qualquer raio visual que ela pudesse alcançar com seus olhos. Os fenômenos foram manifestados com as solas dos seus pés, com o epigástrico e outras partes do corpo.

O doutor Clark acrescenta: "Há muitos outros casos igualmente estranhos como estes que foram percebidos por pessoas diferentes em altas posições da profissão médica."

O teste acima, no qual se mantém um quadro de escrever diante dos olhos, é um dos que o doutor Carpenter informou-me considerando inconclusivo, já que ele acreditava que os supostos clarividentes eram incapazes de ver através dele. Mas é evidente que ele nunca encontrou um caso de clarividência muito perfeita como o descrito acima. (21)

(21) – Nenhum dos fatos importantes mencionados neste capítulo, sobre a autoridade de médicos, nem qualquer outro de tal natureza foi encontrado nos trabalhos aqui citados nem foi notificado pelo doutor Carpenter em seu trabalho elaborado sobre a Fisiologia mental, no qual ele, contudo, tenta imprudentemente estabelecer a questão completa da realidade destes fatos! Isto, é, nos supomos, por seu

limitado espaço, que, num trabalho de quase 700 páginas, nenhum dos fatos bem atestados opostos ao seu ponto de vista pudesse ser traduzido ao conhecimento de seus leitores.

Iremos agora passar as evidências dos fatos do que é denominado espiritualismo moderno.

V

A evidência da realidade das aparições

Proponho agora dar alguns exemplos nos quais a evidência da aparição de seres sobre-humanos ou espirituais é tão boa quanto definitiva, como qualquer prova de um fato deve ser. Para este propósito, usarei alguns casos notáveis escolhidos e pesquisados pelo recém-falecido senhor Robert Dale Owen,(22) antigo membro do Congresso e ministro (23) americano em Nápoles. O senhor Owen é o autor de trabalhos variados: Ensaio, Fisiologia moral, A política da emancipação e muitos outros. Ele foi um cético consistente e filosófico, eu creio, ao longo de sua vida, e seus escritos mostram que era bem educado, lógico e extremamente cauteloso ao aceitar provas.

(22) - Nota do tradutor: O leitor interessado pode ler em língua portuguesa o livro *Região em litígio entre este mundo e o outro*, de Robert Dale Owen, publicado pela Federação Espírita Brasileira.

(23) - Nota do tradutor: Segundo o dicionário Webster, trata-se de um cargo de representação norte-americano, um escalão norte-americano abaixo do embaixador.

Em 1855, durante sua permanência oficial em Nápoles, sua atenção parece ter sido atraída inicialmente para a questão do sobrenatural, ao observar os fenômenos que ocorriam na presença do senhor Home. Ele nos conta que, "assentado em seu próprio apartamento bem iluminado, na

companhia de três ou quatro amigos, todos observadores curiosos como ele", uma mesa e um lampião pesando 43 quilos subiram 20 ou 25 centímetros do assoalho e permaneceram suspensos no ar enquanto alguém contava até seis ou sete. As mãos de todos os presentes estavam sobre a mesa.

Sobre outra ocasião, ele afirmou que:

(...) na sala de jantar de um nobre francês, o conde D'Ourches, residindo próximo a Paris, vi, no primeiro dia de outubro de 1858, à luz do dia, próxima de uma *déjeuner a la Fourchette* (24) uma mesa de jantar onde estavam sete pessoas, com frutas e vinho, subir e ficar da mesma forma que já foi descrita, enquanto todos os convidados ficavam ao seu redor, e nenhum deles a tocava. Todos os presentes viram o mesmo.

(24) - Nota do Tradutor: Esta expressão francesa não é usada nos dias de hoje e não está dicionarizada nas fontes consultadas, mas parece significar um jantar formal.

Ele então começou a colecionar evidências dos tão conhecidos fenômenos sobrenaturais que encontrava e agrupou-as no seu *Footfalls on the boundary of another world*, uma das mais bem organizadas e autênticas séries de fatos sobre o assunto dado ao público.

Este trabalho deve ser relacionado entre os mais filosóficos que já apareceram sobre o tema e talvez devesse ser intitulado "Um exame crítico das provas do sobrenatural", o que realmente é, e talvez tivesse atraído mais a atenção do que parece ter causado.

Nada é mais comum que a afirmação de que todas as supostas aparições, quando não são imposturas, são alucinações. Porque se diz que não há nenhum caso bem reconhecido de aparição que tenha sido visto por duas pessoas ao mesmo tempo. É contudo recomendável dar uma

visão geral de um caso desses, que é descrito mais amplamente a página 278 do livro do senhor Owen.

Sir John Sherbroke e o general George Wnyard eram capitão e tenente do 33º Regimento, destacados no ano de 1785 em Sydney, (25) na ilha de Cape Breton, na Nova Escócia. A 15 de outubro daquele ano, cerca de nove horas da manhã, enquanto eles estavam tomando café num salão de Wynward, Sherbroke, ao olhar para o alto, viu a figura de um jovem pálido, de pé junto a uma porta que dava acesso ao hall. Ele chamou a atenção de seu companheiro para o estranho, que andou levemente através da sala até um quarto próximo. Wynyard, ao ver a figura, ficou pálido como a morte, segurou o braço de seu amigo e, assim que ele desapareceu, exclamou: "Meu Deus! Meu irmão!" Sherbroke, achando que era algum tipo de truque, fez imediatamente uma busca, mas não encontrou ninguém no quarto ou nas imediações. Um oficial, tenente Gore, chegando àquela hora, auxiliou na busca e, atendendo a sua sugestão, Sherbroke fez um memorando sobre o acontecido. Todos esperaram com ansiedade por cartas da Inglaterra, onde o irmão de Wynyard estava. A carta esperada chegou para o capitão Sherbroke, pedindo-lhe para dar notícias aos amigos da morte do irmão de John, que aconteceu no dia e hora em que foi visto pelos dois oficiais. Em 1823, o tenente coronel Gore descreveu o acontecido em um registro enviado para sir John Harvey, ajudante geral das forças armadas no Canadá. Ele também afirmou que, alguns anos depois, sir John Sherbroke, que nunca houvera visto, John Wynyard vivo, e conheceu na Inglaterra um irmão do falecido, que era notavelmente semelhante a ele, a partir da lembrança da imagem que havia visto no Canadá. O senhor Owen obteve

provas adicionais da correção destes detalhes pelo capitão Henry Scott, da Marinha Real, que foi indicado pelo general Paul Anderson, bacharel em cirurgia, a quem sir John Sherbrooke havia contado a história de forma quase exatamente igual à que o senhor Owen nos narrou, e que foi comunicada por escrito ao capitão Scott.

(25) – No Canadá.

A evidência do fato da percepção da mesma aparição por duas pessoas (uma das quais não conhecia o indivíduo), neste caso, é muito completa, e eu não consigo aceitar satisfatoriamente nenhuma teoria que me exija rejeitar tal evidência sem oferecer qualquer explicação inteligível do ocorrido.

Aqui darei um resumo de mais alguns casos do senhor Owen, para ilustrar seu caráter geral e a forma cuidadosa pela qual eles foram testados e autenticados. O primeiro é o que se denomina "O 14 de novembro" (Footfalls, p. 299).

Na noite de 14 para 15 de novembro de 1857, a esposa do capitão G. Wheatcroft, residindo em Cambridge, sonhou que viu seu marido (na Índia, nessa época). Ela imediatamente acordou e, olhando para cima, percebeu a mesma imagem de pé ao lado de sua cama. Ele apareceu em seu uniforme, às mãos apertadas contra o peito, o cabelo em desalinho, a face muito pálida. Seus grandes olhos escuros estavam fixos nela, sua expressão era de grande excitação e na boca havia uma contração peculiar, que lhe acontecia quando estava agitado.

Ela o viu, até mesmo os detalhes particulares de sua roupa, tão claramente quanto sempre o via. A imagem parecia curvar-se para a frente como se estivesse sentindo dores e se esforçasse para falar, mas não havia som. Ele

permaneceu visível, acredita a esposa, por aproximadamente um minuto, e depois desapareceu. Ela não voltou a dormir naquela noite. Na manhã seguinte, contou tudo para a sua mãe, expressando sua crença de que o capitão W. estava ou morto ou ferido. Ela recebeu um telegrama informando da morte do capitão W., diante de Lucknow, (26) - (Capital do reino Oudh na Índia) no dia 15 de novembro. A viúva disse ao advogado do capitão, senhor Wilkinson, que havia sido bem preparada para notícias fatais, contudo tinha certeza de que havia um equívoco quanto à data do falecimento. O senhor Wilkinson obteve um certificado do Ministério da Guerra, redigido da seguinte forma:

9579

N.º _____

Ministério da Guerra, 30 de janeiro de 1858.

Este é para certificar, pelo que parece, pelas anotações neste ministério, que o capitão G. Whearcroft, do 6º Regimento dos Dragões da Guarda, foi morto em ação no 15º dia de novembro de 1857.

Então ocorreu um incidente notável. O senhor Wilkinson estava em Londres, visitando um amigo que era médium e cuja esposa durante toda a vida teve sensibilidade para aparições. Wilkinson relatou ao casal a visão da viúva do capitão e estava descrevendo como a imagem havia aparecido a ela quando a senhora N. disse: "Deve ser a mesma pessoa que vi na tarde em que estávamos falando sobre a Índia." Em resposta às perguntas do senhor

Wilkinson, ela afirmou que por meio do marido havia obtido uma comunicação em que ele informava que havia sido morto na Índia, naquela tarde, com um ferimento no peito. Era cerca de 21 horas. Ela não recordava a data. Perguntada, lembrou-se de que havia sido interrompida por um comerciante e havia pago uma conta naquela noite. Ela trouxe o recibo para o senhor Wilkinson verificar: continha a data de 14 de novembro. Em março de 1858, a Família do capitão Wheatcroft recebeu uma carta do capitão G. C., datada em Lucknow, 19 de dezembro de 1851, na qual ele dizia ter estado bem próximo ao capitão W. quando ele caiu, e que foi no dia 14 à tarde, e não no dia 15, como foi relatado nos despachos de sir Collin Campbell. Ele foi atingido no peito por um fragmento de granada. Foi sepultado em Dilkoosha e em uma cruz de madeira colocada em seu túmulo foram inscritas as iniciais G. W., e a data de sua morte: 14 de novembro. O Ministério da Guerra corrigiu o seu engano. O senhor Wilkinson obteve nova cópia do certificado em abril de 1850, com as mesmas palavras que já haviam sido escritas no precedente, mas com a substituição da data de 15 de novembro pela do dia 14.

O senhor Owen obteve o conjunto dos fatos diretamente das partes envolvidas. A viúva do capitão Wheatcroft examinou e corrigiu os seus manuscritos, e mostrou-lhe uma cópia da carta do capitão C. O senhor Wilkinson fez o mesmo. É a senhora N. relatou-lhe pessoalmente os fatos ocorridos com ela. Antes das pesquisas do N. também relatou as circunstâncias ao senhor Howitt, como ele o afirma em seu História do sobrenatural, vol. II, p. 225. O senhor Owen também alega ter em seu poder as duas

declarações do Ministério da Guerra: a primeira, mostrando a data errada e, a segunda, a correta.

Aqui temos a mesma aparição mostrando-se a duas senhoras, que não se conheciam e estavam distantes uma da outra, na mesma noite; uma declaração de uma terceira pessoa, informando a hora e a forma como se deu a morte, e tudo isto coincide exatamente com os eventos que aconteceram à distância de muitos milhares de milhas. Presumimos que os fatos atestados não serão contestados, e atribuir tudo isto a ‘coincidência’ é certamente dar muita extensão à credulidade, até para o mais incrédulo.

O próximo é um caso de assombração e é chamado de...

A Velha Mansão de Kent

Em outubro de 1851, durante muitos meses, a senhora R., esposa de um oficial de alta patente, esteve residindo na mansão Ramhurst, próxima a Leigh, em Kent. Assim que a casa foi ocupada, todos os seus habitantes foram mais ou menos perturbados por batidas e sons como os de passos, mas mais especialmente por vozes, que não podiam ser explicadas. O irmão da senhora R., um jovem oficial, ouviu estas vozes à noite e tentou de toda a forma descobrir a sua fonte, em vão. Os empregados ficavam muito atemorizados. No segundo sábado de outubro, a senhorita S., uma jovem que costumava testemunhar aparições em sua infância, veio visitar a senhora R., que a encontrou na estação ferroviária. Ao chegar a casa, a senhorita S. viu na entrada dois vultos, aparentemente um velho casal em roupas "fora de moda".

Não desejando deixar sua amiga desconfortável, ela não disse nada àquela hora. Durante os próximos dez dias, ela viu os mesmos vultos diversas vezes em diferentes lugares da casa, sempre à luz do dia. Eles apareciam envoltos por uma atmosfera de cor neutra: Na terceira vez, eles falaram com ela e disseram que já tinham sido donos daquela casa e que seu nome era Children. Eles pareciam tristes e deprimidos e disseram que já tinham idolatrado a sua propriedade e perturbava-os saberem que sua posse havia saído de sua família e se encontrava nas mãos de estranhos. Quando a senhora R. perguntou à senhorita S. se ela havia visto ou ouvido alguma coisa, ela relatou o que acabo de registrar. A senhora R. pessoalmente ouviu os ruídos e vozes continuamente, mas não havia visto nada e após um mês havia desistido de conseguir fazê-lo, até que, um dia, assim que terminou de vestir-se para o jantar em uma sala bem iluminada e dotada de lareira, para a qual se dirigia apressada, após ser chamada repetidas vezes por seu irmão que a esperava impacientemente, ela viu os dois vultos de pé na porta, vestidos da mesma forma que a senhorita S. havia descrito, mas acima do vulto da dama, escritas em luz fosforescente sobre uma atmosfera enevoadada, estavam as palavras "Dama Children" e algumas outras palavras sugerindo que ela estava presa à Terra. Nesse momento seu irmão a chamou novamente, dizendo que o jantar estava pronto e, fechando os olhos, ela passou através dos vultos. As damas fizeram perguntas sobre quem havia morado na casa antigamente, e foi apenas após quatro meses que elas descobriram algo, por meio de uma velha senhora que se recordou de um homem velho que lhe havia dito que na infância havia auxiliado a cuidar dos cães para a família

Children, que vivia em Ramhurst. O senhor Owen recebeu todos estes detalhes enviados pelas duas damas em dezembro de 1858. A senhorita S. teve muitos diálogos com as aparições e, ante a questão do senhor Owen, que pediu por quaisquer detalhes que tivessem sido comunicados, ela lhe disse que o marido havia dito que o seu nome era Richard e que havia morrido em 1753. O senhor Owen decidiu, se possível, assegurar-se da precisão desses fatos. Após uma longa busca por cemitérios e antigos livros de registros paroquiais, ele pesquisou os escritos de Hasted no Museu Britânico. Destes, ele assegurou-se de que Richard Children estabeleceu-se em uma casa chamada Childrens, na paróquia de Turnbridge. Foi necessária uma pesquisa suplementar para determinar a data. Foi descoberto muitos meses depois em um velho livro, História de Kent, pelo mesmo Hasted, publicado em 1778, que registra que "Ramhurst foi vendida a Richard Children, escudeiro, (27) que residia lá, e morreu na posse dela em 1753, com a idade de 83 anos. Nos escritos de Hasted também está registrado que seu filho não morava em Ramhurst e que a família estabelecida após a época de Richard era de Ferox Hall, próxima a Turnbridge. Desde 1816, a mansão tem sido ocupada como uma sede de fazenda, saindo completamente da posse da família Children.

(27) – Nota do tradutor: Título imediatamente inferior ao de cavaleiro.

Embora muitos destes incidentes possam ter sido considerados como ilusões, o que dizer da combinação deles? Todos os habitantes ouvem ruídos distintos e claros de pessoas andando e conversando. Duas damas testemunham as mesmas aparições, em momentos diferentes e sob circunstâncias minimamente favoráveis para a hipótese de ilusão. O nome é dado a uma pessoa por uma voz, a outra

por meio da escrita; a data da morte é comunicada. Um pesquisador independente, com muita pesquisa, descobre que todos esses fatos são verdadeiros: que o nome cristão do único Children que morou e morreu na casa era Richard e que sua morte aconteceu no ano informado pela aparição - 1753.

O completo relatório do senhor Owen sobre este caso e as observações sobre ele deveriam ser lidos, mas este resumo imperfeito servirá para mostrar que nenhuma das hipóteses geralmente empregadas para explicar as dificuldades de uma 'história de fantasmas' seria aplicável aqui.

Distúrbios em Cideville, França

Na página 195 do livro do senhor Owen, encontra-se o interessante relato dos distúrbios ocorridos na casa paroquial de Cideville, no distrito do Seine Inférieure, França, no inverno de 1850-51. As circunstâncias deram origem a um processo judicial e o conjunto dos fatos foi trazido para o exame de um grande número de testemunhos. O marquês de Mirville obteve dos arquivos legais todos os documentos relacionados ao processo, incluindo os depoimentos das testemunhas. Foi destes documentos oficiais que o senhor Owen deu os detalhes das ocorrências.

Os distúrbios iniciaram-se à época em que dois garotos, de 12 e 14 anos, foram enviados para serem educados pelo senhor Tinel, o pároco de Cideville, e continuou por dois meses e meio, até que as crianças foram removidas da casa paroquial. Consistiam de batidas como as de um martelo em

um lambril, arranhaduras, tremores que sacudiam toda a mobília da casa, tão barulhenta como se cada pessoa ali estivesse batendo no assoalho com marretas, as batidas formavam melodias, quando solicitadas, e respondiam a perguntas usando números. Além destes ruídos, havia estranhas e incontáveis exhibições de força. Mesas e escrivaninhas moviam-se pelo ambiente sem causa visível; tenazes voavam repentinamente para o meio do quarto; janelas eram quebradas e ainda caíam sem ruído, como se fossem colocadas no chão por uma mão invisível; pessoas que estavam sozinhas, de pé, tinham suas roupas puxadas. Quando o prefeito de Cideville veio examinar o assunto, uma mesa à qual estava assentado com outra pessoa moveu-se, apesar dos seus esforços de mantê-la no lugar, enquanto as crianças estavam de pé no meio da sala. Muitos outros fatos de natureza similar foram observados diversas vezes por numerosas pessoas de respeitabilidade e posição que lá foram com intenção de descobrir um truque, e cada uma delas foi convencida de que os fenômenos não eram produzidos por nenhuma das pessoas presentes, após exame minucioso. O marquês de Mirville era, ele próprio, uma das testemunhas.

O interesse deste caso está, em primeiro lugar, em ter sido conduzido a um tribunal; e, em segundo lugar, na notável semelhança destes fenômenos com os que aconteceram na América do Norte, mas não ficaram muito conhecidos na Europa. Há também uma grande semelhança com o que ocorreu na casa paroquial de Epworth, na família do pai de Wesley, (28) e que é quase igualmente autenticado. (29) Agora, quando em três diferentes países fenômenos ocorrem de forma igual e aberta ao amplo exame, ao mesmo

tempo, e quando nenhum truque ou ilusão são encontrados em qualquer um dos casos, mas todo indivíduo, das muitas centenas que vão vê-los, ficam convencidos da sua realidade, similaridade de muitos detalhes das ocorrências é de grande peso, indicando uma origem natural semelhante. Em tais casos não podemos aceitar de forma alguma a explicação geral de "fraude", dada por aqueles que não testemunharam os fenômenos, quando nenhum daqueles que realmente testemunharam puderam detectar qualquer impostura.

(29) – Em um artigo intitulado “Batidas espirituais ocorridas há um século” em um antigo número do *Forhnightly Review*, um relato é dado dos distúrbios na casa paroquial de Epworth, a residência da família Wesley, e tentou-se explicá-los a partir da suposição de que foram inteiramente produzidos por Hester Wesley, uma das irmãs de John Wesley, ainda que os fenômenos como foram descritos por esse escritor, sejam tais que nenhum ser humano possa tê-lo produzidos, ao mesmo tempo em que as dificuldades morais do caso são considerados tão grandes quanto as físicas. Todo leitor do artigo deve ser percebido, o quão insatisfatório e impotente e a explicação sugerida, e as pessoas devem quase crer que o escritor não acredita em si mesmo, tão diferente e tom da primeira parte do artigo, na qual ela detalha os fatos, do da última parte na qual tenta explicá-los. Quando considerados conjuntamente com outras ocorrências narradas pelo senhor Owen, todas igualmente bem autenticadas e todas completamente pesquisadas àquela hora, é impossível aceitar como explicação que se trata de truques infantis, uma vez que isto não explica senão uma fração dos referidos fatos. Se vamos rejeitar todos os fatos que este pressuposto não explica, será muito mais simples e satisfatório negar que haja quaisquer fatos que necessitam de explicação.

Os exemplos citados dão uma idéia imperfeita da variedade e interesse do trabalho do senhor Owen, e irão servir para indicar a natureza das provas que ele possui em cada caso mencionado, podendo levar alguns de meus leitores a examinar o trabalho em si. Se o fizerem, verão que fenômenos similares àqueles que confundiram nossos antepassados na casa paroquial de Epwornth e na casa do senhor Mompesson, em Tedwirth, aconteceram novamente no nosso tempo e foram sujeitos a cuidadoso exame, sem qualquer descoberta de impostura ou truque, e eles podem levar a conclusão de que, embora seja freqüentemente

afirmado, não está ainda comprovado que os “fantasmas foram banidos de todos os lugares com a introdução da iluminação a gás”

VI

Espiritualismo Moderno: Evidência dos homens de ciência

Agora iremos considerar o que é mais especialmente chamado de espiritualismo moderno ou aqueles fenômenos que acontecem na presença ou por meio de indivíduos peculiarmente constituídos, os assim chamados médiuns. A evidência é muito abundante, oriunda de diversas partes do mundo e de pessoas que diferem amplamente em instrução, gostos e religião, o que torna difícil dar qualquer noção de sua força ou significado por meio de pequenas citações. Irei inicialmente citar o trabalho de três homens da mais alta eminência em suas respectivas áreas: o professor De Morgan, o professor Hare e o juiz Edmonds.

O falecido Augustus de Morgan, professor de matemática por muitos anos e posteriormente deão do University College London, foi educado em Cambridge onde obteve seu grau como quarto melhor aluno de matemática. Ele estudou direito e foi um escritor prolífico em matemática, lógica e biografia. Foi também secretário da Sociedade Real de Astronomia por 18 anos e defensor incisivo da cunhagem decimal. Em 1863, apareceu um trabalho intitulado Da matéria ao espírito, o resultado de dez

anos de experiências com as manifestações espíritas, de C. D., com um prefácio de A. B. É amplamente conhecido que A. B. é o professor De Morgan e que C. D. é a senhora De Morgan. A evidência interna do prefácio é suficiente para todos aqueles que conheceu o estilo do professor, esse texto tem sido freqüentemente atribuído a ele na imprensa sem contradição, e no Athenaeum de 1865, no artigo "Provisão de paradoxos", ele noticia o trabalho de maneira a mostrar que aceita a atribuição da autoria e continua mantendo as opiniões ali expressas. (30) - (O Trabalho foi desde então publicado como sendo do professor e senhora de Morgan). Deste prefácio, que merece ser lido por seu estilo vigoroso e sarcástico, retiro algumas citações:

Estou satisfeito com a evidência dos meus próprios sentidos sobre alguns dos fatos narrados, de alguns outros eu tenho provas baseados em bons testemunhos. Estou perfeitamente convencido de que tenho visto e ouvido, de forma a tornar a descrença impossível, coisas chamadas espirituais, que não podem ser consideradas de forma racional como capazes de ser explicadas como impostura, coincidências ou engano. Até agora, piso em solo firme. [...]

Os espiritualistas, sem dúvida, estão numa trilha que tem levado ao avanço das ciências físicas; seus oponentes são representativos daqueles que se têm colocado o progresso.[...]

Tenho dito que os iludidos caça-fantasmas estão no caminho correto: eles possuem o espírito e o método dos grandes tempos quando aqueles caminhos foram desviados pela floresta escura e que agora é o caminho rotineiro a ser trilhado. Qual era este espírito? Era o espírito do exame

universal completamente irrestrito sem o medo de que alguém o considere estar investigando algo sem sentido.

Mas para aqueles que sabem a verdade dos fatos, e para quem não sabe o que pode e o que não pode ser, aparecerá a reflexão de que a mais provável direção da pesquisa, a melhor chance de atingir um resultado satisfatório, é a sugerida pela hipótese do espírito. Por esta hipótese quero dizer que alguma inteligência possui uma participação direta nos fenômenos e que esta não é a de nenhum ser humano de carne e osso.

Considere a hipótese em sua própria probabilidade a priori e compare-a com a da atração. Suponha uma pessoa totalmente desinformada de ambos os assuntos, totalmente despreparada em teologia e física. Ela vai escolher entre duas afirmações, uma falsa e uma verdadeira, e perder a sua vida se escolher a falsa. A primeira afirmação é a de que há inteligências incorpóreas no universo e que elas algumas vezes se comunicam com os homens; a segunda é que partículas das estrelas da Via Láctea dão permanentes e infinitesimais pulsos (influências) para as partículas da nossa terra. Em creio que a maioria dos homens dentre os que possuam todos os preconceitos devam sentir-se um pouco confusos para descobrir qual destas eles deveriam ter escolhido se estiverem entre os acima descritos. [...]

Meu estado mental, que se refere ao todo, que seja alguma inteligência não vista ou algo do que o homem nunca teve qualquer concepção, prova-me estar fora dos limites da Sociedade Real.[...]

Sobre o estado futuro nós fomos informados por alguns teólogos, mas um pouco desequilibradamente, que todos os desejos serão suprimidos e todas as dúvidas resolvidas sem

pensar. Isto é um estado! Não uma parte dele; uma mera fase de não-existência; aniquilação com uma consciência disto. Os espíritos batedores conhecem melhor que isto; suas visões deveriam ser realmente impostura humana; e muito, muito singulares. Em lugar das inconsistências, das excentricidades, e das puerilidades que alguns apresentaram, há uma veia uniforme de descrição comum em seus relatos, a qual, supondo-se ser a declaração oriunda da combinação de impostores, é mais que notável - até mesmo maravilhosa. A concordância é uma parte da maravilha, se for recordado que os médiuns estão espalhados pelo mundo; mas a outra e melhor parte dele é que os impostores, se impostores são, combinarem entre si opor-se a todas as idéias correntes sobre um estado futuro a fim de obter a crença na genuinidade de suas pretensões!

Há dez anos, a senhora Hayden, a conhecida médium americana, veio sozinha a minha casa. A sessão iniciou-se imediatamente após a sua chegada. Oito ou nove pessoas estavam presentes, de todas as idades e todos os graus de crença e descrença sobre a coisa com um todo ser ou não uma farsa. As batidas começaram da forma usual. Elas eram sonoras, claras, sons ténues tais como seriam as batidas de uma campainha quando toca. Eu os achei semelhantes ao ruído que as extremidades de agulhas tricô fazem quando caem sobre um piso de mármore, e que instantaneamente é alterado por algum tipo de abafador. [...] A senhora Hayden estava sentada a alguma distância do piso de mármore e seus pés eram observados. [...] Ao ser pedido para questionar o primeiro espírito, eu solicitei que fosse permitido colocar a questão mentalmente, isto é, sem dizê-la, ou escrevê-la, ou indicá-la a mim num alfabeto; e que a senhora Hayden

mantivesse as duas mãos estendidas enquanto a resposta estivesse em progresso. Ambos os pedidos foram instantaneamente acatados permitidos por um par de batidas. Eu apresentei a questão e desejei que a resposta fosse fornecida em apenas uma palavra, que eu obteria, tudo isto mentalmente. Então peguei o alfabeto impresso, coloquei um livro sobre e voltando meus olhos para ele, comecei a indicar as letras da maneira usual. A palavra xadrez foi dada por uma batida em cada letra. Eu tinha, então, certeza absoluta da seguinte alternativa: ou havia alguma leitura de pensamento de um caráter totalmente inexplicável, ou alguma destreza sobre-humana da parte da senhora Hayden que lhe permitia detectar a letra que eu desejava a partir da minha expressão facial, embora ela (assentada a seis pés do livro com a qual eu havia ocultado o meu alfabeto) não pudesse ver nem a minha mão, nem o meu olho, nem a que velocidade eu a estava passando sobre as letras. Eu estava fadado a abandonar a segunda alternativa antes do anoitecer.

Após o anoitecer, quando outro espírito estava sob exame, indaguei-lhe se se recordava de um certo artigo que fora publicado pouco após a sua morte e se ele podia me fornecer as iniciais de um epíteto (que possuía cinco palavras) aplicado a ele próprio. Tendo sido dado o consentimento, comecei a passar minha mão sobre o alfabeto como foi descrito acima, sendo que a única diferença das circunstâncias era uma brilhante lâmpada da mesa que estava entre mim e a médium. Eu esperava que viesse a letra 'F' e, quando meu lápis passou por aquela letra serra nenhum sinal, fiquei surpreso; quando eu cheguei nas proximidades da letra 'K', parei, com a intenção de anunciar o equívoco. Mas alguém advertiu: "você passou, eu ouvi um batida há alguns

instantes". Comecei novamente e batidas distintas vieram no 'C' e então no 'D'. Eu estava agora convicto que o espírito havia falhado, mas parei para considerar um pouco mais e me ocorreu que C. D. eram as suas iniciais e que ele iria começar com a frase que continha o epíteto. Eu, então, não disse nada, além de "eu vejo onde você está, peço que continue" e então eu obtive o 'T' (de "the") e então o 'E' e o 'I' desejados - sobre os quais nenhuma palavra foi dita - e envio as quatro iniciais que faltavam. Eu estava satisfeito com os conteúdos de minha mente que tivessem sido lidos, que não poderiam ter sido detectados pelo meu método de apontar o alfabeto, até mesmo supondo-se que estivesse sido visto... As coisas que eu havia registrados eram o início o início de longa série de experimentos, muitos tão notáveis quanto os que eu havia visto. (Da matéria ao espírito, "Prefácio", páginas XLI e XLII.)

Do corpo do mesmo trabalho, reproduzo uma pequena citação:

O mais notável exemplo de mesas girantes de que se teve notícia ocorreu em casa de um amigo, cuja família, como a minha, estava a beira-mar. A família de meu amigo consistia de seis pessoas, e um cavalheiro, agora o marido de uma das irmãs, juntou-se a eles, e eu estava acompanhado por um jovem membro de minha própria família. Nenhuma pessoa remunerada estava presente. Um cavalheiro que se considerava cético, não apenas com relação a manifestação de espíritos, mas sobre a existência espiritual em geral, sentou-se em um sofá a 60 ou 90 centímetro da mesa de jantar, ao redor da qual estávamos sentados. Após algum tempo, fomos orientados pelas batidas a unirmos nossas mãos e ficarmos de pé ao redor da mesa sem tocá-la. Tudo

aconteceu em 15 minutos, imaginando se qualquer coisa aconteceria ou se seríamos ludibriados por um poder oculto. Logo quando um ou dois membros do encontro falaram em assentar-se, a velha mesa, que era grande o suficiente para oito ou dez pessoas, moveu-se por si mesma enquanto a cercávamos e seguíamos com as nossas mãos unidas, foi em direção ao cavalheiro que estava fora do círculo e literalmente o empurrou para o encosto do sofá até que ele exclamou “Pare, é suficiente” (Da matéria ao espírito p.26)

J. W. Edmonds, comumente chamado de juiz Edmonds, era um homem consideravelmente eminente. Ele foi eleito membro de ambas as divisões da legislatura do estado de Nova York e foi por algum tempo o presidente do Senado. Ao mesmo tempo, inspetor de prisões e fez grandes melhoras no sistema penitenciário. Após passar por vários cargos menores ele se tornou um juiz da Suprema Corte de Nova York. Este é o cargo mais elevado do sistema judiciário do estado, e ele esteve nele por seis anos, e então renunciou, apenas em função do protesto levantado contra ele por ter-se revelado que se tornara adepto do espiritualismo. Ele então reassumiu suas atividades de advogado e foi eleito para a importante função de escrivão de Nova York, à qual, contudo, declinou em aceitar.

Inicialmente, o juiz foi levado por alguns amigos a visitar um médium e ficou admirado com o que viu, determinando-se a pesquisar o assunto, descobrir e expor o que até então acreditava tratar-se de uma grande impostura. O que se segue é uma de suas experiências apresentadas em seu trabalho sobre a Manifestação dos espíritos.

No dia 23 de abril de 1851, participei de uma reunião de nove pessoas que assentaram-se ao redor de uma mesa, na

qual uma lamparina estava brilhando, e havia outra lamparina acesa sobre a lareira. Então, diante de nossos olhos, a mesa foi elevada a pelo menos 30 centímetros do solo e movida para trás e para frente, tão facilmente como eu posso mover um copo com a minha mão. Algumas pessoas da reunião tentaram detê-la usando a força, mas foi em vão. Então, todos nos afastamos da mesa, e com o auxílio da luz das duas lamparinas vimos a pesada mesa de mogno suspensa no ar.

Na sessão subsequente, uma variedade de fenômenos extraordinários aconteceram com ele.

Enquanto eu estava de pé em um canto onde ninguém podia alcançar o meu bolso, senti uma mão se enfiar nele e depois verifiquei que havia sido dados seis nós em meu lenço. Uma viola foi colocada em minhas mãos e apoiada em meus pés, então soou. Minha pessoa foi repetidamente tocada e uma cadeira foi puxada debaixo de mim. Senti num de meus braços o que parecia ser o aperto de uma mão de ferro. Senti distintamente o polegar e os dedos, a palma da mão e protuberância do polegar e ela me segurou rapidamente com uma força tal que tentei escapar em vão. Com a minha outra mão apalpei ao redor de onde a pressão estava e convenci-me de que não era nenhuma mão terrestre que estava me segurando, nem poderia ser, já que estava tão sem forças frente aquela pressão como uma mosca estaria na palma da minha mão, Isto continuou até que eu percebesse o quão sem forças estava, e de toda forma eu havia tentado livra-me dela.

Novamente, como exemplos de inteligência e conhecimento do poder invisível, ele conta que, durante sua jornada à América Central, seus amigos em Nova York eram

quase diariamente informados de sua condição. Ao retornar, ele comparou o seu próprio diário com as anotações deles e descobriu que eles conheciam precisamente o dia em que ele aportou, os dias em que estava bem ou mal e, em uma ocasião, foi registrado que ele sofria uma dor de cabeça e a hora precisa em que ficou confinado em sua cama por causa disso, a duas mil milhas de distância. Em outro exemplo ele conta:

Minha filha foi com seu filho pequeno visitar alguns parentes a 650 quilômetros de Nova York. Durante a ausência dela, em torno das quatro horas da madrugada, foi-me dito por meio deste médium que o pequeno estava muito doente. Eu o procurei e descobri que, na hora exata que recebia a comunicação, ele estava muito doente, sua mãe e tia estavam sentadas junto dele, ansiosas pelo desfecho. [...] Isto dará uma idéia geral do que eu estava testemunhando duas ou três vezes por semana, por mais de um ano.

Eu não era um crente procurando por confirmação dos meus próprios conceitos. Lutava contra a convicção. Não detalhei as preocupações que tomei para me preservar da ilusão, pessoal ou provocada por outros. É suficiente dizer a este respeito que não omiti nada que minha inventividade pudesse divisar. Não havia nenhum sofisma arditoso demais para que eu não o considerasse, nenhum exame excessivamente rígido ou impertinente que eu não empregasse, nenhuma questão excessivamente intrometida que eu não fizesse.

Em uma carta publicada no New York Herald, em 6 de agosto de 1853, após resumir suas investigações, ele diz:

Iniciei as pesquisas inicialmente pensando em uma ilusão, e pensando em tornar pública a minha explicação

desta. Tendo chegado, a partir de minhas pesquisas, a uma conclusão diferente, sinto que a obrigação de tornar conhecido o resultado é tão justa quanto imperativa. Uma vez que é assim, principalmente, passo os resultados ao mundo. Digo principalmente porque há outra consideração que me influencia e que é o desejo de levar a outros um conhecimento, estou consciente disso, só irá fazê-los mais felizes e melhores.

Eu perguntaria agora se é possível que o juiz Edmonds tenha sido enganado com relação a estes fatos, ou que estivesse louco. Ele exerceu a profissão de advogado e manteve a mais alta reputação profissional até a sua morte, cerca de 20 anos depois.

Robert Hare, médico, professor emérito de química da Universidade da Pensilvânia, foi um dos mais eminentes cientistas dos Estados Unidos da América. Ele se destacou com um certo número de descobertas importantes (dentre as quais pode ser mencionado o maçarico de oxi-hidrogênio) e escreveu mais de 150 artigos sobre assuntos científicos, além de outros sobre questões morais e políticas. Em 1853, sua atenção foi dirigida pela primeira vez para as mesas girantes e fenômenos similares. Encontrando a explicação de Faraday (31) que ele no primeiro momento aceitou como suficiente, mas que poderia não explicar os fatos, ele dispôs-se a trabalhar no projeto de um aparato que iria, como ele assim o esperava, provar conclusivamente que nenhuma força era exercida senão pelas pessoas assentadas à mesa. O resultado não foi o esperado: não importa o quanto variasse as suas experiências, ele obtinha apenas a conclusão de que existia uma força que não era a de nenhum dos seres humanos presentes. Mas, além da força, havia uma inteligência, e

então ele foi compelido a acreditar que existências não-humanas realmente se comunicavam com ele.

(31) - Nota do tradutor: Michael Faraday foi um físico famoso do século XIX que se notabilizou por seus estudos sobre eletromagnetismo. Interessado nos fenômenos das mesas girantes, ele tentou explicar os fatos observados pela hipótese de que os movimentos são causados por ações musculares inconscientes dos participantes da reunião. Segundo o doutor Nandor Fodor, esta proposição foi comunicada inicialmente em carta endereçada ao jornal *The Times* em 30/06/1853. Faraday desenvolveu inúmeros experimentos e aparelhos buscando averiguar suas propostas.

É geralmente afirmado pelos descrentes nestes fenômenos que nenhum cientista os investigou a fundo. Isto não é verdade. Alguém que não tenha pessoalmente estudado os fatos não tem o direito mesmo de dar uma opinião sobre o assunto antes de conhecer o que tem sido feito pelos demais em matéria de pesquisa. E para ter este conhecimento será necessário ler cuidadosamente, entre outros trabalhos, a Pesquisa experimental das manifestações espirituais, de Hare, que já passou por cinco edições. É um volume de 460 páginas, densamente impressas in-oitavo, e contém, além dos detalhes de seus experimentos, numerosas discussões sobre questões filosóficas, morais e teológicas que mostram uma grande acuidade e capacidade lógica. Seus experimentos envolvendo médiuns profissionais e seu aparato era tão bem planejado que o médium não poderia, sob condições de teste, produzir os movimentos ou direcionar as comunicações que decorriam deles. Por exemplo, movimentos da mesa faziam uma agulha mover-se de forma circular sobre um alfabeto impresso sobre um disco. Assim, mesmo quando o médium não podia ver o disco, a agulha movia-se em direção às letras de forma a soletrar comunicações inteligentes e precisas. E quando as mãos do médium eram colocadas sobre uma lamina de metal, apoiada sobre esferas de metal cuidadosamente torneadas, de forma que nem o mais leve

impulso pudesse ser comunicada por ela a mesa, ainda assim a mesa se movia com facilidade e inteligência. Em outro caso as mãos de um médium foram suspensas em água, de forma a não ter qualquer conexão com o tampa sobre o qual a vasilha estava colocada, e ainda assim, atendendo um pedido, uma força de oito quilos foi aplicada sobre a mesa, como foi indicado por uma balança (veja as páginas de 40 a 50). Um espaço considerável foi dedicado a comunicações recebidas por este aparato, descrevendo a vida futura dos seres humanos e, até onde vai o meu julgamento, estas descrições tomadas como um todo dão-nos uma visão da vida espiritual mais elevada, racional e conexa que em qualquer outra doutrina de qualquer outra religião ou filosofia. Ao mesmo tempo, tais descrições certamente nos conduzem mais à moralidade e inculcam mais fortemente a importância de cultivar mais completamente todas as capacidades mentais com as quais fomos dotados. Até que seja possível provar que a fonte sobre-humana destas comunicações é uma ilusão, eu continuarei sustentando que, com base em seus próprios méritos, elas nos dão a melhor, a maior, a mais racional e a mais aceitável das idéias de um estado futuro, e são o melhor incentivo ao avanço moral e intelectual. Convido todo pensador a examinar o trabalho e considerá-lo por si, antes de se decidir contra ele.

Acrescentarei, muito brevemente, o testemunho de um certo número de ingleses, bem conhecidos e inteligentes, sobre fatos de natureza similar testemunhados por eles.

Evidências de literatos e profissionais para os fatos do "Espiritualismo Moderno"

T. Adolphus Trollope foi educado em Oxford e é bem conhecido como autor de relatos de viagem, ficção, biografia e história, com numerosos trabalhos de alta excelência. Em 1855, ele escreveu uma carta ao senhor Rymer, de Ealing, que foi publicada no *Morning Advertiser*, e é reproduzida em *incidentes da minha vida*, (2ª ed., p. 252), no qual ele mostra a imprecisão e deslealdade do relatório de sir David Brewster sobre os fenômenos que ocorreram na presença de ambos na casa do senhor Rymer, e conclui com estas palavras:

Eu penso que não deveria fazer todo aquele serviço, que exigiria de mim, neste caso, que concluísse sem afirmar muito solenemente que, após muitas oportunidades de testemunhar e investigar os fenômenos causados ou que aconteceram ao senhor Home, estou totalmente convicto de que, seja qual for a origem, causa e natureza, eles não são produzidos por qualquer fraude, maquinaria, prestidigitação, ilusão ou trapaça de sua parte.

Novamente em uma carta ao *Atheneum*, oito anos depois (datada de Florença, 21 de março de 1863), ele diz:

Eu estive presente em muitas 'sessões' do senhor Home na Inglaterra, muitas em minha própria casa em Florença, algumas na casa de um amigo em Florença. [...] Meu testemunho, então, é este: vi e percebi fatos físicos total e completamente inexplicáveis, como creio, por qualquer lei da física geralmente aceita. Eu, sem hesitação, rejeito a teoria que considera que tais fatos sejam produzidos por

meio de meios conhecidos pelos melhores professores de prestidigitação.

Uma opinião tão positiva como esta, de um homem de tal eminência, que durante oito anos teve repetidas oportunidades de testemunhar, examinar e refletir sobre os fenômenos, deve certamente ser considerada como de mais valor que a opinião oposta, tão freqüentemente adotada por aqueles que, ou não os testemunharam ou o fizeram em apenas uma ou duas ocasiões.

James M. Gully é médico, autor de *Neuropatia e nervosismo*, *Tratamento simples da doença*, *A cura de doenças crônicas* bela água. Sobre seu último trabalho, o *Athenaeum*, assim se pronunciou: "O livro do doutor Gully é evidentemente escrito por um médico bem instruído. O trabalho é, de longe, o mais científico que li sobre a hidroterapia." O dr. Gully foi uma das pessoas presentes na célebre sessão descrita na *Cornhill Magazine*, em 1860, sob o título "Mais estranho que a ficção", e ele escreveu uma carta ao jornal *Morning Star*, confirmando a completa veracidade daquele artigo. Ele diz:

Eu posso afirmar com a maior certeza que os registros feitos no artigo "Mais estranho que a ficção" são corretos em cada detalhe: que os fenômenos nele relatados realmente aconteceram no encontro daquela noite; e, mais ainda, que nenhum truque, maquinalmente, habilidade de mãos ou outra artimanha artística produziu o que ouvimos ou observamos. Estou totalmente convencido disto como dos fatos em si.

Ele então começa a mostrar o absurdo de todas as explicações sugeridas para tais fenômenos, como o senhor Home flutuar pela sala, o que ele viu e percebeu, e o toque do acordeão nas mãos de diversas pessoas, geralmente a três

metros de distância do senhor Home. Mas o mais importante fato é que o doutor Gully se tornou um dos mais estimados amigos do senhor Home. Ele recebeu o senhor Home em sua casa com freqüência, e teve amplas oportunidades de testar os fenômenos pessoalmente, e de detectar com certeza o gigantesco e complicado sistema de fraude, se ele houvesse. Para a maioria das mentes, esta será a mais forte prova da realidade dos fenômenos, mais forte que quaisquer outros fatos observados em uma simples sessão ou qualquer afirmativa vazia que a coisa é impossível.

William Howitt, o bem conhecido autor de Vida rural na Inglaterra, de diversos trabalhos históricos mostrando uma pesquisa detalhada, de muitos e excelentes trabalhos de ficção e de uma História do descobrimento na Austrália, teve extensas oportunidades de investigar os fenômenos, e dificilmente se pode supor que fosse incapaz de julgar fatos palpáveis como este:

A senhora Howitt teve um botão de gerânio colocado em sua mão por uma mão invisível, nós o plantamos e ele esta crescendo; logo, não há nenhuma ilusão, nenhum dinheiro imaginário transformado em folha ou terra. Eu vi a mão de um espírito de forma tão distinta quanto vejo minha mão. Toquei a mão de um espírito diversas vezes, uma vez quando ela estava me oferecendo uma flor.... Algumas noites após o desejo de uma dama de que “A Última rosa do verão” fosse tocada por um espírito ao acordeão, o desejo foi realizado, mas em um estilo tão ruim que o grupo pediu que fosse interrompido. Isto foi feito, mas, pouco tempo depois, por outro espírito, evidentemente, o acordeão foi carregado e suspenso sobre a cabeça da dama, e lá, sem qualquer suporte visível ou ação sobre o instrumento, ela foi tocada nos ares

da forma mais admirável, a vista e audição de todos. (Carta de William Howitt ao senhor Barkas, de Newcastle, registrada no livro de Home, Incidentes de minha vida, 2ª ed., p. 189.)”.

Aqui, o fato de as testemunhas não aceitarem música ruim em lugar de boa música, por acreditarem que provém de uma origem sobrenatural, está decididamente em favor da sua frieza e julgamento, e os sentidos dos mortais comuns são completamente capazes de verificar tal fato.

O honorável coronel Wilbraham enviou a seguinte carta ao senhor Home. Eu a extraio do *Spiritual Magazine*:

Rua Brook. 46, 14 de abril de 1863.

Meu caro senhor Honre,

Tenho muito prazer em afirmar que assisti a diversas sessões, em sua presença, em casa de dois dos meus antigos mais íntimos, quando testemunhei fenômenos similares àqueles descritos em seu livro, dos quais tenho certeza não terem sido produzidos por qualquer truque ou conluio. Os aposentos nos quais eles ocorreram estavam perfeitamente iluminados, e era impossível para mim descrever da evidência dos meus próprios sentidos. Acredite-me,

Atenciosamente,

E.B.Wilbraham.

S. C. Hall, membro da Sociedade de Artes, advogado, por muitos anos editor do *Jornal de Arte*, e bem conhecido nos círculos literário, artístico e filantrópico, escreveu a seguinte carta ao editor do *Spiritual Magazine* (1863, p. 336):

Senhor, eu sigo o exemplo do coronel Wilbraham, e desejo registrar a minha crença nas afirmações do senhor D. D. Home (*Incidents of my life*). Eu vi pessoalmente quase

todas as maravilhas que ele relata, algumas em sua presença, outras com outros médiuns, e algumas quando não havia nenhum auxílio mediúnico (quando a senhora Hall e eu nos assentamos sozinhos). Há não muito tempo, eu havia confessado a descrença em todos os milagres; eu tenho visto tantos que a minha fé como cristão não é agora apenas uma profissão aparente, mas uma convicção completa e solene. Por este bem incalculável, estou em débito com o "espiritualismo" e é meu inelutável dever induzir o conhecimento do seu poder de ensinar e de fazer feliz. Este encargo deve, no presente, ser limitado à declaração de confiança no senhor Honre - Do seu,

S. C. Hall"

Nassau William Senior, antigo mestre em Chancery e duas vezes professor de economia política na Universidade de Oxford, foi, para espanto das pessoas convencido da verdade e realidade do que elas, em seu conhecimento superior, supõem ser uma ilusão grosseira. Em seu Ensaio filosóficos e históricos (vol II, pp. 256-66), Senior faz uma cuidadosa síntese da quantidade e dos tipos de evidência em favor da frenologia, homeopatia e mesmerismo, e conclui:

[...] ninguém deve duvidar que fenômenos como estes merecem ser observados, registrados e organizados e, se os chamamos de mesmerismo ou de outro nome a ciência que propõe fazê-lo, é uma mera questão de nomenclatura. Entre aqueles que professam esta ciência, deve haver observadores descuidados, escritores preconceituosos e sistematizadores precipitados: seus erros e imperfeições devem impedir o progresso do conhecimento, mas não o irão detê-lo. E não temos duvida de que, antes do fim deste século, as maravilhas que agora deixam perplexos tanto aqueles que

aceitam quanto os que rejeitam o mesmerismo moderno irão ser distribuídas em classes definidas, e se encontrarão matérias de leis verificáveis - em outras palavras, serão objeto de uma ciência.

Estas visões irão preparar-nos para a seguinte afirmativa, feita no *Spiritual Magazine* (1864, p. 336), a qual deve ser, sem dúvida, negada com autoridade, se incorreta:

Estas visões irão preparar-nos para a seguinte afirmativa, feita no *Espiritual magazine* (1864, p. 336), a qual deve ser, sem dúvida negada com autoridade, se correta:

Temos apenas a adicionar, como um tributo posterior às conquistas e honras do senhor Sênior, que ele foi, através de uma longa pesquisa e experiência, um crente seguro no poder espiritual e nas manifestações. O senhor Home foi o seu convidado freqüente e o Senhor Sênior não fez segredos de suas crenças entre os amigos. Foi ele quem recomendou a publicação do trabalho recente do Senhor Home pelos senhores Longman, e ele autorizou a publicação, das iniciais, de um dos incidentes fantásticos que lá se encontram, que aconteceram a um próximo e querido membro de sua família.

O reverendo William Kerr, mestre em artes, titular em Tipton, em seu trabalho sobre *Punição, futura, imortabilidade e espiritualismo moderno*, dá o seu testemunho sobre os fatos:

O escritor destas páginas tem dedicado, há um bom tempo, grande atenção ao assunto, e está em posição de afirmar com toda a fé, a partir de sua própria experiência e seus repetidos experimentos, que os fenômenos atribuídos ao espiritualismo são, em sua grande maioria, nem produtos de impostura nem de ilusão. Elas são verdadeiros, e o são

inteiramente. As maravilhas que ele testemunhou pessoalmente, na privacidade da sua própria residência, com apenas alguns poucos amigos escolhidos, e sem ter jamais visto um médium público, são em muitos aspectos complementemente iguais a qualquer das narrativas surpreendentes que foram impressas

Thackeray, embora seja um tranqüilo homem do mundo e um dedicado estudante da natureza humana, não pôde resistir à evidência dos seus sentidos neste assunto. O senhor Weld, em seu *Último inverno em Roma*. (p. 180), afirma que, em um jantar ocorrido pouco depois do surgimento no *Cornhill Magazine* do artigo intitulado "Mais estranho que a ficção", o senhor Thackeray foi advertido por haver permitido que tal artigo aparecesse. Após calmamente ouvir tudo o que poderia ser dito sobre o assunto, Thackeray replicou: "Está muito bem que você, que provavelmente nunca viu qualquer manifestação espiritual, fale como você falou, mas, se houvesse visto o que eu vi, você sustentaria uma opinião diferente." Então ele começou a informar o senhor Weld e os demais que, quando esteve em Nova York, em um jantar festivo, viu uma mesa de jantar grande e larga, coberta com garrafas ornamentais, copos e uma sobremesa completa, subir efetivamente a 60 centímetros do piso, sendo o *modus operandi*, como ele o disse decorrente de uma força espiritual. Nenhuma trapaça poderia ter sido empregada naquela ocasião, ele declarou. E sentiu-se tão convencido de que a força que causou aquilo era sobrenatural que fez sua adesão à verdade do espiritualismo desde então e conseqüentemente aceitou o artigo sobre a sessão do senhor Home.

O falecido lorde chanceler Lyndhurst foi outro eminente convertido ao espiritualismo. A *Spiritual Magazine* (1863, p. 519), afirma:

Ele era um observador cuidadoso e perscrutados de todos os fatos que vieram ao seu conhecimento, não tinha predileções ou preconceitos contra qualquer um e, durante as repetidas entrevistas que fez com o senhor Home, ficou inteiramente satisfeito sobre a proximidade do mundo espiritual e com a capacidade de comunicação dos espíritos com as pessoas que continuam encarnadas. Sobre a verdade dos fenômenos físicos, ele não teve dificuldade em reconhecê-la amplamente, e também não fez nenhum segredo de sua convicção, com seus artigos podem testificar.

O arcebispo Whately era um espiritualista. O senhor Fitzpatrick, em suas *Memórias de Whately*, conta-nos que o arcebispo foi por longo tempo um convicto do mesmerismo e ultimamente da clarividência e do espiritualismo.

Fomos de um extremo ao outro, até ele admitir uma crença implícita na clarividência, induzida por uma senhora que a possuía que tornou-se íntima na sua casa, e alguns dos últimos atos de sua vida foram tentativas ansiosas de obter mesas girantes e evocações entusiasmadas de batidas espirituais.

Este trecho convertido em linguagem clara significa que o arcebispo examinou os fatos antes de decidir sobre sua possibilidade e, tendo satisfeito a si mesmo por meio do experimento pessoal da sua realidade, viu sua imensa importância e prosseguiu sua investigação com ardor.

O doutor Elliotson, que por muitos anos foi um dos oponentes mais determinados do espiritualismo, foi totalmente convencido pela irresistível lógica dos fatos. O

senhor Coleman escreveu, então, no *Spiritual Magazine* (1864, p. 216):

"Eu estou", disse o doutor Elliotson para mim, e é com esta sanção que anuncio. "plenamente satisfeito da realidade dos fenômenos. Não estou ainda preparado para admitir que eles são produzidos pela ação de espíritos. Eu não nego isto, da mestra forma que sou incapaz de explicar satisfatoriamente o que tenho visto por qualquer outra hipótese. As explicações que foram dadas para os fenômenos não me satisfazem, mas eu desejo reservar minha opinião sobre este ponto por agora. Sou livre, contudo, para dizer que lamento que a oportunidade não me tenha sido dada em um período anterior. O que tenho visto ultimamente criou uma profunda impressão em minha mente, e o reconhecimento da realidade destas manifestações, qualquer que seja a sua causa, está revolucionando meus pensamento e sentimentos sobre quase todos os assuntos."

O falecido sir Richard Burton não era um homem para ser considerado como iludido por uma "fraude grosseira", embora seja de se notar o que ele diz sobre os irmãos Davenport, que teriam sido desmascarados. Em uma carta ao doutor Ferguson, publicada por ele, Burton afirma que tem visto estas manifestações sob as mais favoráveis circunstâncias, em casas particulares, e com as cordas, tiras e instrumentos musicais sendo fornecidos por eles mesmos. Ele assim o diz:

O casaco do senhor W. Fay foi removido enquanto ele estava com os pés e mãos presos de forma segura, e um fósforo foi aceso no mesmo instante, mostrando-nos os dois cavalheiros presos de forma segura, e o casaco no ar flutuando no outro lado da sala. Em circunstâncias

precisamente similares, o casaco de outro homem foi colocado sobre ele.

E ele conclui o seguinte:

Eu passei grande parte da minha vida em terras orientais, e vi muitos mágicos. Ultimamente, foi-me permitido ver e estar presente a performance dos senhores Anderson e Tolmaque. Este último mostrou ser, como eles mesmos dizem, um presdigitador muito esperto, mas eles sequer tentaram o que o senhor Davenport e o senhor Fay conseguiram fazer. Finalmente, tenho lido e ouvido toda a explicação sobre os ‘truques’ dos Davenport até então apresentados ao público inglês e, creia-me, se qualquer coisa me fizesse aceitar aquele extraordinário salto ‘da matéria ao espírito’, isto é um total e completo disparate das razões pelas quais as manifestações são explicadas.

O professor Challis, docente de astronomia em Cambridge, e quase a única pessoa, até onde eu sei, que afirmou sua crença em alguns destes fenômenos apenas a partir do peso do testemunho em seu favor. Em uma carta ao Clerical Journal de junho (?) de 1862, ele diz:

Embora eu não tenha base em observação pessoais para dar crédito a alegada movimentação espontânea das mesas, tenho sido incapaz de resistir a grande quantidade de testemunhos acerca de tais fatos, que tem vindo de muitas fontes independentes e de um vasto número de testemunhas. Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos da América, assim como a maioria das outras nações da cristandade, contribuíram simultaneamente com a sua cota de evidência. [...] Em resumo, os testemunhos têm sido tão abundantes e consentâneos que, ou os fatos devem ser admitidos tais como

são relatados, ou a possibilidade de certificarem-se fatos a partir do testemunho humano deve ser abandonada.

Testemunhos mais Recentes

Desde a publicação da primeira edição deste trabalho uma vasta quantidade de testemunhos adicionais tornou-se disponível e um considerável numero de homens eminentes declarou a sua convicção da realidade das várias classes de fatos que foram descritas ou citadas aqui. Os mais conhecidos e de mais peso dos convertidos são - William Crookes, membro da Sociedade Real, um químico de reputação mundial; o professor Oliver Lodge, membro da Sociedade Real e docente do University College, em Liverpool; o falecido professor Zollner, da Universidade de Leipzig; o conde de Crawford e Balcarres, membro da Sociedade Real, ex-presidente da Sociedade Real Astronômica; o senhor F. W. H. Myers, de Cambridge, um literato de eminente habilidade e julgamento; o professor Elliott Coues, de Washington, um dos mais brilhantes cientistas americanos; o professor W. F. Barret, da Faculdade Real de Ciência, Dublin; o falecido professor Balfour Stewart, membro da Sociedade Real e docente, da Faculdade Owens, Manchester; e o falecido Hensleigh Wedgwood, autor de valiosos trabalhos de filologia. Além destes, há muitos outros que são menos conhecidos do público, enquanto em todos os países da Europa diversos médicos, assim como professores de diversos ramos da ciência, satisfizeram-se quanto à realidade e importância dos fenômenos.

Talvez o mais valioso corpo de novas evidências tenha sido alcançado por meio do senhor Stainton Moses, que por muitos anos foi um dos catedráticos da University College School e um homem de habilidade excepcional, assim como de um caráter elevado. Ele foi um médium notável, assim como D. D. Home, com a grande vantagem de ser um homem de considerável capacidade literária e hábitos metódicos, e de, durante os últimos 17 anos de sua vida, manter registros precisos e sistemáticos de todos os fenômenos que ocorreram por meio de suas capacidades psíquicas. Ele reunia-se quase sempre com amigos pessoais, muitos dos quais também mantinham anotações do que acontecia. Após um amplo exame de todos estes registros independentes, o senhor Myers concluiu que os vários fenômenos, muitos dos quais estão entre os mais notáveis, foram totalmente bem fundados. O pesquisador deve ler cuidadosamente o artigo do senhor Myers, "As experiências de W. Stainton Moses" nos Anais da Sociedade de Pesquisa Psíquica, (32) vol. IX, e deve também estudar as publicações do senhor Moses - Identidade espiritual, Psicografia e Ensinos espiritualistas. (33)

(32) - Nota do tradutor: A referida sociedade permanece em funcionamento na Inglaterra e nos Estados Unidos, e publica os anais, disponíveis para seus filiados.

(33) - Nota do tradutor: Ensinos espiritualistas foi traduzido para a língua portuguesa e é publicado pela Federação Espírita Brasileira.

O senhor William Crookes, membro da Sociedade Real, investigou os fenômenos do espiritualismo por quase quatro anos, com a ajuda do senhor Home, das senhoritas Kate Fox e Florence Cook, e de alguns outros médiuns. Os experimentos foram todos realizados em sua própria casa e freqüentemente em seu laboratório, e foram aplicados vários testes com aparelhos elétricos e outros aparatos sob o seu

comando. Ele descobriu que todos os fenômenos eram genuínos, incluindo a produção do que foi chamado de 'formas espirituais', registradas por ele em fotografia. Em 1814 ele publicou um breve relato dos seus experimentos sob o título Pesquisa sobre os fenômenos do espiritualismo (34) Quinze anos após, ele escreveu um artigo para Proceedings of the Society for Psychical Research, intitulado "Notas das sessões com D. D. Home", sobre as quais ele diz:

(34) - Nota do Tradutor: Parte deste livro se acha traduzido para a língua portuguesa e publicado pela Federação Espírita sobre o título de Fatos Espíritos.

Sua publicação irá, de qualquer forma, mostrar que eu não mudei de idéia; que numa revisão desapaixonada das afirmativas colocadas por mim há quase 20 anos, eu não encontrei nada para ser alterado ou revisado. Eu não descobri nenhuma falha nos experimentos realizados àquela época ou nos raciocínios que baseei neles.

O senhor Oliver J. Lodge, membro da Sociedade Real, professor de física no Liverpool University College, publicou em 1890 um relatório de uma série de 22 sessões, em sua própria casa, com uma médium americana de transe, a senhora Piper. Sua conclusão é:

Que há mais do que pode ser explicado por qualquer quantidade de fraude consciente ou inconsciente, que o fenômeno é genuíno, mas ainda está por ser explicado. Eu considero agora, com certeza absoluta; e faço as duas seguintes afirmações com a maior confiança: (1) a atitude da senhora Piper não é a de fraude, (2) nenhum tipo de fraude concebível pode explicar os fatos.

Os detalhes completos destas sessões, junto com os de outras pessoas com a mesma médium, são fornecidos nos anais da Sociedade de Pesquisa Psíquica de dezembro de 1890. (35)

(35) – Nota do tradutor: O leitor interessado pode conhecer melhor esta médium em *Os sábios e a senhora Piper: Provas da comunicabilidade dos espíritos*, de autoria de Antonio César Perri de Carvalho e publicado pela Casa Editora O Clarim.

Em 1894, o professor Lodge devotou três semanas a uma pesquisa dos fenômenos físicos que ocorreram na presença de Eusápia Paladino, uma napolitana sem instrução que foi testada por diversos homens de ciência - italianos, alemães e franceses -, e todos eles ficaram convencidos do caráter genuíno das manifestações. As sessões ocorreram em casas particulares, diante do professor Charles Richet, um médico francês que fez um estudo sobre as doenças mentais e o hipnotismo. Sob condições de teste, as sessões normalmente contaram com a supervisão pessoal do professor Lodge. Os fenômenos consistiam no movimento de vários objetos a consideráveis distâncias do médium, a aparição de mãos e rostos de pessoas que não estavam presentes, sons musicais produzidos por um acordeão e pelo piano, enquanto ninguém estava tocando nenhum instrumento, uma pesada mesa virada completamente, embora não tivesse sido tocada por ninguém, e várias partes do corpo do professor tocadas ou agarradas por mãos invisíveis enquanto as mãos do médium eram seguras firmemente e luzes semelhantes a vaga-lumes moviam-se pelo ambiente. Sua conclusão foi a de que estes vários fenômenos não foram produzidos pelo médium de qualquer forma normal, e que elas não eram explicáveis como resultado de qualquer causa física conhecida. A descrição completa e a discussão destas sessões pode ser encontrada no *Jornal da Sociedade de Pesquisa Psíquica* de dezembro de 1894, com questões e detalhes posteriores nos números de março, abril e maio de 1895.

Mais um investigador científico pode ser brevemente citado. O falecido Johann G. F. Zollner, professor de

astronomia física da Universidade de Leipzig, teve mais que 30 sessões com o médium americano Slade, em sua própria casa em Leipzig ou em casas de seus amigos, entre novembro de 1877 e maio de 1878, e testemunhou alguns dos mais notáveis fenômenos físicos que foram registrados; todos na presença de um ou mais dos seus colegas professores, especialmente os professores Weber, Scheibner e Fechner. Entre fenômenos estavam o surgimento de nós em cordas ou tiras de couro que tinham as suas pontas emendadas e seladas a um pedaço de cartão, sendo mantidas por Zollner sobre a superfície da mesa enquanto as pontas do laço estavam sobre o seu joelho; e a remoção de dois sólidos anéis de madeira de um categute, seguros e mantidos da mesma maneira, para o pé de uma pequena mesa da qual eles não poderiam ser removidos sem que se dividisse a mesa em pedaços, e onde eles permaneceram até a morte de Zollner. Igualmente notável foi a retirada de uma moeda de uma caixa na qual ela estava fechada e firmemente colada, e a retirada de duas moedas de outra caixa selada com a recolocação de pedaços de lápis de ardósia em seu lugar.

Também houve o ato de escrever sobre ardósias fechadas sob rígidas condições de teste, assim como a aparição de mãos humanas e de luzes em movimento, e o movimento de numerosos objetos pequenos que foram como que carregados pela sala. Todos estes fenômenos estão descritos em minúcias no livro de Zollner, Física transcendental (36) traduzido do alemão pelo senhor C. C. Massey em 1880. As ocorrências mais notáveis estão ilustradas por gravuras feitas a partir das fotografias.

(36) – Nota da tradutora: Traduzido para o português e publicado pela EDICEL com título de Provas Científicas da Sobrevivência.

Os fatos agora brevemente descritos são suficientes para provar que, nos nossos dias - como no anterior período da pesquisa, cerca de meio século atrás -, o experimento cuidadoso, continuado e esmerado feito pelos mais eminentes e capazes homens de ciência sempre resulta na sua satisfação quanto à realidade dos fenômenos, enquanto aqueles homens eminentes que mais sonoramente proclamam que estes fenômenos são o resultado da impostura ou da ilusão são incapazes de mencionar mais que duas ou três sessões casuais como a base de suas conclusões. Temos de um lado as observações cuidadosas e muito repetidas sob as condições mais favoráveis de Crookes, Oliver Lodge e Zollner; de outro, as poucas e insatisfatórias sessões nas quais Carpenter, Tyndall e Kankester basearam o seu veredicto contrário. Então, como vemos, agora, como durante todo o curso da história do espiritualismo moderno, quanto maior é o conhecimento, mais completamente a realidade dos fenômenos é estabelecida.

VIII

A teoria espiritualista

Sem dúvida muitos dos meus leitores irão se sentir incomodados pelos fenômenos estranhos e aparentemente sobrenaturais aqui trazidos ao seu conhecimento. Eles irão exigir que, se realmente devem ser aceitos como fatos, deve ser demonstrado que formam uma parte do sistema do

universo ou pelo menos devem ser colocados sob algumas hipóteses plausíveis.

Há uma hipótese - velha em seu princípio fundamental, nova em muitos de seus detalhes - que agrupa todos estes fenômenos como uma parte da natureza, até o momento completamente ignorados pela ciência e talvez vagamente especulados pela filosofia, tratando-os sem qualquer conflito com a ciência mais avançada e a mais alta filosofia. De acordo com esta hipótese, o que, na falta de um nome melhor, chamaremos de espírito é a parte essencial de todos os seres sensíveis, cujos corpos não são mais que máquinas e instrumentos por meio dos quais ele age sobre os outros seres e a matéria. É o espírito que sente, sozinho, e percebe, e pensa - adquire conhecimento, e raciocina, e anseia -, embora só possa fazê-lo, por meio do organismo, e na exata proporção em que este esteja ligado àquele. O homem é o espírito do homem. E o espírito é a mente. O cérebro e os nervos não são mais que a bateria magnética e o telégrafo por meio dos quais o espírito se comunica com o mundo exterior.

Embora o espírito seja em geral inseparável do corpo vivente que lhe fornece a vida animal e intelectual (para as funções vegetativas do organismo poder-se-ia, talvez, prosseguir sem espírito), acontece, não raramente, haver indivíduos de tal forma constituídos que o espírito pode perceber sem o auxílio dos órgãos dos sentidos, ou talvez deixar total ou parcialmente o corpo por algum tempo e retornar a ele novamente. Na morte, ele abandona o corpo para sempre. O espírito, assim como o corpo, possui leis e limites definidos para suas capacidades. Ele comunica-se com espíritos mais facilmente que com a matéria e em

muitos casos só pode perceber a matéria e agir nela por meio do médium, que é um espírito encarnado. O espírito que viveu e desenvolveu suas capacidades vestido com um corpo humano continuará mantendo seu modo de pensar quando deixar o corpo, seus gostos anteriores, seus sentimentos e afeições. O novo estado de existência é uma continuação natural do antigo. Não há nenhuma súbita aquisição de novas inclinações mentais, nenhuma revolução da natureza moral. Aquilo que o espírito encarnado fez de si ou tornou-se, é o espírito desencarnado no começo de sua vida sob novas condições. Ele possui o mesmo caráter de antes mas adquiriu novas capacidades físicas e mentais, novos modos de manifestar os sentimentos morais, capacidade mais ampla para adquirir conhecimento físico e espiritual. A grande lei da 'continuidade' tão habilmente mostrada por falta por sir William Groves em sua campanha para a presidência da Associação Britânica em Nottingham, permeia todo o domínio da natureza e esta, pois de acordo com a teoria espiritualista, amplamente aplicável às nossas passagens e ao progresso em direção a um estado mais avançado da existência - uma visão que deveria ser recomendada aos homens de ciência como sendo provável em si, e em formidável contraste com as doutrinas dos teólogos, que colocam um grande golfo entre a natureza mental e as demais naturezas humanas no seu presente e no seu futuro estado de existência.

Esta hipótese, considerada uma mera especulação, é tão coerente e inteligível quanto pode ser qualquer especulação sobre qualquer assunto. Mas ela exige ser considerada como algo mais que uma especulação, já que serve para explicar e interpretar aquele vasto conjunto de fatos dos quais apenas

alguns poucos exemplos foram dados aqui e fornece sobre o estado futuro do homem, uma teoria mais inteligível, consistente e harmoniosa que qualquer religião ou filosofia já ofereceu.

Primeiramente, vamos à interpretação dos fatos. Nos mais simples fenômenos do magnetismo animal, quando os músculos, os sentidos e as idéias dos pacientes estão sujeitos ao desejo do operador, o espírito age sobre o espírito, com a intermediação de uma peculiar relação entre a capacidade magnética ou biológica (37) dos dois organismos. Então o magnetizador é habilitado, à sua vontade, a afetar a mente e o corpo do paciente e induzir nele, por alguns instantes, um mundo imaginário. Nos fenômenos maiores de ‘clarividência simples’, o espírito parece estar, de alguma forma, liberto dos laços do corpo e pode perceber por outros meios além dos cinco sentidos. No estado ainda maior de clarividência denominado ‘viagens mentais’, (38) o espírito parece deixar o corpo (ainda conectado a ele, contudo, por uma ligação etérea); percorrer alguma distância pelo planeta, comunicando-se com pessoas em países remotos se houver algum indício pelo qual se possa distingui-los; (talvez com a mediação de seus organismos) perceber e descrever eventos que estão ocorrendo ao seu redor."

(37) – Nota do tradutor: Wallace esta se referindo ao conceito do magnetismo animal de mesmer.

(38) - Nota do tradutor: Denominado por kardec de ‘mediunidade sonambúlica’ e conhecido atualmente pelo movimento espírita brasileiro, pela influência da obra de aksakof e Bozzano, como desdobramento.

Sob certas condições, o espírito fora do corpo é capaz de formar para si mesmo um corpo visível a partir das emanções de corpos vivos em uma relação magnética consigo e, em com condições ainda mais favoráveis, este corpo pode tornar-se tangível. Desta forma, todos os

fenômenos de mediunidade acontecem. A gravidade é superada por uma forma de magnetismo biológico, induzido pelo espírito sobre o médium. Mãos visíveis ou corpos visíveis são produzidos, que algumas vezes escrevem, ou desenham, ou até falam. Desta maneira, amigos que partiram vêm se comunicar com os que continuam vivos ou, no momento da morte, o espírito aparece visivelmente, algumas vezes de forma tangível, aos seres amados de uma terra distante. Todos estes fenômenos aconteceriam com maior frequência se as condições que permitem as comunicações fossem mais gerais e mais cultivadas.

Parece, então, que todos os fatos estranhos, denominados assim porque são considerados ‘sobrenaturais’, podem ser creditados à atuação de seres de uma natureza mental semelhante à nossa - que são, de fato, como nós somos -, mas um passo à frente na longa jornada através da eternidade. A natureza trivial e fantástica dos atos de alguns destes espíritos incorpóreos não deve causar espanto, quando consideramos a miríade de seres humanos fantásticos e triviais que estão diariamente transformando-se em espíritos e que mantêm, pelo menos por algum tempo, sua natureza humana em uma nova condição. Mas a natureza geralmente trivial dos atos e comunicações dos espíritos (admitindo-os como tal) pode ser totalmente refutada. Se nós víssemos duas ou três pessoas fazendo gestos estranhos em perfeito silêncio, provavelmente pensaríamos que elas deveriam ser idiotas; mas se nós descobrirmos que dois deles são surdos-mudos, e que os três estão conversando na linguagem dos sinais, nós nos conscientizamos de que a gesticulação dos seus corpos não seria mais intrinsecamente absurda que os movimentos de nossos lábios e nossa feição durante a fala.

Então, se sabemos que os espíritos só podem se comunicar conosco de forma muito limitada, nós veremos que a 'trivialidade' consiste na desaprovação de qualquer forma de conversa mental por considerá-la trivial ou indigna. Então, novamente, como geralmente se diz que os assuntos das comunicações são "indignos de um espírito", a questão real é se eles são de tal forma indignos, como seriam se o mesmo espírito estivesse no corpo? Devemos também nos lembrar de que, na maioria dos casos, o espírito precisa primeiro satisfazer seu inquiridor sobre a sua existência e em muitos casos tem de o fazer frente a um forte preconceito contra a possibilidade da comunicação dos espíritos ou até mesmo da existência dos espíritos. O fato indubitável de que milhares de pessoas têm sido de tal forma convencidas pelos fenômenos que elas testemunharam na presença de médiuns mostra que, embora possam ser triviais, estes fenômenos são bem apropriados para satisfazer a muitas mentes e então levá-las a aceitarem e inquirirem os fenômenos de mais alto grau, aos quais, de outra forma, jamais poderiam ter sido levadas a examinar.

Esta hipótese da existência do espírito, tanto no homem quanto fora dele, e sua possível e efetiva intercomunicação deve ser julgada exatamente da mesma forma que nós julgamos qualquer outra hipótese - pela natureza e a variedade dos fatos que ela inclui e considera, e pela ausência de qualquer outro modo de explicar tão grande variedade de fatos. Contudo, a realidade dos fatos é uma coisa e a qualidade da hipótese é outra. Encontrar uma falha na hipótese não é a mesma coisa que falsificar os fatos. Eu sustento que os fatos foram provados, da única forma que fatos podem ser provados: pelo testemunho concorrente de

observadores honestos, imparciais e cuidadosos. A maioria dos fatos pode ser testada por qualquer pesquisador sério. Eles foram sustentados perante a provação do ridículo e também de um rígido escrutínio por 46 anos, durante os quais seus adeptos foram crescendo prontamente, ano após ano, incluindo homens de toda a ordem e lugar, de todo tipo de mentalidade, de todo grau de talento. Enquanto isso, nem um indivíduo sequer que seriamente tenha se devotado a um completo exame destes fatos negou a sua realidade. Estas são características de uma nova verdade, não de uma ilusão ou impostura. Os fatos, portanto, estão provados.

Antes de começar a considerar a natureza da doutrina que o espiritualismo revela, eu desejaria dizer umas poucas palavras sobre um trabalho, feito por um escritor muito filosófico, no qual os fatos do espiritualismo são em grande parte admitidos, mas explicados por uma hipótese diferente da que venho expondo brevemente. O senhor Charles Bray, autor de *Filosofia da necessidade*, *Educação dos sentimentos* etc., publicou um pequeno volume cujo título é *Sobre a força, seus correlatos mentais e morais*; e sobre o que se considera estar sob todos os fenômenos; com especulação sobre o espiritualismo e outras condições anormais da mente. A segunda metade do trabalho é inteiramente devotada a uma consideração dos fatos do espiritualismo moderno e a uma tentativa de explicá-los com princípios filosóficos. O senhor Bray nos diz que testemunhou pessoalmente uns poucos fenômenos, o suficiente para convencê-lo de que eles poderiam ser verdadeiros. Ele parece ter muita confiança mais no surpreendente testemunho dos fatos por homens considerados inteligentes, e os próprios fatos seriam de uma natureza tal que na poderiam ser menosprezados.

Indubitavelmente, ele tem sido conduzido a este quadro mental, menos cético do que é usual em escritores filosóficos, por sua familiaridade com casos de clarividência, um dos quais apresenta da seguinte forma:

Eu ouvi falar de uma jovem em estado mesmérico que descreve minuciosamente tudo o que é visto por uma pessoa com a qual ela esteve em contato, e em alguns casos mais do que foi visto ou poderia ser visto, com as iniciais gravadas num relógio que não estivesse aberto e também descreve pessoas e cenas à distância, as quais posteriormente descobri que estavam corretamente descritas, além da possibilidade de dúvida. (Grifos do senhor Bray.)

Julgando a partir das palavras mencionadas no livro, o senhor Bray parece ter uma familiaridade limitada com a literatura espiritualista, o que é lamentável, já que ele possui uma escassa experiência pessoal dos fenômenos e dificilmente está em uma posição que permita formar uma hipótese satisfatória. Ele considera, contudo, que elaborou uma que "irá explicar como tais fatos são genuínos", embora ele admita que não fez uma pesquisa que iria levá-lo a decidir quais fatos eram genuínos e quais eram devidos à fraude ou à auto-ilusão. Sua teoria não é de todo fácil de ser apresentada em poucas palavras. Ele afirma que a força que produz os fenômenos do espiritualismo.

É uma emanção de todas as mentes, com o médium aumentando a sua densidade de forma a permitir aos outros presentes que entrem em comunhão com ele, e a inteligência nova para todas as pessoas presentes é de algum cérebro à distância agindo por meio desta fonte sobre a mente do médium ou dos outros do círculo. (p. 107)

Novamente, ele fala de "uma atmosfera mental ou de pensamentos que resultam da atividade intelectual, mas destituída de consciência até que seja refletida em nossas próprias organizações" (p. 98). Parece-me que esta teoria opera sob a grande objeção de ser ininteligível. Como nós iremos entender uma "emanação de todos os cérebros", uma "atmosfera de pensamentos", produzindo força e movimento, sob formas visíveis e tangíveis, comunicações inteligentes por meio de sons e movimentos e todos os outros variados fenômenos imperfeitamente esboçados nessas páginas? Como esta "atmosfera de pensamentos inconsciente" forma uma mão-que-exerce-força tangível, visível, que pode carregar flores, escrever ou tocar melodias completas em um instrumento? Isto explica os mais simples, embora maravilhosos, fenômenos de clarividência? Vamos tomar um dos casos mais autênticos observados pelo doutor Gregory. Sentenças encerradas em cascas de noz são compradas em uma loja e o clarividente as lê com precisão. Seguramente devemos admitir que neste caso nenhuma mente humana conhece a noz particular na qual cada sentença está inserida. Como esta teoria de uma "emanação de todos os cérebros", ou que o clarividente, por meio desta emanação agiu conforme "alguma mente a distância", explica a leitura destas sentenças? Se esta 'emanação' tem o poder de ler por si mesma e comunicar ao clarividente, como podemos negar sua personalidade e no que difere daquilo que chamamos de espírito? Se a teoria do 'espírito' é, como diz o professor De Morgan, 'dificilmente ponderável', não é a teoria das 'emanações mentais' ainda mais?

Eu proponho, portanto, que a hipótese do senhor Bray não é defensável e que nada além de suposição de mentes

peçoais, existindo sem um corpo humano e apenas sob certas condições capazes de agir sobre nós e sobre a matéria, seja capaz de explicar a totalidade dos fenômenos. E esta suposição possui, eu sustento, a vantagem de ser ambas as coisas, inteligível e filosoficamente provável.

E, contudo, muito satisfatório encontrar um escritor na posição do senhor Bray reconhecendo o assunto como um todo, como algo que possui tanta veracidade de forma a exigir uma elaborada teoria para explicar os fenômenos. Isto por si só é uma prova da natureza convincente das evidências para aqueles fatos que nossos homens de ciência recusam-se a pesquisar por considerarem um absurdo a priori e uma impossibilidade. O surgimento do livro do senhor Bray deve talvez indicar que uma mudança está ocorrendo na opinião pública sobre o assunto da clarividência e do espiritualismo, e isto deve prestar um bom serviço ao atrair a atenção dos pensadores para uma classe de fenômenos que, acima de todos os demais, parecem nos levar a uma solução parcial do mais difícil de todos os problemas: a origem da consciência e da natureza da mente.

IX

Os ensinamentos morais do espiritualismo

Agora temos que considerar se esta vasta série de fenômenos que nos fazem entrarem comunicação com seres que passaram para uma outra fase da existência nos ensina algo que possa nos tornar pessoas mais sábias e melhores. Eu

pessoalmente acredito que sim, e me esforçarei, tão brevemente quanto possível, em apresentar o que são as doutrinas do espiritualismo moderno.

A hipótese do espiritualismo não apenas considera todos os fatos (e é a única que o faz), mas vai ainda mais longe por sua associação com uma teoria do futuro estado da existência, que é o único que alguém já deu ao mundo em condições de ser confiado ao pensamento filosófico moderno. Há uma concordância geral e um tom de harmonia na quantidade de fatos e comunicações chamadas ‘espirituais’, que têm levado ao crescimento de uma nova literatura e ao estabelecimento de uma nova religião. As principais doutrinas desta religião são, que, após a morte, o espírito humano sobrevive em um corpo etéreo, dotado de novas capacidades, mas sendo mental e moralmente o mesmo indivíduo que era quando vestido de carne; que ele inicia, a partir de certo momento, um curso de progressão aparentemente sem fim cuja velocidade esta na medida que as suas faculdades mentais e morais são exercitadas e cultivadas enquanto se acha na terra; que sua alegria ou sua miséria relativas irão depender inteiramente dele mesmo. Apenas na medida que suas faculdades humanas superiores fizeram parte de seus prazeres aqui, ele irá encontrar-se contente e feliz em um estado de existência no qual eles terão o mais completo exercício. Aquele que dependeu mais do corpo que da mente para os seus prazeres irá, quando aquele corpo não existir mais, sentir um desejo angustiante, e necessitara desenvolver vagarosa e dolorosamente sua natureza intelectual e moral até que este exercício se torne fácil e prazeroso. Nem punições nem recompensas são distribuídas por um poder externo, mas a condição de cada

um é a seqüência natural e inevitável de sua condição aqui. Ele começa novamente do nível do desenvolvimento moral e intelectual que atingiu quando estava na terra.

Aqui temos um suplemento notável às doutrinas da ciência moderna. O mundo orgânico foi levado a um alto estado de desenvolvimento e sempre mantido em harmonia com as forças de natureza externa pela grande lei da "sobrevivência do mais adaptado" atuando sobre organizações em estado de variação contínua. No mundo espiritual, a lei da "progressão do mais adaptado" ocupa o seu lugar e traz consigo uma ininterrupta continuidade do desenvolvimento da mente humana aqui começado.

A comunhão do espírito com o espírito se dá pela leitura de pensamentos e pela afinidade, e é perfeita entre aqueles cujos seres estão em harmonia uns com os outros. Aqueles que diferem amplamente possuem pouco ou nenhum poder de intercomunhão e desta forma são constituídas 'esferas', que são divisões, não meramente de espaço, mas de organizações sociais e morais afins. Os espíritos das esferas superiores podem se comunicar, e o fazem algumas vezes, com aqueles em uma esfera inferior, mas estes últimos não podem se comunicar com os que se encontram acima. Há para todos um progresso eterno, um progresso que depende apenas do desenvolvimento da natureza espiritual pelo poder da vontade. Não há espíritos do mal, mas espíritos de homens maus, e até os piores estão certamente progredindo, ainda que lentamente. A vida nas esferas superiores possui belezas e prazeres que não somos capazes de conceber. As idéias de beleza e poder são percebidas por meio da vontade, e o cosmo infinito se torna um campo onde os maiores

desenvolvimentos do intelecto podem se estender pela aquisição do conhecimento sem limites.

Pode-se pensar, talvez, que estou apenas passando o meu ideal de um estado futuro, mas não é isso. Toda afirmação que fiz é derivada daquelas fontes desprezadas, a mesa girante (rapping table), a mão que escreve ou o médium que fala em transe. E para mostrar que não estou apreciando as idéias em si ou à maneira pela qual elas são transmitidas a nós, adiciono alguns pequenos extratos das comunicações de uma das mais bem dotadas "médium de transe", a senhorita Emma Hardinge, agora senhora Hardinge-Brinca.

Em suas comunicações sobre o Hades, (40) ela recapitula sua descrição do nosso progresso através das esferas:

(40) - Nota da editora: O Hades, segundo os antigos gregos, seria a região do mundo espiritual para onde iriam os homens ainda em processo de evolução, de onde retornariam à terra para novas experiências na carne. Esse processo se renovaria por alternados períodos na terra e no Hades, até o espírito atingir a perfeição, quando finalmente habitaria os Campos Elísios. É impressionante a semelhança da crença dos antigos gregos com os ensinamentos do espiritismo.

Da natureza destas esferas e seus habitantes, temos falado do conhecimento dos espíritos que ainda estão no Hades. Você receberia alguma definição imediata da sua própria condição e aprenderia com você habitaria e quais deveriam ser suas roupas, qual seria a sua mansão, cenário, propriedade e ocupações? Volte seus olhos para si mesmo e pergunte-se o que aprendeu e o que fez nesta escola para as esferas do mundo dos espíritos. Então, há uma aristocracia e até uma escala real e graus de variação, mas a aristocracia é a do mérito e a realeza, a da alma. São apenas os homens verdadeiramente sábios que governam, e como a alma mais sábia é a melhor, e como a maior sabedoria é a do maior amor, logo a realeza da alma é a da verdade e do amor. No mundo do espírito, todo o conhecimento desta terra, todas as

formas da ciência, todas as revelações da arte, todos os mistérios do espaço devem ser entendidos. A alma enaltecida está, então, amplamente pronta para sua partida para um estado superior ao Hades, precisa conhecer tudo o que a terra pode ensinar e ter praticado tudo o que o Céu requer. O espírito nunca deixa as esferas da terra antes de possuir completamente toda a vida e o conhecimento deste planeta e suas esferas. E embora o progresso possa ter se iniciado aqui, e nenhuma anotação daquilo que aprendeu, ou pensou, ou do que esforçou-se por fazer é perdido aqui: todas as realizações serão finalizadas aqui, e nenhuma alma pode fazer o vôo para o qual é chamada por sua perfeição, ó Céu, até que tenha passado pela Terra e pelo Hades, e permaneça pronta para sua completa peregrinação para entrar nas novas e indescritíveis glórias das esferas celestiais do além.

Podéria o filósofo ou o homem de ciência pintar para si um ideal de estado futuro mais perfeito que este? Isto não se lhe impõe, como o que ele poderia desejar, se ele pudesse, por meio deste desejo, formar o seu próprio futuro? Pois este é o ensinamento do que ele rejeita como uma impostura ou trata ilusão - como truques de velhaco ou delírios de loucos: o espiritualismo moderno. Cito outra passagem da mesma fonte, e pediria aos meus leitores que comparem a modéstia do primeiro parágrafo com a pretensão de infalibilidade usualmente utilizada pelos professores de novos credos ou novas filosofias;

É verdade que o homem é finito e imperfeito. Então, suas declarações são muito freqüentemente o ditado de suas próprias percepções reduzidas e suas visões são limitadas por sua própria capacidade finita. Mas, como o julgamos, devemos também ‘julgar os anjos’. Os espíritos apenas vos

presenteiam com o testemunho daqueles que avançaram um passo além da humanidade e não pedem nenhum crédito por parte dos homens sem a sanção do seu critério e da sua razão. Então, os espíritos dizem que o seu mundo é como a alma ou essência espiritual e sublimada do vosso mundo humano - que, em localização, o mundo espiritual estende-se ao redor deste planeta, assim como todas as esferas espirituais circulam em zonas e cinturões ao redor todos os outros planetas, terras e corpos no espaço, até a esfera de um se encontrar com a de outro, e elas formam, em conexão, um vasto e harmonioso sistema de mundos naturais e espirituais ao longo do universo.

Os efeitos do vício e das paixões desgovernadas são, então retratados:

Aqueles espíritos que imprimiram em si a paixão fatal pelo vício, ai deles! Eles habitam em um mundo onde não há meio para a sua satisfação. Há o jogador que queima a sua alma no fogo do amor ao ganho; ele paira ao redor dos jogadores da terra e, com um tentador invisível, procuram repetir os agora perdidas alegrias do jogo fatal. O sensualista, o homem de violência, o espírito cruel e rancoroso, todos os que se saturam no crime ou pintaram suas almas com aquelas manchas escuras que pensam, em vão, ser apenas do corpo, todos estes estão lá, incapazes de viverem suas vidas no vício terrestre, mas retendo em suas almas a marca mortal e o desejo fatal, embora insatisfeito, pelos seus pecados habituais. Então, estes espíritos aprisionados, acorrentados por suas próprias paixões na escravidão dos desejos criminosos e sem esperança, pairam ao redor dos que os atraem como os ímãs atraem a agulha, por suas próprias inclinações viciosas similares. Mas, você

diz, a alma, ao tentar outras, afunda ainda mais no crime. Ah, mas recorde que outro ponto da doutrina espiritual é o ensinamento do progresso eterno.

E então ela continua a retratar em linguagem vivaz como estes espíritos, com o tempo, perdem suas paixões selvagens e aprendem a trilhar o caminho ascendente do conhecimento e da virtude. Como devo deixar o assunto, gostaria de apresentar mais um excerto de comunicação recebida pela mesma talentosa senhora sobre a questão "o que é o espírito?" como exemplo da alta eloquência e beleza moral com a qual seus discursos são inspirados:

Diminuto, e para alguns de nós até insignificante, como parece a testemunha do círculo espiritual, suas centelhas fenomenais são luzes que revelam, em seu conjunto, estas solenes verdades a nós. Lá nós contemplamos, vislumbres dos poderes da alma, que tão amplamente transcendem as leis da matéria. Esta continua a existência da alma e seu triunfos sobre a morte; nosso próprio poder de comunicação do espírito incorporado com o mundo invisível ao nosso redor e suas várias forças ocultas. Clarividência, clariaudiência, profecia, transe, visão psicometria e cura magnética (41) quão grande e maravilhosa parece à alma, investida até em sua prisão doméstica terrena, com todas estas fagulhas de poderes está cheia da gloriosa promessa do que devemos ser, quando as portas da prisão da matéria abrirem-se e deixarem o espírito livre! Oh, lindas jovens, cujas formas de supremo encanto são gemas de coroas naturais, não se esqueçam, de quando a grande mão generosa do Criador adornou sua primavera louça com o brilho das flores de verão, que Ele santificou com aquele escrínio de beleza matizada de uma alma cuja glória sobreviverá à

decadência de todas as coisas da terra, e vivem em cilício ou infortúnio conforme a sua geração sele-se com beleza ou enodoe-se com a fealdade do pecado, quando as primaveras não mais retornarem e os verões fundirem-se no vasto e imutável sempre. Ergam seus olhos da bela poeira do hoje, já que o amanhã colidir-se-á na corrupção da morte para a alma eterna, à quais vocês, e não o destino, deverão adornar com a beleza imortal. Recordem-se de que vocês são espírito, que, nas horas de sua vida terrena apenas lhes é permitido talhar e formar aqueles espíritos para a eternidade. Rapazes, que amam expandir os músculos da mente e pelejam em combates gladiadores pelas triunfantes coroas da ciência, o que é tudo isto perante as eternas vitórias a serem ganhas nos campos da ilimitada ciência nos domínios da imortalidade? Prossigam na Terra como se esta fosse um meio, para apenas para atingirem o mais nobre, as mais altas universidades da vida imortal e usem as aspirações mortais como instrumentos para iluminar suas almas com o esplendor que nunca desvanece, mas para o qual vocês devem vencer aqui ou no além-túmulo, antes que vocês estejam prontos para passarem como graduados nos salões da ciência eterna. Entender que nós somos espíritos e que nós vivemos para imortabilidade, para conhecer e para garantir as suas conseqüências, não, é esta, para os espiritualistas, a mais nobre embora última página brilhante que Deus nos tem revelado? Não é ler e compreender esta página a verdadeira missão do espiritualismo moderno? Tudo o mais não é senão a base fenomênica da ciência que nos dá a segurança de que o espírito vive. Este é um grande objetivo e propósito do espiritualismo moderno: saber o que é o espírito e o que ele deve fazer – como viver melhor, de forma que possa mais

certamente vestir-se com o manto de uma imortalidade que é purificada de todo o pecado moral e grosseria terrestre.

(41) – Nota do tradutor: Trata-se do que denominamos passe magnético no Brasil.

Os ensinamentos da senhorita Hardinge concordam em substância com aqueles de todos os demais médiuns desenvolvidos, e eu perguntaria se é provável que estes ensinamentos tenham sido desenvolvidos a partir de dogmas conflituosos de um conjunto de impostores? Nem parece ser uma solução provável a de que eles tenham sido produzidos inconscientemente pelas mentes de homens auto-iludidos e de mulheres frágeis, desde que é palpável a todo leitor que estas doutrinas sejam essencialmente diferentes em cada detalhe daquelas que eles ensinaram e acreditaram a partir de uma das escolas filosóficas modernas ou de qualquer seita de cristãos modernos.

Isto é bem mostrado por suas afirmações opostas à condição da humanidade após a morte. Nos relatos de um estado futuro, obtidos junto aos melhores médiuns, e nas visões das pessoas mortas obtidas por clarividentes, os espíritos são uniformemente representados sob a forma de seres humanos e suas ocupações são análogas às da terra. Mas na maioria das descrições religiosas do céu eles são representados como seres alados, como descansando cercados por nuvens, e suas ocupações são tocar harpas douradas ou cantar, rezar e adorar perpetuamente diante do trono de Deus. Como é que estas visões e comunicações não são senão uma remodelagem de idéias preexistentes ou preconcebidas por uma imaginação doentia, se as noções populares nunca são reproduzidas? Como é que, se os médiuns, sejam homens, mulheres ou crianças, sejam ignorantes ou instruídos, sejam ingleses, alemães ou

americanos, fazem uma única e consistente representação destes seres sobre-humanos, em discordância com a sua noção popular, mas notavelmente de acordo com a moderna doutrina científica da 'continuidade'? Eu proponho que este pequena fato é em si um argumento fortemente corroborador de que há alguma verdade objetiva nestas comunicações.

Em todas as religiões populares, todas as noções recebidas sobre um estado de existência futuro ignoram um importante lado da natureza humana responsável por uma larga fatia da felicidade na nossa existência presente. Nunca é considerado que o riso e as idéias que o produzem continuam a existir no mundo espiritual. Toda forma de alegria jovial, de brilhante espírito humorístico e daquele humor que é freqüentemente afim à compaixão e a muitos dos mais altos sentimentos de nossa natureza são da mesma forma banidos do céu cristão. Se estes e todos os sentimentos aliados desvanecem de nossas naturezas quando nós "nos descartamos deste invólucro mortal", como nos conhecermos, como reter a nossa identidade? Um poeta, escrevendo sobre a morte de Artemus Ward, no Spectator, bem o diz:

Foi ele para a terra onde não se ri,
 Este homem que trouxe jovialidade a todos nós?
 Mostra-se a morte não mais que um silêncio imortal,
 Dos sons que encantam e aterrorizam?
 Uma vez fechados, os lábios não tem mais função,
 Não mais prazer os ouvidos apurados,
 Tem, o coração, transbordado de alegria,
 Assim como lágrimas nos olhos?

Deve-se notar que as comunicações nas quais acreditam os espiritualistas são realmente as palavras de nossos amigos

que partiram a dar-nos ampla segurança de que seu caráter individual permanece sem mudanças; que a jovialidade, e o senso de humor, e o riso, e todas as outras emoções humanas e fontes do prazer humano continuam retidas neles, e que mesmo aqueles pequenos incidentes do nosso círculo doméstico que se tornaram fonte de gracejos inocentes enquanto eles estavam em meio a nós, na carne, são ainda capazes de animar sentimentos prazerosos. E isto tem sido usado por alguns como uma objeção à realidade destas comunicações, em vez de ser, como realmente o é, uma notável confirmação delas. A continuidade tem sido essencialmente a lei do nosso desenvolvimento mental, e ela repousa naqueles que iriam abruptamente acabar com esta continuidade para provar suas alegações. Eles nunca tentaram mostrar que isto está de acordo com os fatos ou com as analogias da natureza.

Igualmente discordantes uma da outra são as doutrinas espiritualista e popular sobre a Divindade. Nossos modernos professores de religião afirmam conhecer muito sobre Deus. Eles definem minuciosamente e criticamente os seus vários atributos, eles entraram nos seus motivos, seus sentimentos, e suas opiniões; eles explicam exatamente o que Ele fez e porque Ele assim o fez; e eles declaram que após a morte iremos estar com Ele, e iremos vê-lo, e conhecê-lo. No ensinamento dos ‘espíritos’, não há sequer uma palavra sobre isto. Eles nos contam que comungam com inteligências superiores às deles, mas sobre Deus eles não sabem muito mais do que nós. Dizem que acima destas inteligências superiores estão outras mais e mais superiores, em uma gradação aparentemente infinita, mas nenhum conhecimento absoluto da Divindade em si é alegada por

qualquer um deles. É possível, se estas comunicações "espirituais" não forem mais que os trabalhos das mentes, dos seres humanos fracos, supersticiosos ou iludidos, que eles devam contradizer tão amplamente uma das mais fortes e mais acalentadas crenças dos supersticiosos e dos religiosos, e devam concordar com o que a mais alta filosofia (da qual a maioria dos médiuns certamente nunca ouviu falar), que sustenta que nós não podemos conhecer nada do Todo-poderoso, do Eterno, do Infinito, do Ser Absoluto, que deve ser não apenas desconhecido e incognoscível, mas até impensável por um número imensuravelmente grande de inteligências.

É freqüentemente perguntado: "O que o espiritualismo fez? Que novos fatos ou que informações úteis os supostos espíritos já deram aos homens?" A verdadeira resposta a esta exigência provavelmente é que não é parte da missão dos espíritos dar ao homem conhecimento que ele pode adquirir por si mesmo, e o seu empenho deve ser adquirir o que faz parte de sua educação e preparação para a vida espiritual. Contudo, ocasionalmente é dada alguma informação direta sobre determinado assunto, como os registros do espiritualismo abundantemente o mostram. Eu prefiro, todavia, apoiar as exigências feitas ao espiritualismo sobre a sua utilidade moral. Eu indicaria os milhares que foram convencidos sobre a realidade do outro mundo, os muitos que foram levados a devotar as suas vidas aos trabalhos de filantropia, a eloquência e a poesia que ele nos tem dado, e a grande doutrina de um estado futuro de progresso contínuo que ele ensina. Aqueles que examinarem sua literatura irão reconhecer estes fatos. Aqueles que não examinarem por si mesmos a literatura ou os fenômenos do espiritualismo,

devem pelo menos abster-se de emitir o julgamento sobre um assunto do qual são confessada e intencionalmente ignorantes.

O assunto para o qual tenho me esforçado em delinear um esquema em algumas poucas páginas que devem talvez serem lidas, enquanto livros maiores permanecerão fechados, é decerto muito amplo e muito importante para esta forma de tratamento fazer-lhe justiça. Fui inteiramente obrigado a excluir toda menção a provas históricas de fenômenos similares ocorridos em uma sucessão contínua desde as eras antigas aos dias presentes. Eu não podia referir-me à disseminação do espiritualismo no continente (42) com as estatísticas dos convertidos. Eu não pude citar a quantidade de cientistas e médicos que foram convencidos desta verdade, mas que não fizeram pública a sua crença. Mas entendo ter apresentado motivo para a pesquisa; ter provado que não é um assunto que possa ser desdenhado insolentemente como sendo indigno de uma pesquisa atual. Sinto-me tão confiante da verdade e da realidade objetiva de muitos dos fatos narrados aqui que apostaria toda a questão na opinião de qualquer homem de ciência desejoso de chegar à verdade, se ele apenas devotasse duas ou três horas por semana, durante alguns meses, a um exame dos fenômenos antes de pronunciar uma opinião. O que, repito, nenhuma pessoa da qual tenha ouvido falar tenha feito sem ficar convencido da realidade destes fenômenos. Portanto e por fim, sustento que, se nós considerarmos o vasto número e o caráter elevado dos seus convertidos, a imensa acumulação de fatos autênticos ou a nobre doutrina do estado futuro que foi elaborada, o então chamado sobrenatural, como desenvolvido nos fenômenos do magnetismo animal, da

clarividência e do espiritualismo moderno, é uma ciência experimental cujo estudo deve contribuir grandemente para o nosso conhecimento da verdadeira natureza humana e dos mais altos interesses.

(42) – Na Europa Continental.

X

Notas de evidências pessoais

Na primeira edição deste ensaio, eu não coloquei nenhuma das minhas observações pessoais, porque não tinha testemunhado nenhum destes fatos em uma casa particular e sem a intervenção de médiuns pagos, como seria necessário para satisfazer aos meus leitores. Tendo agora a oportunidade de investigar o assunto sob condições mais favoráveis, apresentarei algo da minha experiência pessoal anterior, essa que muitos dos meus amigos são educados e ilógicos o suficiente para dizerem que terá mais peso para eles do que todos os outros testemunhos que eu tenha mencionado. Começarei com o que inicialmente me levou a pesquisas que estão além dos limites do que geralmente e conhecido como ciência.

Minhas primeiras experiências sobre os assuntos tratados neste pequeno trabalho foram em 1844, na época em que estava ensinando em uma escola dos municípios de Midland. O senhor Spencer Hall estava então ensinando sobre mesmerismo e visitou nossa cidade. Eu e muitos de meus

alunos assistimos às suas conferências. Estávamos muito interessados. Alguns dos garotos mais velhos tentaram magnetizar os mais jovens e conseguiram. Eu mesmo encontrei diversos que, sob minha influência, apresentavam muitos dos mais curiosos fenômenos que havíamos observado durante as conferências. Eu estava intensamente interessado no assunto e o pesquisei com ardor, realizando um bom número de experimentos para me preservar da fraude e para testar a natureza da influência. Muitos dos detalhes desses experimentos continuam tão vividamente claros na minha memória como se tivessem acontecido ontem. Irei narrar brevemente alguns dos mais notáveis.

1. Fenômenos durante o transe magnético

Produzi o estado de transe em dois ou três garotos, de 12 a 16 anos de idade, com grande facilidade e pude me assegurar que era genuíno. Em primeiro lugar, pelo giro dos olhos em suas órbitas, de tal forma que a pupila não era vista quando as pálpebras eram levantadas. Em segundo, pela mudança característica da fisionomia. E em terceiro, pela prontidão com que eu podia produzir catalepsia e perda de sensibilidade em qualquer parte do corpo. As mais notáveis observações durante este estado eram sobre o frenomesmerismo e sobre sensações simpáticas. (43)

(43) - Nota do tradutor: O autor irá explicar posteriormente o que entende por esta expressão.

Colocando meu indicador na parte da cabeça correspondente a qualquer órgão frenológico dado, a faculdade correspondente se manifestava com maravilhosa e

divertida perfeição. Por muito tempo, pensei que os efeitos produzidos no paciente eram causados pelo meu desejo da manifestação particular, mas por acidente percebi que, quando por ignorância da posição dos órgãos colocava meu dedo na parte errada, a manifestação que se seguia não era a que eu esperava sim aquela devida à posição tocada. Eu estava pessoalmente interessado em fenômenos desse tipo e, com de experimentos realizados na solidão e no silêncio, a mim mesmo provei plenamente que os efeitos não eram devidos à sugestão ou à influência da minha mente. Tive que comprar um pequeno busto frenológico para o meu próprio uso, e nenhum dos garotos possuía o menor conhecimento ou inclinação para a frenologia. Desde o início, quase todos os órgãos tocados, não importa em que ordem e em perfeito silêncio, foram seguidos por manifestações extraordinárias demais para serem equivocadas, e com as mais maravilhosas representações das variadas fases das sensações humanas, das quais não são capazes os maiores atores.

A simpatia de sensações entre o meu paciente e mim mesmo foi para mim o fenômeno mais misterioso que já observei. Descobri-o quando, segurando a mão do paciente, ele apresentou sensações táteis, gustativas ou olfativas exatamente iguais às minhas. Eu já havia produzido todos os fenômenos da sugestão, e podia fazê-lo ficar bêbado com um copo de água, dizendo tratar-se de uísque, e fazer com que tirasse todas as suas roupas, dizendo-lhe que elas estavam em chamas. Mas isso era uma coisa muito diferente. Formei uma corrente: de diversas pessoas, no extremo oposto da qual estava o paciente e no outro, eu mesmo. Quando, em perfeito silêncio, eu era beliscado ou alfinetado, ele imediatamente colocava as suas mãos sobre a parte

correspondente do seu próprio corpo e reclamava de estar sendo beliscado ou alfinetado também. Se eu colocava um torrão de açúcar ou sal na minha boca, ele imediatamente iniciava a ação de sucção, e logo mostrava por palavras e gestos e da forma mais expressiva o que eu estava provando. Nunca fiquei satisfeito com as explicações dadas pelos nossos fisiologistas. Eles decidiram que o garoto nunca provou ou sentiu nada, mas adquiriu o conhecimento do que eu estava sentindo por meio de uma sobrenatural acuidade auditiva. Que eles possuíssem qualquer acuidade sobrenatural era, contudo, contrários a toda a minha experiência, e o experimento foram executados de forma a prevenir expressamente a sua obtenção de algum conhecimento do que eu sentia ou tocava por dos usuais órgãos dos sentidos.

2. Fenômenos durante o estado de vigília

Depois de ter induzido o estado de coma por diversas vezes, alguns dos garotos ficaram muito suscetíveis durante a sua normal condição de vigília. Eu podia induzir a catalepsia de qualquer um de seus membros com grande facilidade. Alguns pequenos fatos mostravam que era produzida uma rigidez real, que ela não era imaginária. Uma vez, um garoto estava em minha sala, em estado de completa rigidez, quando o sino do jantar soou. Rapidamente apliquei alguns passes para lhe relaxar o corpo e os membros, e descemos juntos. Contudo, quando estava diante do prato ele descobriu que não conseguia dobrar um dos braços e, não

desejando falar, ficou sentado algum tempo tentando conseguir a minha atenção. Tive que ir até ele e aplicar dois ou três passes para que fosse capaz de jantar. Trata-se de um fato curioso e importante, pois o rapaz desceu acreditando que estava tudo bem. A rigidez, todavia, não foi de forma alguma criada por suas expectativas, já que ele não desejava que isto acontecesse, impedindo-o de jantar. Neste e em um outro garoto, eu podia prontamente produzir uma perda temporária de qualquer dos sentidos, como audição ou gustação. E podia ainda apagar-lhes completamente a memória, de tal forma que o paciente não pudesse dizer o seu nome, em decorrência de sua náusea e confusão, e isto com nada mais que um passe pela face, ou dizendo em um tom de voz normal "agora você não consegue dizer-me o seu nome" e, depois que ele tivesse ficado completamente confuso por alguns minutos, se eu aplicasse o passe reverso e dissesse "agora você sabe seu nome novamente", seu conteúdo mudaria - uma aparência de reconhecimento vinha por meio deste comando, como se palavras familiares voltassem subitamente à sua memória.

Naquela época, tais fatos eram geralmente atribuídos à encenação ou trapaça da parte dos pacientes. Agora, a maioria dos nossos fisiologistas os consideram fenômenos mentais genuínos e tentam explicá-los pela idealização e a sugestão - negando qualquer ação específica do operador ou do paciente. Isto não me parece uma explicação e estou seguro deste ponto de vista quando descubro que aqueles que levaram isto adiante negam a realidade de todos os fatos que não se enquadram nesta explicação. Todos os fenômenos, como o frenomagnetismo, as sensações simpáticas e a clarividência real, que foram detalhadamente examinados e

testados por uma seqüência de bons observadores, não estão no repertório dos fatos cientificamente estabelecidos por aqueles que afirmam estudar todos os fenômenos do organismo ou da mente humana. Estas experiências pessoais permitiram-me detectar os sinais mais sutis do coma mesmérico e desde então eu aceitei toda a oportunidade de observar estes fenômenos publicamente e em particular, e eu tenho bastante clareza de que, nas mais notáveis manifestações, apenas raramente há ou pode haver alguma fraude.

Como o doutor Carpenter e outros homens de ciência continuam sustentando o ponto de vista de que todos os altos fenômenos do espiritualismo que não são imposturas devem-se a impressões subjetivas, análogas às que foram produzidas em seus pacientes pela magnetização, eu irei mostrar certas diferenças características entre as duas classes de fatos, que inicialmente mencionei na réplica ao senhor E. B. Tylor em uma carta publicada em *Nature* (1872, p. 364).

1. O paciente magnetizado nunca possui dúvidas sobre a realidade do que vê ou ouve. Ele é como um sonhador, para quem as circunstâncias mais incongruentes não sugerem idéias de incongruência, e nunca questiona se o que pensa ou percebe se harmoniza com o que está em seu derredor. Perdeu sua memória daquilo que fazia e onde estava alguns momentos antes e não consegue avaliar, por exemplo, como pôde sair de uma sala de conferências em Londres, na qual era um espectador meia hora atrás, para um vapor americano em um furacão ou para a presença de um tigre em uma floresta tropical. Os assistentes das sessões do senhor Home ou da senhora Guppy não estavam neste estado, como até mesmo os nossos oponentes irão admitir, e como a quase

invariável suspeito de fraude com a qual os fenômenos são inicialmente considerados claramente demonstra. Eles não perdem toda a memória momentos antes dos eventos acontecerem: eles criticam, examinam, tomam notas, sugerem testes. Nenhuma destas coisas é feita pelos pacientes magnetizados.

2. O magnetizador possui o poder de agir sobre certos indivíduos sensíveis (não sobre grupos de pessoas como o senhor Tylor afirma), e toda a experiência mostra que aqueles que são sensíveis a qualquer operador são nada mais que uma pequeno número de pessoas, e até mesmo estes requerem manipulação prévia, com a obtenção de uma submissão quase passiva pelo operador. O número de pessoas que podem ser sensibilizadas sem manipulação prévia é muito pequeno, provavelmente menos de um por cento. Mas não há limite para o número de pessoas que observam simultaneamente a maioria dos fenômenos mediúnicos. Todos visitantes do senhor Home ou da senhora Guppy vêem todos as ocorrências de natureza física, como as centenas de lugares ocupados e mesmo as evidências dos céticos demonstram.

As duas classes de fenômenos, contudo, diferem fundamentalmente, e ainda há uma conexão entre elas, mas na direção oposta à que eles sugerem. São os médiuns, e não os assistentes, que são 'sensitivos'. Eles são, quase sempre, sujeitos à influência magnética, e freqüentemente exibem todos os fenômenos característicos do coma - transe, rigidez e sensibilidade anormal. Do contrário, a maioria dos pacientes sensitivos mesméricos é quase sempre médium.

As diferenças agora identificadas são tão radicais e tão importantes que não é preciso dizer muito sobre a clareza

lógica daqueles que insistem em classificar os dois fenômenos como idênticos. Mas a forma pela quais homens eminentes não conseguem ver o ponto de vista dos fatos, quando este ponto de vista é contrário às teorias estimadas, será ilustrada posteriormente por alguns exemplos em apêndice a este volume.

3. Experiências e testes dos fenômenos espirituais (modern spiritual phenomena)

Durante 12 anos de viagem nos trópicos, entre 1848 e 1862, voltados para o estudo da história natural, ouvi ocasionalmente sobre os estranhos fenômenos que diziam estar acontecendo na América e na Europa sob os nomes genéricos de "mesas girantes" e "pancadas espirituais". (44) Estando ciente, a partir do meu conhecimento pessoal sobre o mesmerismo, de que há mistérios relacionados à mente humana que a ciência moderna ignorou - desconheço o porquê disto -, decidi empregar a minha primeira oportunidade de voltar para casa para pesquisar este assunto. É verdade que por 25 anos eu tinha sido um completo cético da existência de qualquer inteligência não-humana ou sobre-humana, e que nem por um momento eu considerei a possibilidade de que as maravilhas relatadas pelos espiritualistas pudessem ser literalmente verdadeiras. Se mudei minha opinião, foi pela força das evidências. Não foi por medo da morte que fiz minha incursão nestes assuntos, não foi por nenhum ardente desejo de uma existência eterna que eu vim a crer em fatos que se mostram altamente

prováveis, se já não estão comprovados. Pelo menos três vezes durante as minhas viagens eu estive diante de morte iminente ou possível em umas poucas horas, e o que senti nestas ocasiões foi uma suave melancolia de pensar em deixar esta maravilhosa e bela terra para entrar no sono do qual ninguém acorda. Em boa saúde, nunca havia sentido isto. Soube que o grande problema da existência consciente estava além do domínio do homem e este fato isolado deu alguma esperança de que a existência pudesse ser independente do corpo organizado. Vim para a pesquisa, então, completamente sem viés de esperança ou medo, porque sabia que minha crença não podia afetar a realidade, e com um preconceito arraigado contra palavras como ‘espírito’ que eu dificilmente superaria.

(44) – Nota do Tradutor: Do inglês ‘spirit-rapping’.

Foi no verão de 1865 que inicialmente observei um dos fenômenos do que é chamado espiritualismo, na casa de um amigo - um cético, um homem de ciência e um advogado, com a presença de mais ninguém além dos membros de sua família. Assentados em uma mesa redonda de bom tamanho, com nossas mãos colocadas sobre ela, após um breve período, pequenos movimentos iniciaram, não com freqüentes ‘voltas’ ou ‘inclinações’, mas com um suave movimento intermitente, semelhante a passos, que após um tempo carregaram a mesa ao longo da sala. Pancadinhas leves, mas claras, foram ouvidas também. As notas que seguem feitas naquela ocasião, tentaram descrever exatamente o que aconteceu.

“22 de Julho de 1865. - Sentado com meu amigo, sua esposa e duas filhas, a uma grande mesa de jogar cartas, à luz do dia. Em cerca de meia hora, alguns movimentos

discretos foram percebidos e algumas pancadas leves foram ouvidas. Elas cresceram gradualmente, tornaram-se muito claras e a mesa moveu-se consideravelmente, obrigando-nos a arrastar nossas cadeiras. Então, um curioso movimento vibratório iniciou-se na mesa, quase como o tremor de um animal vivo. Eu podia senti-lo em meus cotovelos. Tal fenômeno foi repetindo variadamente por duras horas. Verificando posteriormente, descobrimos que, voluntariamente, a mesa não podia ser movida da mesma forma sem que se fizesse uma grande força”

Em outras ocasiões, tentamos o experimento em que cada pessoa, uma após a outra, deixava o móvel, e descobrimos que os fenômenos continuavam da mesma forma que antes, as batidas e o movimento da mesa. Uma vez, eu pedi que um após o outro deixasse a mesa. Os fenômenos continuaram, mas, à medida que o número de pessoas assentadas diminuía, com intensidade decrescente, e imediatamente depois que a última pessoa saiu, deixando-me sozinho à mesa, ocorreram duas batidinhas ou pancadas, como se um punho houvesse batido nos pés da mesa, vibração esta que eu podia sentir, assim como ouvir. Nenhum presente além de mim podia ter feito isto, e eu certamente não o fiz. Estes experimentos claramente indicavam que todos estavam envolvidos na produção de sons e movimentos, e que se há qualquer fraude maldosa, toda a reunião estava envolvida em lograr-me. De outra vez, sentamo-nos meia hora diante de uma mesa grande, mas nenhuma manifestação aconteceu. Então nos mudamos para a mesa pequena onde pancadas iniciaram imediatamente e a mesa moveu-se. Após algum tempo, voltamos para a mesa grande e, depois de alguns minutos, as pancadas e os

movimentos se iniciaram da mesma forma que na mesa pequena.

O movimento da mesa era quase sempre em curvas, como que virando sobre uma das pernas, de tal forma a produzir um movimento progressivo. Este era freqüentemente revertido e algumas vezes regularmente alternado, de forma que a mesa pudesse circular pela sala em ziguezague. Isto dá uma idéia do que aconteceu com mais ou menos regularidade durante mais de uma dúzia de reuniões. Então não deve haver dúvida de que o conjunto dos movimentos da mesa devia ter sido produzido por qualquer das pessoas presentes se não fosse contraposto pelos outros, mas os nossos experimentos mostraram que este não podia ser sempre o caso, e nós não temos o direito de concluir que era sempre este o caso. As batidas, de outra forma, não podíamos tê-las feito todas. Elas eram de uma qualidade tal que podiam ser produzidas por um prego longo sendo batido sob a tampa da mesa. Como todas as mãos estavam sobre a mesa, e meus olhos pelo menos abertos, sei que elas não foram produzidas pelas mãos de qualquer um dos presentes. Elas podiam ter sido produzidas pelos pés, se eles fossem propriamente preparados com alguma ponta dura para bater na mesa. Mas, nesse caso, os experimentos já teriam mostrado que todos deviam ter praticado a fraude. E o fato de que normalmente se assentavam por meia hora em uma mesma posição sem produzir nenhum ruído que fosse, e que os fenômenos nunca continuavam depois de eu o haver entendido, pesa, pelo que eu penso, muito contrariamente contra a suposição de que uma família composta por quatro pessoas altamente inteligentes e instruídas devesse ocupar-se por tantas horas fazendo o que seria uma fraude altamente

pobre e sem sentido. A situação seguinte ocorreu ao fim de algumas anotações que eu tomei: "Estes experimentos comprovaram-me de que há uma desconhecida força desenvolvida a partir dos corpos de um inúmero de pessoas colocadas em reunião, assentando-se ao redor de uma mesa com todas as suas mãos sobre ela."

Algum tempo antes destas observações, encontrei um cavalheiro que me contou sobre os mais maravilhosos fenômenos que ocorreram em sua própria família - dentre eles, o movimento palpável de corpos sólidos quando nenhuma pessoa os tocava ou estava próxima de tais corpos. O cavalheiro recomendou-me ir a uma médium pública em Londres (senhora Marshall), onde eu poderia ver coisas igualmente maravilhosas. Concordando com ele, em setembro de 1865 eu comecei uma série de visitas à senhora Marshall, geralmente acompanhado por um amigo, um bom químico e mecânico, e uma mente completamente cética. O que observamos pode ser divididas em duas classes de fenômenos - físicos e mentais. Uns e outros eram muitos numerosos e variados, mas devo apenas selecionar uns poucos de cada, que são de natureza clara e definida.

1º - Uma pequena mesa, sobre a qual as mãos de quatro pessoas foram colocadas (incluindo as minhas e as da senhora Marshall), subiu verticalmente cerca de 30 centímetros do assoalho e permaneceu suspensa por cerca de 20 segundos, enquanto meu amigo, que estava assentado observando, podia ver a parte inferior da mesa com os pés livremente suspensos acima do assoalho.

2º - Enquanto eu estava assentado em uma mesa comprida, a senhorita T. à minha esquerda e o senhor R. à minha direita, um violão que havia sido colocado nas mãos

da senhorita T. escorregou para o assoalho, passou pelos meus pés e foi ao senhor R., subindo sobre as suas pernas até que apareceu acima da mesa. Eu e o senhor R. estávamos olhando-o cuidadosamente o tempo todo e ele se comportou como se estivesse vivo ou como se uma criança pequena e invisível fosse, com grande esforço, movendo-o e elevando-o. Estes dois fenômenos foram observados à luz clara de lampião a gás.

3° - Uma cadeira, sobre a qual uma conhecida do senhor R. assentou-se, suspendeu-se com ela. Depois disto, quando ela voltou para o piano, onde ela esteve tocando, sua cadeira moveu-se novamente. Depois disto acontecer por três vezes, ela ficou aparentemente fixa sobre o assoalho e não podia elevar-se. O senhor R. então segurou-a e descobriu que apenas com grande esforço podia ser retirada do chão. Esta sessão aconteceu em uma hora diurna, em um dia claro e em um aposento do primeiro andar com duas janelas.

Embora estes poucos fenômenos possam parecer estranhos aos leitores que nunca viram nada do gênero, afirmo positivamente que são fatos que se deram da forma como eu os narrei, não havendo lugar para qualquer truque ou ilusão. Em cada caso, antes que começássemos, eu virava as mesas e cadeiras, e constatava que eram apenas peças comuns de mobília, que não havia qualquer conexão entre elas e o assoalho, e as colocávamos no lugar aonde desejamos antes de nos assentarmos. Muitos dos fenômenos ocorreram inteiramente sob nosso controle, e totalmente desconectados do médium. Eles possuíam tanta realidade quanto o movimento dos pregos em direção a um magneto, e, pode-se dizer ainda, nada mais incompreensíveis que eles mesmos.

Os fenômenos mentais que mais freqüentemente ocorreram foram a soletração de nomes de conhecidos de pessoas presentes, suas idades ou outras particularidades a seu respeito. Eles são especialmente incertos em sua manifestação, embora, quando acontecem, sejam muito conclusivos para as pessoas que os testemunham. A geral opinião dos céticos sobre estes fenômenos é a de que sua ocorrência depende exclusivamente da agudeza ou talento do médium em indicar as letras que formam o nome, a partir da forma que as pessoas se expressam ou demonstrem ansiedade - o modo comum de receber estas comunicações é o interessado passar a mão sobre um alfabeto impresso, letra por letra - provocando batidas sonoras para indicar as letras que formam os nomes requeridos. Seleccionarei algumas de nossas experiências que mostrarão o quão provável deve ser esta explicação.

Quando eu recebi pessoalmente uma comunicação, estava particularmente cuidadoso em evitar dar qualquer indicação, passando com constante regularidade sobre as letras. Ainda assim, falou-se corretamente, inicialmente o lugar onde o meu irmão morreu, Pará, (45) depois o seu nome cristão, Herbert, e, por fim, a meu pedido, o nome do amigo comum que o viu pela última vez, Henry Walter Bates. Nesta ocasião, nosso grupo de seis pessoas visitou a senhora Marshall pela primeira vez, e o meu nome, assim como os dos outros membros, exceto um, eram-lhe desconhecidos. O nome conhecido era o da minha irmã casada, sem qualquer relação com o meu nome.

(45) – Nota do tradutor: Trata-se da cidade de Belém do Pará, no Brasil, onde Wallace houvera feito uma viagem de estudos com seu irmão.

À mesma ocasião, a uma jovem senhora, uma conhecida do senhor R., foi dito que uma comunicação devia ser-lhe

feita. Ela tomou o alfabeto e, em vez de apontar as letras uma a uma, moveu o lápis levemente sobre as linhas com grande regularidade. Eu a observei, e ela escreveu as letras que as batidas indicaram. O nome produzido era extraordinário, as letras formaram "Thomas Doe Thacker". Eu achei que devia haver um erro na última parte, mas o nome era realmente "Thomas Doe Thacker", o pai da senhora, estando cada letra correta. Um bom número de outros nomes, lugares e datas foram soletrados nesta ocasião com igual precisão. Mas eu registrei apenas estes dois porque estou certo de que não foi dado qualquer sinal pelo qual os nomes pudessem ser supostos pelo intelecto mais sobrenaturalmente agudo.

Em outra ocasião, acompanhei minha irmã e uma senhora (que não havia estado lá anteriormente) à residência da senhora Marshall, e tivemos uma ilustração muito curiosa do absurdo de se imputar o ditado de nomes à hesitação do receptor e à acuidade do médium. Ela desejava que o nome de um conhecido particular falecido fosse soletrado para ela, e apontou as letras do alfabeto na forma usual, enquanto eu escrevia o indicado. As primeiras três letras foram Y R N. "Oh!", ela disse, "não faz sentido, devemos começar novamente!" Nem bem o disse e veio um E, e, achando que sabia do que se tratava, eu disse - "Por favor, continue, eu entendo." A totalidade do ditado ficou assim - YRNEHKCOCFEJ. A senhora não o viu, até que eu separei assim - YRNEH KCOCFEJ, ou Henry Jeffcock, o nome do conhecido que ela desejava soletrado precisamente ao contrário.

Outro fenômeno que necessita do exercício de força e intelecto é o que se segue. - Tendo sido a mesa previamente

examinada, uma folha de papel em particular foi marcada por mim e colocada com um lápis sob o pé central da mesa, estando as mãos de todos os presentes sobre o móvel. Após alguns minutos, batidas foram ouvidas e, ao tornar papel, eu encontrei escrito à mão livre - William. Em outra ocasião, um amigo do interior - totalmente estranho ao médium e cujo nome nunca fora mencionado - acompanhou-me e, depois de receber o que parecia ser uma comunicação de seu filho, um papel foi colocado sob a mesa e em poucos minutos encontrou-se escrito Charley T. Dodd, o nome correto. Nesses casos, é certo que não há nenhum equipamento sob a mesa, e pode-se apenas perguntar se seria possível para a senhora Marshall retirar suas botas, pegar o lápis e o papel com os dedos dos pés e escrever com eles um nome que ela teria suposto, e novamente colocar os pés nas botas sem retirar as mãos da mesa, ou dar qualquer indicação de ter realizado todas estas operações.

Por alguns meses, deixei de ir à casa da senhora Marshall e tentei produzir os fenômenos em casa. Meu amigo, o senhor R., logo descobriu ter a capacidade de produzir leves movimentos sobre a mesa, mas eles nunca foram de tal natureza a provar para um observador que não foram produzidos consciente ou inconscientemente por seus próprios músculos. Entretanto, o estilo e caráter das comunicações obtidas com esses movimentos foram tais que me convenceram de que nossas próprias mentes não tomavam parte na sua produção.

Dentre todos os nossos amigos, tentamos descobrir um que tivesse o poder de produzir batidas distintas, uma classe de fenômenos que nos parecesse mais satisfatória, que não pudéssemos produzi-los nós próprios, nem consciente nem

inconscientemente, sob as mesmas condições. Foi em novembro de 1866 que a minha irmã descobriu que uma senhora que com ela morava tinha a capacidade de induzir batidas fortes e distintas, além de outros fenômenos curiosos, e eu então comecei uma série de observações em minha própria residência, a mais importante das quais passo a narrar brevemente.

Quando nos assentamos em uma grande mesa de jogo sem toalha, com todas as mãos sobre ela, as batidas iniciaram em alguns minutos. Elas soaram como se tivessem sido produzidas no lado inferior da tampa da mesa, em várias partes dele. Elas alteravam em som e altura, de um som semelhante ao produzido pela batida de uma agulha ou um prego comprido a outros como golpes com um dedo ou pancadas com os dedos de uma mão.

Também foram produzidos sons semelhantes ao arranhão de unhas ou como a fricção de um dedo úmido pressionado fortemente sobre a mesa. A velocidade com a qual estes sons eram produzidos e modificados era notável. Eles imitavam, mais ou menos exatamente, os sons que fazíamos com os nossos dedos acima da mesa; perduravam por boa parte do tempo de uma canção assobiada por um dos membros da reunião; tocavam sozinhos, sob pedido, algumas vezes, uma linda canção; seguiam precisamente uma mão que batia uma canção sobre a mesa. Quando estes sons eram ouvidos repetidamente em nossa própria sala bem iluminada, sobre nossa própria mesa, as explicações comuns dadas para eles pareciam completamente insustentáveis. É claro que a primeira impressão de ouvir apenas algumas batidas é a de que algumas delas são produzidas pelos pés. Para dissipar de vez esta dúvida, nós todos nos ajoelhávamos em diversas

ocasiões ao redor da mesa, e as batidas continuavam mesmo assim, e eram ouvidas não apenas na tampa da mesa, mas também eram sentidas vibrando ao seu redor. Outra visão é a de que os sons eram produzidos pela vibração do movimento dos tendões ou pelo estalo das juntas de algumas partes do corpo do médium - e eu creio que esta é a explicação mais aceita pelos homens de ciência. Mas, certamente, se isto acontece, pode-se apresentar algum caso em que os ossos ou tendões da pessoa possam fazer sons como pancadas, estalos de dedos, palmas, arranhões e fricções e possam repetir alguns destes tão rapidamente, de forma a seguir toda pancada dos dedos de um observador, ou acompanhar uma música, e mais, que todos estes sons possam aparecer a todos os presentes como não sendo oriundos do corpo humano, mas de uma mesa a qual se está sentado, e que possa vibrar quando os sons são ouvidos? Até que tal caso seja produzido, devo ser perdoado por espantar-me com a credulidade de todos os que aceitam explicação tão absurda e inadequada.

Um fenômeno ainda mais notável, o qual observei com grande cuidado e o mais profundo interesse, é a demonstração de força considerável sob condições que impeçam a ação muscular de qualquer um da sessão. Nós permanecemos ao redor de uma pequena mesa de trabalhos, cuja tampa possuía cerca de 50 centímetros de comprimento, colocando nossas mãos totalmente juntas, próximas ao centro. Após um curto período, a mesa balançava de um lado para o outro, e então, parecendo fixar-se, subia verticalmente de 15 a 30 centímetros e permanecia suspensa de 15 a 20 segundos. Durante esse tempo, qualquer pessoa da reunião podia pressioná-la e ela resistia a uma força bastante

considerável. É claro que a primeira impressão é que o pé de alguém está elevando a mesa. Para responder a esta objeção, preparei a mesa antes da nossa segunda tentativa sem dizer nada a ninguém, colocando um fino papel de sede entre os pés, da mesa, a três ou cinco centímetros da coluna, de tal maneira que qualquer tentativa de inserir o pé rasgasse e amassasse o papel. A mesa subiu como antes, resistiu à pressão para baixo, e desceu ao solo e em um curto período, subiu novamente, e então caiu subitamente. Eu, com alguma ansiedade, virei a mesa e, para a surpresa dos presentes, mostrei-lhes o fino papel esticado ao redor dela totalmente intacto! Achando que este tipo de teste era problemático, já que o papel ou as linhas tinham que ser renovados todas as vezes e podiam ser rompidos acidentalmente antes que o experimento iniciasse, construí um cilindro de arcos e ripas, coberto com lona. Como em um poço, a mesa era colocada dentro dele, mantinha os pés e os vestidos das senhoras distantes da mesa. Este aparato de forma alguma impedia o movimento de ascensão das mesas, e as mãos do médium estavam sempre próximas, sob os olhos de todos os presentes, e simplesmente descansavam sobre a mesa. Parecia haver um poder novo e desconhecido em operação. Estes experimentos foram repetidos muitas vezes por mim, e estou satisfeito com a precisão do meu registro dos fatos.

Apenas em duas ou três ocasiões, quando as condições pareciam ter sido incomumente favoráveis, observei um fenômeno maravilhoso. Enquanto estava assentado à mesa grande, na nossa forma usual, coloquei a mesinha a um metro dela, ao lado da médium e da minha irmã. Após algum tempo, enquanto conversávamos, ouvimos um leve som da mesa e, olhando em sua direção, descobrimos que ela se

movia levemente em curtos intervalos e, após algum tempo, moveu-se subitamente para cima da mesa que estava ao lado da médium, como se fosse gradualmente atraída para dentro de uma esfera com forte força atrativa. Depois disso, a nosso pedido, foi atirada ao assoalho sem que qualquer pessoa a tocasse, e foi então movida de uma forma estranha, parecida com algum tipo de vida, como se estivesse procurando algum meio de subir novamente, colocando suas patas primeiro em um lado e depois em outro. Em outra ocasião, uma poltrona de couro muito grande, que permanecia a pelo menos um metro ou um metro e meio da médium, subitamente voltou-se para ela após uns poucos movimentos preliminares. É claro que é fácil dizer que isto que estou relatando é impossível. Sustento minuciosamente verdadeiro e que nenhum homem, quaisquer que sejam as suas conquistas, possui tal conhecimento exaustivo dos poderes da natureza para justificar o seu uso da palavra impossível com relação aos fatos que eu e muitos outros observamos repetidamente.

Numa noite de quarta-feira, 27 de fevereiro de 1867, alguns fenômenos muito notáveis aconteceram. As pessoas reunidas eram a minha irmã e a senhorita Nichol (hoje senhora Volckman), seu pai, o senhor H. T. Humphreys, e dois, jovens amigos meus, senhor e senhorita M. Minha esposa e sua irmã também assentaram-se na sala a alguma distância da mesa, observando. A lareira não estava acesa e nós abaixamos o gás a fim de obter uma luz suave, que permitisse a todos verem. No momento em que todos estávamos nos nossos lugares, batida, foram ouvidas indicando que as condições eram favoráveis. Buscamos então uma taça, que foi colocada no assoalho, entre a

senhorita Nichol e seu pai, e solicitamos que ela fosse batida. Após um curto período, ela foi suavemente batida, produzindo um claro som de campainha. Este som mudou para um som semelhante ao de duas taças sendo levemente batidas juntas. Então ficamos todos surpresos ao ouvir quase todo tipo de som que pudesse ser produzido por duas taças, uma dentro da outra, até o tinido de uma caindo dentro da outra. Eram totalmente idênticos aos sons que poderíamos produzir com duas taças, e apenas com duas, manipuladas de uma forma muito variada, e eu estava certo de que havia apenas uma taça na sala e de que as mãos de todas as pessoas estavam visíveis sobre a mesa.

Então pegamos a taça novamente e a colocamos sobre a mesa, onde ela era segurada pela senhorita Nichol e pelo senhor Humphreys, de forma a prevenir qualquer vibração que pudesse ser produzida por ela. Após um pequeno intervalo de silêncio, um som estranhamente delicado como o de uma batida em uma taça foi ouvido, aumentando para notas claramente argêntas variando em graus por alguns minutos, e então ficando mais desvanecidas e gradualmente cessando. Mais tarde, colocamos uma rude harpa de bambu do arquipélago malaio sob a mesa e, após diversas alterações de posição, as cordas foram tocadas, tão alta e claramente como qualquer um de nós poderia fazê-lo com os nossos dedos. Tendo acontecido tal sucesso com a taça, perguntamos se a harpa poderia também ser imitada e, tendo recebido permissão para tentarmos, colocamo-la novamente sobre a mesa. Após um curto período, leves vibrações de batidas foram ouvidas e uma imitação distinta das cordas da harpa foi ouvida, embora não tão bem-sucedida como no caso da taça de vinho.

Fomos informados, pelas batidas, na forma de comunicação usual, que foi pela influência particular do senhor Nichol que esta imitação de sons musicais sem qualquer objeto material foi realizada. Devo adicionar que a imitação dos sons produzidos por duas taças foi tão perfeita que algumas das pessoas reunidas viraram a mesa imediatamente após termos saído dela, sob a impressão de que o poder desconhecido tivesse originado de um segundo copo, mas nada foi encontrado.

Foi objetado que muito freqüentemente temos empregado a expressão de que os fenômenos que nós testemunhamos não "poderiam ter sido produzidos por qualquer uma das pessoas presentes". Eu sustento que em uma situação como esta eles não poderiam ser, e irei continuar com a convicção até que eles sejam produzidos sob condições semelhantes e que o *modus operandi* seja explicado.

Observei uma grande variedade de fenômenos, neste país e na América, alguns dos quais são referidos em outras partes deste volume. Mas eu atribuí maior importância aos que testei cuidadosamente e repetidamente, e que me deram uma sólida base factual pela qual julgo aquilo que os outros afirmam ou o que vi pessoalmente sob condições menos favoráveis.

Quem foi Alfred Russel Wallace?

Ao nascer, em 08 de janeiro de 1823, na cidade de Usk, Monmouthshire, Inglaterra, Alfred Russel Wallace tinha dois

irmãos mais velhos (William e John), duas irmãs mais velhas (Eliza e Frances), e viria a ter um irmão mais novo, Herbert Edward.

Teve uma infância difícil e, ainda adolescente, foi trabalhar com William, que se tornara carpinteiro, em Londres. Nesta época, a diversão deles era freqüentar o Hall of Science durante a noite. Esta instituição era uma espécie de clube onde se jogava dominó, bebia-se café e ouviam-se palestras sobre os ensinamentos de Robert Owen. Dentre as muitas idéias do owenismo, a sua visão de religião é brevemente descrita por Peter Raby na frase abaixo:

A única religião benéfica era a que inculcava o serviço à humanidade, cujo único dogma seria a irmandade do homem. (Raby, 1991, p.15)

Ele estudou nos Mechanics Institutes de Kington e Neath, sempre valorizando os estudos e a ciência. Em 1843, Thomas Wallace (pai de Alfred) faleceu e a família teve suas dificuldades financeiras aumentadas. O jovem Alfred foi trabalhar como professor de mapas na Collegiate School of Manchester, recebendo um salário modesto de 30 a 40 libras por ano.

Ainda jovem, leu as narrativas de viagens de Humboldt e o trabalho de Malthus, que o impressionou bastante pelo raciocínio indutivo e a capacidade de síntese.

Dois anos depois, o irmão mais velho de Wallace, William, faleceu de pneumonia. Alfred deixou o emprego e mudou-se para Neath, para cuidar dos negócios do falecido irmão. Ali pôde dedicar-se parcialmente à botânica. Ele convenceu John a vir morar com ele, o que ocorreu em 1846, e depois sua mãe e o irmão mais novo, Herbert. Eles alugaram um pequeno sítio, que ficava cerca de uma milha

do centro da cidade. Ele e o irmão participaram da construção do novo Instituto de Mecânica em Neath, que foi inaugurado oficialmente em 1848. Ele tornou-se curador do Neath Literary and Philosophical Institute, que considerava um pequeno museu com poucos recursos disponíveis para a aquisição de livros.

Wallace Naturalista

Em viagem à França, com sua irmã, Wallace visitou museus, livrarias e o Jardim Botânico, o que o fez insatisfeito com a própria coleção de plantas, por ter apenas espécimes locais. Isto, somado aos seus interesses teóricos, trouxe-lhe o desejo de viajar para fora da Inglaterra.

Aos 25 anos, Alfred veio a Amazônia, sem salário e acompanhado por seu irmão, Herbert. Na floresta tropical coletou variados tipos de planta, inseto, aves e outros animais. Desembarcou em Salinópolis, em maio de 1848, e viajou por Belém do Pará, Manaus e localidades do rio Negro, fazendo sua recolha de animais e vegetais. Em sua primeira remessa à Inglaterra, enviou cerca de 1300 diferentes espécies de animais e plantas.

Herbert contraiu febre amarela em Belém e faleceu com vinte e dois anos, em junho de 1851, deixando Alfred muito abatido. Enquanto estava no rio Negro, Alfred também adoeceu gravemente, mas recuperou-se para voltar às ilhas britânicas e constatar a perda de muitas das caixas que enviou, em decorrência de tempestades e outros contratemplos.

Uma vez na Inglaterra, Alfred R. Wallace foi aceito como pesquisador visitante na Sociedade Entomológica, na

qual fez duas conferências. Ele escreveu *Travels on Amazon and Rio Negro* e imprimiu 250 volumes.

Wallace desejava fazer outra viagem e planejou uma segunda expedição para o arquipélago malaio, onde ficou por oito anos. Chegou em Singapura em abril de 1854 e iniciou uma extensa exploração das ilhas em busca de espécimes diversos.

Segundo Raby (2000, p. 132), desde 1838 Wallace já propunha a luta pela sobrevivência como causa da mudança das espécies no processo evolutivo, idéia que lhe ocorreu a partir da leitura de Malthus. Quatro anos depois, escreveu um resumo de suas idéias em 35 páginas, que foram crescendo até o verão de 1844, quando já havia escrito um volume de 230 páginas.

Apenas em 1855 iniciar-se-ia a correspondência entre Wallace e Charles Darwin, alimentada pelo seu interesse comum nos temas ligados à teoria da evolução. Em 1858, Darwin recebeu uma carta de seu par que o assustou bastante, porque nela se via a teoria da seleção natural, que até então Darwin acreditava ser originalmente sua. Os dois naturalistas passaram a trocar correspondência regularmente e é de se entender que vieram a ser bons amigos.

Em 1858, as idéias de ambos foram apresentadas em um encontro da Linnean Society, em uma mesa que continha também uma carta da naturalista norte-americana Asa Gray. O trabalho de Wallace denominava-se. Sobre a tendência das variedades de se afastar em indefinidamente do tipo original. As comunicações foram apresentadas na ordem cronológica, o que mostrava a preocupação dos naturalistas na Inglaterra em mostrarem que Darwin não houvera roubado nenhuma idéia de Wallace. Como Alfred encontrava-se no arquipélago

malaio, seu trabalho foi lido por um dos naturalistas envolvidos no evento.

No ano seguinte, Darwin enviou as provas do livro que o celebrou, *A origem das espécies*, para a avaliação de Wallace, que leu com admiração o trabalho. Raby (2000, p. 151) transcreveu um comentário, acerca do livro, que Alfred dirigiu a seu correspondente George Silk:

O senhor Darwin deu ao mundo uma nova ciência e seu nome devia, na minha opinião, ser colocado acima do de todos os filósofos dos tempos antigos ou modernos.

A publicação do trabalho de Darwin fez com que Wallace desistisse de publicar o seu próprio livro de teoria. Muito recentemente, alguns escritores, com base no sumiço da correspondência de Charles Darwin, Alfred R. Wallace, Charles Lyell e Hooker, trocada pouco antes da famosa comunicação conjunta na Linnean Society, aventaram a hipótese de Darwin ter-se apropriado indevidamente das idéias de Wallace para a solução de problemas que não houvera resolvido em sua teoria. Esta idéia, entretanto, continua sendo apenas especulação e possibilidade.

Alfred R. Wallace retornou à Inglaterra, de volta de sua grande viagem, em abril de 1862. Nesse período, ele participou ativamente de debates sobre a origem do homem, tema que Darwin se resguardava de discutir, possivelmente, por suas implicações religiosas e políticas. Em 1866, Wallace se casou com a senhorita Annie Mitten, com quem viveu por longos anos.

A vida intelectual de Wallace foi muito prolífica. Entre livros, artigos e entrevistas, ele efetuou mais de 750 publicações. Seus livros que abordam mais citados temas da biologia são:

Darwinismo (1889),
O arquipélago malaio (1869),
A distribuição geográfica dos animais (1876),
A vida insular (1880),
A natureza dos trópicos e outros ensaios (1878),
Contribuições à teoria da seleção natural (1870).

Diversas vezes ele foi premiado por seus trabalhos e se tornou membro das sociedades científicas inglesas mais eminentes em sua área, dentre elas a Zoological Society, a British Ornithologists Union, a Linnean Society e a British Society for the Advancement of Science. Tornou-se presidente da Entomological Society, em 1872.

Como cientista, expôs-se em situações polêmicas, como na condenação da vacinação - que entendia ser um equívoco da medicina "que o futuro não tardaria em mostrar" -, na defesa da frenologia e ao aceitar o desafio público que um leigo havia lançado com relação ao relevo das ilhas, que Wallace venceu, ganhando uma soma em dinheiro adicionada ao desafeto do adversário.

Wallace Espiritualista

Alfred R. Wallace foi introduzido ao pensamento de Robert Owen em sua juventude, como já o dissemos. De certa forma, a influência de Owen incentivou o seu gosto pelos estudos e pelas ciências. Ainda como professor em Leicester, assistiu a uma conferência sobre mesmerismo, dada por Spencer Hall, que o levou a fazer experimentos com seus alunos, obtendo resultados que o impressionaram e marcaram o início das pesquisas que o conduziram ao exame dos fatos do espiritualismo.

Em suas viagens pela Amazônia e pelo arquipélago malaio, ele não se esqueceu dos seus estudos mesméricos. No Pará, seu irmão Herbert fez alguns experimentos com índios e com a população local, e os biógrafos relatam que ele levou curumins ao estado de transe profundo. Alfred paralisou o braço de um homem de sua idade, empregando as técnicas de magnetização que conhecia. Nas correspondências que trocava com os seus amigos e familiares, foi informado da onda espiritualista que havia sido criada pelas viagens de médiuns norte-americanos pela Europa. No início dos anos 1850, a senhora Hayden converteu Robert Owen ao espiritualismo moderno e isto pode ter afetado a Wallace, que demonstrou interesse em realizar pesquisas sobre a mediunidade quando retornasse às ilhas britânicas.

Smith (2002) entende que ele se converteu ao espiritualismo em meados de 1866 e permaneceu espiritualista até o final de seus dias, tendo levado a efeito mais de cem publicações sobre o assunto. Raby (2001) afirma que a sua uma Fanny já era uma espiritualista ativa e que isto o influenciara, entretanto, não há como negar o interesse de Wallace pelo owenismo desde a juventude, assim como suas incursões pelo mesmerismo e pela frenologia, o que mostra uma trajetória pessoal anterior à influência de Frances Wallace. Outra clara influência que se pode perceber em um outro trabalho de Wallace é a da epistemologia dos empiristas ingleses, que postulavam a observação como base da construção do conhecimento, bem como do seu naturalismo. Essa metodologia seria a escolhida por Alfred para o estado dos fenômenos considerados

espirituais, bem como para o debate que realizou com os céticos durante o resto de sua vida.

O próprio Wallace explica sua conversão às idéias espiritualistas em uma entrevista:

Quando voltei do exterior, em 1862, li sobre o espiritualismo e, como a maioria das pessoas, achei que fosse tudo fraude, ilusão, estupidez. Encontrei pessoas aparentemente inteligentes e sadias que ora asseguravam que haviam experienciado coisas maravilhosas. A senhora Marshall era uma médium conhecida em Londres àquela época e, após um exame detido, fiquei convencido de que os fenômenos associados a ela eram perfeitamente genuínos. Mas levei três anos de investigações subseqüentes para certificar-me de que eles eram produzidos por espíritos. (Dawson, 1898)

Peter Raby conduziu sua biografia de Wallace mostrando como a idéia do espiritualismo era mal recebida pelos círculos científicos da época e, de certa forma, tentando explicar como um homem como ele teria sido crédulo o suficiente para defender estas idéias. A leitura da obra de Wallace mostrou-nos que ele trabalhou como um naturalista em assuntos espiritualistas. Ele leu a literatura disponível à sua época, realizou pesquisas diversas, criou mecanismos de identificação de fraude e tentou sensibilizar seus pares para o tema, tendo sido mal recebido e mal interpretado na maioria das vezes. Isto não o fez desanimar, o que foi interpretado por Raby como um traço obsessivo - em outras palavras, sua convicção foi entendida como teimosia.

Como o leitor pôde ler com mais detalhes neste livro, Wallace fez contato com pessoas do seu círculo que se interessavam pelo espiritualismo. Inicialmente, assistiu a

algumas sessões promovidas pela senhora Marshall, uma médium profissional, e pôde assistir a fenômenos de mesas girantes e raps. Posteriormente, promoveu sessões de pesquisa em sua própria residência, controlando com rigor o ambiente e buscado obter fenômenos que o permitissem sustentar a hipótese espiritualista frente a outras hipóteses, então em voga, propostas por pessoas que buscavam dar uma explicação diversa aos fenômenos.

O aspecto científico do sobrenatural foi publicado em 1866 e, em 1871, ele escreveu e leu um trabalho chamado uma resposta aos argumentos de Hume, Lecky e outros contra os milagres para a Dialectical Society. Nessa época, Crookes estava realizando suas pesquisas com o médium Daniel D. Home. Wallace se tornou um defensor das idéias espiritualistas, como no episódio em que escreveu para uma revista um artigo de seis páginas, contrapondo-se a um trabalho de Tyndall, que contradizia a opinião de que Daniel Dunglas Home, conhecido médium de materializações, não havia sido devidamente investigado.

Uma das médiuns que Wallace pesquisou foi a senhora Guppy (anteriormente senhorita Nichols), que possuía faculdades de efeitos físicos. Em março de 1874, ele identificou a mãe em duas das fotos obtidas. Raby considera improvável a existência anterior de alguma fotografia da senhora Guppy junto à família.

Nesse mesmo ano, Wallace publicou, no Fortnighly Review, um grande ensaio denominado A defesa do espiritualismo moderno. Este ensaio e os dois anteriores foram reunidos em um livro que se chamou Milagres e o espiritualismo moderno, publicado em março de 1875. Teve diversas edições posteriores, às quais foram adicionados

outros trabalhos. A última edição de que temos notícia foi tirada em 1970.

O médium Henry Slade, em viagem pela Europa, realizou sessões pagas na Inglaterra a partir de setembro de 1876, quando teve suas faculdades estudadas por diversos pesquisadores, como o professor Barrett, o reverendo Stainton Moses, Serjeant Cox, o doutor Carter Blake e o próprio Wallace. Slade foi acusado de fraude pelo biólogo professor Ray Lankester, que fez uma carta-denúncia para o jornal *The Times*, acusando de tomar dinheiro de modo fraudulento. O caso foi parar na barra dos tribunais e Wallace levantou-se em defesa do médium, reafirmando suas faculdades, relatando as demais observações realizadas com ele por outros pesquisadores e explicando a posição de Lankester com a seguinte sentença:

O professor Lankester foi com a firme convicção de que tudo o que ia assistir era impostura e, assim, pensa que viu imposturas, assim (Apud Doyle, s.n. p. 241).

Mesmo com a defesa realizada pelos espiritualistas e a circunstancialidade das acusações, Slade foi condenado com base na lei da vagabundagem inglesa. Doyle dá alguns detalhes sobre o processo, deplorando a forma como o magistrado julgou e sentenciou o médium norte-americano.

O fato de Wallace ter-se unido aos espiritualistas ingleses na defesa do médium teve implicações em sua vida profissional, uma vez que o próprio Lankester o denunciou aos seus pares da Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência por ter "degradado as discussões da sociedade pela introdução do espiritualismo". Esta acusação se baseou em uma comunicação em que William Barrett defendia a existência da telepatia e referia-se a fenômenos mesméricos

e espiritualistas, aprovada para um encontro da referida sociedade. A aprovação da comunicação se deu na subseção de antropologia, como um voto de Minerva dado por Wallace, que era presidente da seção de biologia.

Toda esta publicidade negativa fez com que Wallace não fosse eleito secretário da Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência e também dificultou a posterior concessão de uma pensão do Governo Britânico, numa época em que ele passava por dificuldades financeiras. Ele houvera escrito a Arabella Buckley, secretária de Lyell, solicitando-lhe ajuda para conseguir algum emprego que o permitisse sustentar a família. Ela solicitou a Darwin que o indicasse para receber uma pensão do governo. Darwin iniciou uma série de consultas a seus pares, que hesitaram em fazer uma recomendação de Wallace ao burocrata responsável, em decorrência dos eventos polêmicos e de sua adesão ao espiritualismo, como se pode ler no seguinte trecho da correspondência de Hooker;

Como pode um homem pedir a seus amigos que assinem tal solicitação? Além disso, que governo pode honestamente ser informado que o candidato é um público e destacado espiritualista? (Raby 2001. p.222)

Sem saber do acontecido, Wallace submeteu os textos de seu livro *Vida insular* a Hooker, acatou as suas sugestões e lhe fez uma dedicatória. Ao conhecê-lo melhor, como homem e como cientista, o pesquisador mudou de opinião e escreveu a Darwin incentivando-o a continuar com o pedido de pensão para Wallace, que foi concedida em 1881, tornando-lhe a vida um pouco mais tranqüila.

Cinco anos depois, Wallace viajou a Nova York para fazer conferências e visitou três sociedades espiritualistas

norte-americanas, em Boston, Washington e São Francisco (Fodor, s.n.). Ele assistiu a sessões e fez contatos com os espiritualistas norte-americanos. Encontrou-se com o conhecido psicólogo William James em diversas ocasiões. Em uma delas, assistiu a uma sessão de materialização com a senhora Ross na qual apareceram muitas pessoas e objetos, como um índio, um rosto de bebê, que ele beijou, etc. Em uma outra sessão, ele identificou um primo, Alg. Wilson.

Houve uma acusação de fraude da médium e Wallace escreveu em sua defesa em uma carta publicada no jornal *Banner of Light*. Nessa época, Wallace publicou um artigo intitulado "Estão os fenômenos do espiritualismo em harmonia com a ciência?", mas os biógrafos não se entenderam quanto a data e local desta publicação. Raby e Fodor dizem que ocorreu em 1886, no *Banner of Light*. Smith afirma que foi publicado originalmente em 1885, no jornal *Sunday Herald*, de Boston, e depois republicado com pequenas modificações no periódico *The Médium and Daybreak*, em dezembro de 1885. De qualquer forma, o texto em inglês pode ser lido no endereço www.wku.edu/-smithch/s379.htm.

Wallace prosseguiu com suas publicações espiritualistas até o seu falecimento, em 7 de novembro de 1913. Alguns de seus artigos acham-se publicados na página de Smith, mas foge ao objetivo deste pequeno esboço biográfico apresentá-los a exaustão. Deixamos ao leitor apenas mais uma referência, a de um artigo intitulado "Espiritualismo e trabalho social", publicado em 1898 na revista espiritualista *Light* e que pode ser acessado no endereço www.wku.edu/-smithch/s545.htm.

Alfred Russel Wallace enfrentou a intolerância de uma época, intolerância contra sua origem social, contra sua religião e mesmo contra a sua honestidade científica. De alguma forma, somos herdeiros do seu trabalho e por esta razão consideramos importantes homenageá-lo trazendo à luz aquilo que fez de melhor enquanto encarnado: compreender.

Referências Bibliográficas

Dawson, Albert (?) A visit to Dr. Alfred Russel Wallace, F.R.S. (online)

www.wku.edu.

Doyle Arthur C. - História do Espiritismo. São Paulo: Pensamento, s.n.

Fodor, Nandor. - Encyclopedia of psychical Sciences.

Raby, Peter - Alfred Russel Wallace: A Life. New Jersey: Princeton University Press, 2001.

Smith, Charles – The Alfred Russel Wallace Page – www.wku.edu.

Wallace A.R. - Miracles and modern spiritualism. Nova York: Arno press, 1975

FIM

